



23 a 25 de junho de 2022
Universidade Estadual Paulista
Câmpus de São José do Rio Preto



CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

São José do Rio Preto (SP)
Junho/2022

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA FUNCIONAL

Universidade Estadual Paulista
Câmpus de São José do Rio Preto
23 a 25 de junho de 2022

Comissão organizadora

Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Unesp/S.J. Rio Preto)
Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner (Unesp/SJRP)
Angélica Karim Garcia Simão (Unesp/SJRP)
Edson Rosa Francisco de Souza (Unesp/SJRP)
Flávia B.M. Hirata-Vale (UFSCar)
Gisele Cássia de Sousa (Unesp/SJRP)
José Roberto Prezotto Júnior (PPGEL/Unesp/SJRP)
Marcelo Henrique Vieira de Faria (PPGEL/Unesp/SJRP)
Monielly Cristina Saverio Serafim (PPGEL/Unesp/SJRP)
Sandra Denise Gasparini-Bastos (Unesp/SJRP)
Taísa Peres de Oliveira (UFMS)
Talita Storti Garcia (Unesp/SJRP)

Comissão Científica

Angélica Karim Garcia Simão (Unesp/SJRP)
Angélica Terezinha do Carmo Rodrigues (UNESP/Ar)
Caroline Biazolli (UFSCar)
Cássio Florencio Rubio (UFSCar)
Cibele Souza (UFERSA)
Edson Rosa Francisco de Souza (Unesp/SJRP)
Edvaldo Bispo (UFRN)
Erotilde Goreti Pezatti (Unesp/SJRP)
Flávia B.M. Hirata-Vale (UFSCar)
Gisele Cássia de Sousa (Unesp/SJRP)
Ivo do Rosário (UFF)
Leosmar da Silva (UFG)
Marcelo Módolo (USP)
Márcia Machado (UFRJ),
Marcos Wiedemer (UERJ)
Maria Maura Cezário (UFRJ)
Mariângela Rio de Oliveira (UFF/UERJ)
Michel Fontes (UFMS)
Roberto Camacho (Unesp/SJRP)
Rosane de Andrade Berlinck (Unesp/Ar),
Sandra Denise Gasparini Bastos (Unesp/SJRP)
Solange Fortilli (UFMS)
Taísa Peres de Oliveira (UFMS)
Taísa Robuste (GESF)
Talita Storti Garcia (Unesp/SJRP)
Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG)

A redação dos resumos deste caderno é de responsabilidade de seus autores.

PROGRAMAÇÃO GERAL

23/06/2022 – quinta-feira

8h30 – 9h	Cerimônia de abertura
9h – 10h20	<p>Conferência de abertura</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/4RySj2BXbOQ</p> <p style="text-align: center;">BODY-PART SYNTAX Christian Lehmann Universidade de Erfurt/Alemanha</p> <p>Mediador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)</p>
10h20 – 10h30	Intervalo
10h30 – 12h00	<p>Mesa-Redonda I – As bases cognitivas da gramática</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/x58F0USIn6M</p> <p style="text-align: center;">ALTERNÂNCIA CONSTRUCIONAL SEM VARIAÇÃO SEMÂNTICA? RESPOSTA COGNITIVA E FUNCIONAL Augusto Soares da Silva Universidade Católica de Braga/Portugal</p> <p style="text-align: center;">A GRAMÁTICA: O FUNCIONALMENTE VISTO E A NECESSÁRIA IMPLICAÇÃO DE BASES COGNITIVAS Maria Helena de Moura Neves Universidade Estadual Paulista/Araraquara Universidade Presbiteriana Mackenzie</p> <p>Mediadora: Gisele Cássia de Sousa (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)</p>
12h00-13h30	Intervalo
13h30-15h20	<p>Sessão Temática I: Funcionalismo e Mudança Gramatical</p> <p>Link de acesso: https://meet.google.com/ipr-wczv-hmb</p> <p style="text-align: center;">MUDANÇA GRAMATICAL A PARTIR DE VERBOS: TENDÊNCIAS FUNCIONALISTAS NA UNEB-BA Cristina dos Santos Carvalho Universidade do Estado da Bahia/Conceição do Coité</p> <p style="text-align: center;">GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA: A PROPÓSITO DOS NÓS E ELOS NA REDE DE CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTIFICADORAS EM RUSSO E EM PORTUGUÊS Diego Leite de Oliveira Universidade Federal do Rio de Janeiro</p> <p style="text-align: center;">O LUGAR DO SIGNIFICADO EM PROCESSOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS VALORES DE MODOS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO Rosane de Andrade Berlinck Universidade Estadual Paulista/Araraquara CNPq</p> <p>Mediador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)</p>

Sessão Temática II: Funcionalismo e Teoria Gramatical

Link de acesso: <http://meet.google.com/yxf-unzc-rnp>

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL
Roberto Gomes Camacho

Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Edvaldo Balduino Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA

Juliano Desiderato Antônio

Universidade Estadual de Maringá/Maringá

Mediador: Talita Storti Garcia (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

15h20 – 15h30 **Intervalo**

15h30 – 17h00 **Sessões de Comunicações**

Sessão de comunicações 1 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/dnp-xutk-cyo>

Moderador da sala: Taísa Peres de Oliveira

"[VAI QUE]CONNECT": UMA ANÁLISE FUNCIONAL BASEADA NO USO
Leyla Ely (UFRJ) / Maria Maura Cezário (UFRJ)

A CONSTRUÇÃO SERÁ QUE NO ESQUEMA [X QUE]CONNECT
Fernanda Matos Moreira (UEG)

ABORDAGEM FUNCIONAL CENTRADA NO USO DA CONSTRUÇÃO [DENTRO/FORA DE X]
Daniel Ewerton De Sousa (UFRN)

ABORDAGEM FUNCIONAL DO *SE É QUE*: RELAÇÕES DE CONDICIONALIDADE NOS USOS DO CONECTOR A PARTIR DA ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL E DA EXISTÊNCIA OU NÃO DE PAUSA
Aymmée Silveira Santos (UFPB) / Camilo Rosa Silva (UFPB)

Sessão de comunicações 2 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/eev-oihm-voa>

Moderador da sala: Marcelo Henrique Vieira de Faria

"DEIXE QUE DIGAM, QUE PENSEM, QUE FALEM":
 A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
Francisco Mário Carneiro da Silva (UFPE) / Camila Stephane Cardoso Sousa (UFC)

O DISCURSO DO AUTOCUIDADO EM SAÚDE: UMA DESCRIÇÃO DE GÊNEROS NA COVARIÇÃO EXPERTO - LEIGO
Francieli Silvéria Oliveira (UFMG)

ANÁLISE DE CLÁUSULAS RELACIONAIS EM TRÊS DIMENSÕES:
 O PAPEL DAS CLÁUSULAS RELACIONAIS EM RELATOS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA
Jhonathan Leno Reis França Santana (UFES)

"TALE AS OLD AS TIME":
 O CONCEITO NARRATIVO DE JORNADA DO HERÓI EM ANIMAÇÃO SOB UMA ÓTICA CONTRASTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL
Laura Scaramussa Azevedo (UFOP)

Sessão de comunicações 3 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/gzi-ipyk-btz>

Moderador da sala: Flávia B. M. Hirata-Vale

POLIFUNCIONALIDADE EM CONSTRUÇÕES COM AGORA: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO
Ramilda Viana Gomes da Silva (UFSB) / **Valéria Viana Sousa** (UFSB)

PROCESSO DE *CHUNKING* NAS MICROCONSTRUÇÕES [*EM RAZÃO DE*]_{CONNECT} E [*EM VIRTUDE DE*]_{CONNECT}
José Walbérico da Silva Costa (UFF)

SIGNIFICADO COMPOSICIONAL DA CONTRAFACTUALIDADE:
ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DA HIPOTÉTICA COMPARATIVA "COMO SE"
Graziela Jacques Prestes (UFRGS)

MULTIFUNCIONALIDADE E QUESTÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL:
O TRÂNSITO DE VERBOS ENTRE PADRÕES CONSTRUCIONAIS
Solange De Carvalho Fortilli (UFMS/CPTL)

Sessão de comunicações 4 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/def-tdhd-bky>

Moderador da Sala: Edson F. R. Souza

USOS DE *MEIO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS E GRAMATICALIZAÇÃO
Iлана Guimarães de Souza (UNEB) / **Cristina Dos Santos Carvalho** (UNEB)

A CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE [*VERBO VISUAL (XAFIXOIDE)*]_{MDVV}
Vania Rosana Mattos Sambrana (SEEDUC/RJ - D&E/RJ e CCO/UFF)

RELAÇÕES COESIVAS E SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO CONECTORA [*DIANTE DISSO*]_{CONNECTOR} À LUZ DO
FUNCIONALISMO
Carolina Reis Fonseca (UFF)

ESTATUTO LÉXICO-GRAMATICAL DE CONECTIVOS FINAIS EM PORTUGUÊS
Fábio de Lima Moreira (UFMS) / **Michel Gustavo Fontes** (UFMS)

Sessão 5 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/mgi-dpgt-ngs>

Moderador da sala: Talita Storti Garcia

A CONFORMIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA LFCU
Myllena Paiva Pinto de Oliveira (UFF)

AQUISIÇÃO E(M) TRADIÇÃO DISCURSIVA: UMA ABORDAGEM DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NA NARRAÇÃO
Bruna de Paula Silva (UNESP/IBILCE)

UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE MECANISMOS DE JUNÇÃO NA COMPARAÇÃO ENTRE TRADIÇÕES
DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA
Mateus Dias Santana (UNESP/IBILCE)

OS PRONOMES RELATIVOS NO PORTUGUÊS ESCRITO POR ADOLESCENTES DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE
SÃO PAULO SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL
Erotilde Goreti Pezatti (UNESP/IBILCE) / **Juan Prete Tojeira Ramos** (UNESP/IBILCE)

Sessão 6 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/cik-ahmb-vgh>

Moderador da sala: José Roberto Prezotto Júnior

A ESTRUTURA "DE + SN" COMO MODIFICADOR DO SUBSTANTIVO "DOSE": UMA ANÁLISE FUNCIONAL-COGNITIVISTA
Abraão Cleber Silva Nolasco (UFES) / **Gesieny Laurett Neves Damasceno** (UFES)

AS CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS [[N1 DE] N2]QUALIFICADOR
Andreza de Araújo Rogeri (UFMS/CPTL)

A ORDENAÇÃO DE MODIFICADORES QUALIFICADORES PÓS-NUCLEARES DO SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS
Nathalia Pereira de Souza Martins (UNESP/IBILCE)

A EXPRESSÃO DE PERCURSO NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS
Pedro Henrique Truzzi de Oliveira (UNESP/IBILCE)

Sessão 7 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/jxj-ypbt-emx>

Moderador da sala: Sandra Denise Gasparini-Bastos

A ATUAÇÃO DO TRAÇO SEMÂNTICO [CONTROLE] PARA A REINTERPRETAÇÃO DA PERÍFRASE *TENER QUE* NO
ESPANHOL PENINSULAR
Ana Luiza Ferancini Nogueira (UNESP/IBILCE)

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO MODALIZADORA *V + PREP. + INFINITIVO*
Líneker Trajano dos Santos (UFRN)

A COCORRÊNCIA DE MODALIZADORES DEÔNTICOS E VOLITIVOS EM UMA OBRA DE AUTOAJUDA ESPANHOLA
AMANDA TREMURA DA SILVA (UNESP/IBILCE)

AS MODALIDADES VOLICIONAIS EM RELATOS DE QUARENTENA:
UMA ANÁLISE FUNCIONAL DO MODAL *DEBER* EM LÍNGUA ESPANHOLA
André Silva Oliveira (UFRN)

Sessão 8 – 23/06/2022 – 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/fkv-oaan-ymy>

Moderador da sala: Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner

A TRANSPARÊNCIA NA LÍNGUA DÂW: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL
Danytiele Cristina Fernandes de Paula (CEFET-MG/ARAXÁ)

O LUGAR DOS EVIDENCIAIS DE INFORMAÇÃO NÃO TESTEMUNHADA EM UMA CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA DA
EVIDENCIALIDADE
Vítor Henrique Santos da Silva (UNESP/IBILCE)

UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE INCORPORAÇÃO NOMINAL EM LÍNGUAS ARAWÁK
Camille Cardoso Miranda (UNICAMP)

UMA ANÁLISE FUNCIONAL DA MARCAÇÃO DE TEMPO RELATIVO E ASPECTO EM LIBRAS EM GENÊRO TEXTUAL
RECEITA
Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto (UFGD / IBILCE/UNESP)

24/06/2022 – sexta-feira

8h30 – 10h00

Sessões de Comunicações

Sessão de comunicações 9 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/dhs-rvxw-iaf>

Moderador da sala: Marcelo Henrique Vieira de Faria

CONECTIVOS CONDICIONAIS COM 'CASO' NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Camila Fernandes da Silva (UFMS-CPTL)

ENRIQUECIMENTOS SEMÂNTICOS NA SINCRONIA ATUAL DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

Marcello Martins Machado (UFF)

ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR *VISTO QUE*, *DADO QUE* E *POSTO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Juliana Barboza do Nascimento (UFRJ)

OS CONECTORES *COM O OBJETIVO DE*, *COM O INTUITO DE* E *COM O FITO DE* À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Brenda da Silva Souza da Costa (UFF)

Sessão de comunicações 10 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/amu-cujo-cdy>

Moderador da sala: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

#PARTIUESTUDAR - A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E A LINGUAGEM MULTIMODAL NO ENSINO

Agameton Ramsés Justino (UFR)

Michele Denise da Silva (UFG)

'VAI DAR MUITO CERTO': UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DE ALGUMAS MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA [DAR + AA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Raissa Romeiro Cumán (UFRJ)

A PROJEÇÃO DO CORPO HUMANO NA CRIAÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS INTENSIFICADORAS

Ana Ligia Scaldelai Salles (UNESP/IBILCE)

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MICROCONSTRUÇÃO *PORQUE DE* NO PORTUGUÊS DE VALENÇA-BA

Paulo Henrique da Silva Santos (UNEB) / **Cristina Dos Santos Carvalho** (UNEB)

Sessão de comunicações 11 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/dkv-jpmy-zbk>

Moderador da sala: Angélica Karim Garcia Simão

CLÁUSULAS INDEPENDENTES DESGARRADAS E INSUBORDINADAS NO LIVRO DE SALMOS

Ariane Pinto Costa (UFRJ)

CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL

Eder Cavalcanti Coimbra (UFSCAR)

DESGARRAMENTO E INSUBORDINAÇÃO NO *WHATSAPP*

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM A CONJUNÇÃO *SE* NO PORTUGUÊS

Maria Carolina Coradini (UFSCAR)

Sessão de comunicações 12 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/uqu-vzqs-peu>

Moderador da sala: Monielly Cristina Saverio Serafim

ARGUMENT DOUBLING AND RIGHT-DISLOCATION – AN RRG-ANALYSIS OF HEAD-MARKING IN ISIZULU
Jens Fleischhauer (Universität Zu Köln)

INVESTIGATING THE IMPACT OF INTEGRATING INDUCTIVE AND DEDUCTIVE METHODS ON ALGERIAN EFL STUDENTS' ACHIEVEMENT IN GRAMMAR: THE CASE OF EFL STUDENTS AT THE UNIVERSITY OF EL-OUED, ALGERIA
Ghedeir Brahim Mohammed (UNIVERSITY OF EL OUED, ALGERIA)

LEXIS AS A LINGUISTIC RESOURCE FOR MEANING-MAKING PRODUCTION:
AN INITIAL STUDY BASED ON SYSTEMIC-FUNCTIONAL THEORY
Júlia Santos Nunes Rodrigues
Adriana S. Pagano

Sessão de comunicações 13 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/zpg-vijb-dgu>

Moderador da sala: Taísa Peres de Oliveira

ENTRE FORMAS E FUNÇÕES:
OS USOS DAS FORMAS PERIFRÁSTICAS *IR* + *INFINITIVO* NA LÍNGUA ESCRITA MONITORADA
Kerolyn Pereira Sarate (UFSC)

O MACROESQUEMA DA PREDICAÇÃO:
A REVERSIBILIDADE SEMÂNTICA DA CONSTRUÇÃO-SUPORTE E DA CONSTRUÇÃO DE AUXILIARIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
Eduardo Almeida Flores (UFG) / **Raiani Sena Neves** (UEG)

ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE *[ACABOU+(PREP)+V]*, EM JORNAIS DIGITAIS DO BRASIL.
Felipe Rodrigues de Araújo (UFG)

GOTTA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE AUXILIARIDADE NO INGLÊS AMERICANO CONTEMPORÂNEO
Ana Flávia Matos Freire (UFRN)

Sessão de comunicações 14 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/ukw-hqjn-myp>

Moderador da sala: Talita Storti Garcia

A PRODUTIVIDADE DA TRANSITIVIDADE VERBAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel (UEG)
Eleone Ferraz de Assis (UEG)

O PERFIL DE REATIVAÇÃO E CONTINUIDADE LINGUÍSTICA DOS FALANTES DE PLH
Ana Luiza Oliveira de Souza (UFG / Univeristà di Pisa)

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO - APLICAÇÃO AO ENSINO DE L1 E L2
ROSA LUCIA ROSA GOMES
(Escola Municipal Etiene)

A ABORDAGEM SOBRE CONJUNÇÕES EM LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MÉDIO:
UMA ANÁLISE AO LONGO DO TEMPO
Dennis Castanheira (UFF) / **Carolina Caseira** (UFRJ)

Sessão de comunicações 15 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/nkz-dcbj-axg>

Moderador da sala: Flávia B. M. Hirata-Vale

COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL DE PREDICADOS DE PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO SOB PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Vinícius Albuquerque de Souza (UFPE) / **Lucas da Silva Melo** (UFPE) / **René Dominique de Oliveira Menezes** (UFPE) / **Maurício Barbosa Lopes** (UFPE) / **Emanuel Cordeiro da Silva** (UFPE)

CONEXÕES HORIZONTAIS ENTRE CONSTRUÇÕES DE MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL NO PORTUGUÊS
José Roberto Prezotto Junior (UNESP/IBILCE)

MODOS DE SUBORDINAÇÃO CONCEPTUAL E RELAÇÕES DE HERANÇA ENTRE CONSTRUÇÕES COM O VERBO "SABER"
Flávia do Carmo Bertasso (UNESP/IBILCE)

COORDENAÇÃO NÃO ORACIONAL ADITIVA
Lisangela Guiraldelli (Fundação Educacional de Ituverava) / **Ana Maria Paulino Comparini** (SEE-SP)

Sessão de comunicações 16 – 24/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/kob-nqca-wyx>

Moderador da sala: Sandra Denise Gasparini-Bastos

A NÃO RESTRITIVIDADE DO ADJETIVO EM LÍNGUA ESPANHOLA: UM ENFOQUE DISCURSIVO-FUNCIONAL
Bárbara Ribeiro Fante (UNIOVI/Oviedo)

USOS DE "PERO BUENO", "PERO CLARO" E "PERO VAMOS" NO ESPANHOL PENINSULAR COLOQUIAL
Carolina da Costa Pedro (UNESP/IBILCE)

UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DE "UN POCO" EM DADOS DO ESPANHOL PENINSULAR FALADO
Helen Martins Rodrigues (UNESP/IBILCE)

MECANISMOS COESIVOS EM PORTUGUÊS E ESPANHOL: IGUAIS, SEMELHANTES, DIFERENTES?
Hila Albano (Instituto de Investigación en Lenguas Modernas, Escuela de Lenguas Modernas, Universidad del Salvador - USAL, Argentina) / **Federico Polastri** / **Santiago Ure Dibar**

10h00 – 10h10 **Intervalo**

10h10 – 11h30 **Conferência II**

Link de transmissão: <https://youtu.be/CS3N73rU0SQ>

FUNCTIONALISM AND CHANGE IN THE LANGUAGE NETWORK
Graeme Trousdale

Universidade de Edimburgo / Escócia

Mediadora: Taísa Peres de Oliveira (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

11h30 – 13h30 **Intervalo**

13h30-15h20 **Mesa-Redonda II: Funcionalismo e Funcionalismos**

Link de transmissão: https://youtu.be/pvDNPkEM_XU

PSEUDOCLEFTS IN FUNCTIONAL DISCOURSE GRAMMAR
Hella Olbertz

Universidade de Santiago de Compostela/Espanha

THE HISTORICAL RISE OF INCHOATIVE AUXILIARY VERBS:
COMPARING GRAMMATICALIZATION AND CONSTRUCTIONALIZATION THEORIES
Renata Enghels

Universidade de Ghent/Bélgica

ASPECTOS DE COESÃO LEXICAL EM PORTUGUÊS EUROPEU
Carlos Alberto Marques Gouveia

Universidade de Lisboa/CELGA-ILTEC/Universidade de Coimbra/Portugal

Mediadora: Flávia B.M. Hirata-Vale (Universidade Federal de São Carlos)

15h20 – 15h30 **Intervalo**

15h30-17h20 **Sessão Temática III: Funcionalismo e Tipologia**

Link de acesso: <https://meet.google.com/vjk-qkue-xni>

A ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL DE MARCADORES NEGATIVOS:
UMA RELEITURA DA NEGAÇÃO EM KAMAIURÁ
Marize Mattos Dall´Aglio-Hattner / Vítor Henrique Santos da Silva
Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto

COSUBORDINATION
Kees Hengeveld
Universidade de Amsterdã/Países Baixos

MECANISMOS DE INCORPORAÇÃO NOMINAL EM LÍNGUAS INDÍGENAS
Angel Corbera Mori
Universidade Estadual de Campinas

Mediador: Edson Rosa Francisco de Souza (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

Sessão Temática IV: Funcionalismo e Variação

Link de acesso: <https://meet.google.com/snu-nrqe-mhm>

FUNCIONALISMO/SOCIOLINGÜÍSTICA: ESTADO DA ARTE E DESAFIOS DE UMA INTERFACE
Edair Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

O VARIÁVEL, O CATEGÓRICO E O GRADUAL
Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe

SOCIOLINGÜÍSTICA: SÓ UMA METODOLOGIA?
Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas

Mediador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

17h20 – 18h30 **Roda de conversa espontânea entre os participantes do evento**

Link de acesso: <https://meet.google.com/nnm-nyna-sqq>

25/06/2022 – sábado

8h30 – 10h00 Sessões de Comunicações Individuais

Sessão de comunicações 17 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/yxo-vxee-zmz>

Moderador da sala: José Roberto Prezotto Júnior

GRAMATICALIZAÇÃO E SUBJETIVIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM "SE BEM (QUE)" NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS
Gabriel Benedetti (UNESP)

O PADRÃO CONSTRUCIONAL [VPERCLOC]MD EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM BASEADA NO USO
Antonio Ralf da Cunha Carneiro (UNEB)
Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

TRAÇOS DE MARCADORES DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO VAI SABER
Sabrina Reginatto (UFMS/CPTL)

UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA DAS CONSTRUÇÕES SEQUENCIADORAS EM TEXTOS ACADÊMICOS
Kátia Roseane Cortez dos Santos (UNESP/IBILCE)

Sessão de comunicações 18 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/bcg-pxas-qup>

Moderador da sala: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

MAPEAMENTO FÔNICO DE T E D NO FALAR NATALENSE:
UM ESTUDO EXPERIMENTAL À LUZ DA FONOLOGIA NA PERSPECTIVA DOS MODELOS DE EXEMPLARES
Tiago Caian de Assis Silva (UFRN)

ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO
Eduarda Rocha Borghelett (UTFPR/Campus Pato Branco)

ANÁLISE DE ASPECTOS GRAMATICAIS E ACÚSTICOS DE CONSTRUÇÕES COM O VERBO *DEIXAR* NA FALA
ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
Luis Filipe Lima e Silva / Sueli Maria Coelho (UFMG)

REALIZAÇÃO FONOLÓGICA DOS MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO EM CONVERSAS INFORMAIS
Thainá Galvão de Almeida (UFC)

Sessão de comunicações 19 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/hot-rhvh-ari>

Moderador da sala: Angélica Karim Garcia Simão

FUNCIONALISMO E DIACRONIA NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO: O CASO DE "A PESAR DE"
Sandra Denise Gasparini-Bastos (UNESP/IBILCE)
Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo

MULTIFUNCIONALIDADE DE 'HASTA' NO ESPANHOL PENINSULAR
Lucas de Carvalho Gomes (UFMS/CPTL/GESF)

MULTIFUNCIONALIDADE 'MISMO' NO ESPANHOL PENINSULAR
Pablo Canovas (UFMS/CPTL/GESF)

OS JUNTORES CONCESSIVOS NO ESPANHOL E NO PORTUGUÊS:
UM ESTUDO CONTRASTIVO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL
Letícia de Souza Fernandes (UNESP/IBILCE)

Sessão de comunicações 20 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/eiw-utaj-qng>

Moderador da sala: Marize Mattos Dall'Aglio-Hattnher

AS MICROCONSTRUÇÕES *TER EM MÃOS*, *TER EM MENTE (QUE)*, *TER EM VISTA (QUE)* EM REDE
Camilla Canella Moraes Luzorio (UFRJ) / **Deise Cristina de Moraes Pinto** (UFRJ)

FICAR DE BOA: UMA ANÁLISE FUNCIONAL
Jakeline Simões Gomes (UFRN)

TRAÇOS DE AGENTIVIDADE EM CONSTRUÇÕES RELACIONAIS DE FINGIMENTO
Kátia Roberta Rodrigues Pinto (UFMS/CPTL)

A REDE DE CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS:
UMA ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE COM BASE NA PERSPECTIVA SOCIOCONSTRUCIONISTA
Letícia de Almeida Barbosa (UNESP/IBILCE)

Sessão de comunicações 21 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/zsw-toci-qrv>

Moderador da sala: Flávia B. M. Hirata-Vale

ORDEM INDEXICAL E SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO NA TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA
Thais Lara Costa Manhães (UFES)

DA GRAMATICALIDADE À CONSTRUCIONALIDADE
Ivo Da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj) / **Monclar Guimarães** LOPES (UFF)

A RELEVÂNCIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO PARA O EXAME DA RELAÇÃO FORMA/FUNÇÃO NO USO EFETIVO DA LÍNGUA
Marcela Langa Lacerda (UFES)

EMERGÊNCIA E RECONHECIMENTO DAS LÍNGUAS DE SINAIS INDÍGENAS: CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS BRASILEIRAS
Ana Carolina Machado Ferrari (UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia) /
Patrícia Goulart Tondineli

Sessão de comunicações 22 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/oyd-hvow-rwd>

Moderador da sala: Edson R. F. Souza

A ORDENAÇÃO DO OBJETO LEXICAL NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO: UM ESTUDO DISCURSIVO-FUNCIONAL
Laura Viana dos Santos (UNESP/IBILCE)

USO VARIÁVEL DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS NAS LÍNGUAS ESCRITA E FALADA PAULISTA DO SÉCULO XX E XXI
Isabela Baiocato (UNESP/IBILCE)

A VARIAÇÃO EM CONSTRUÇÕES PREDICATIVAS DE MUDANÇA (DE ESTADO E DE PROPRIEDADE) COM OS VERBOS *FICAR, TORNAR-SE E VIRAR*
Bruna Gois Pavão Ferreira (SEEDUC-RJ)

ORAÇÕES RELATIVAS LIVRES INESPECÍFICAS SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL
Camila Rodrigues de Amorim (UNESP/IBILCE)

Sessão de comunicações 23 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/iza-jbbs-piw>

Moderador da sala: Ana Luiza Ferancini Nogueira

A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS EM "CANTOS DOS MALDITOS": UM ESTUDO SEMIOLINGUÍSTICO
Francisco Herbert da Silva (UFPI)

ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS E DISCURSIVOS EM SERMÕES ORAIS DE PASTORES EVANGÉLICOS DE ALAGOAS
Max Silva da Rocha / **João Benvindo de Moura** (UFPI)

REALIZAÇÕES LEXICOGRAMATICAS DE MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO EM CONVERSAS INFORMAIS
Iasmin Martins Andrade (UFC)

O POSICIONAMENTO AVALIATIVO DO FALANTE NAS CONSTRUÇÕES COM O DIMINUTIVO
Deborah Rheesa Santos (UFJF)

Sessão de comunicações 24 – 25/06/2022 – 8h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/mwx-jtqs-zwx>

Moderador da sala: Gisele Cássia de Sousa

MUDANÇA NA REDE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DOS PRONOMES "A GENTE" E "VOCÊ"

Marcelo Henrique Vieira de Faria (UNESP/IBILCE)

ENTRE O NOSSO E O DA GENTE: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL DO PRONOME POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOAL DO PLURAL

Gaylha Wégila de Oliveira (UFPB)

MANIFESTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL "YO" NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO SOB PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Letícia Pereira Ferri (UNESP/IBILCE)

A EXPRESSÃO LEXICAL DA MODALIDADE POR MIEO DA CONSTRUÇÃO (É) VIÁVEL QUE + ORAÇÃO

Pablo Jardel (UNESP/IBILCE)

10h00 – 10h10 **Intervalo**

10h10 – 12h00 **Sessão Temática V: Funcionalismo e Léxico**

Link de acesso: <http://meet.google.com/eie-xxdf-spy>

PROBLEMAS Y TENDENCIAS EN EL ESTUDIO DEL LÉXICO EN EL FUNCIONALISMO CONTEMPORÁNEO

Daniel García Velasco

Universidade de Oviedo/Espanha

CARACTERIZACIÓN FUNCIONAL DE LOS SISTEMAS DE PARTES DE LA ORACIÓN: DE LA FORMULACIÓN A LA CODIFICACIÓN

Ventura Salazar García

Universidade de Jéén/Espanha

LEXEMAS INTERPESSOAIS EM DIVERSOS MODELOS FUNCIONALISTAS

Riccardo Giomi

Universidade de Liège/Bélgica

Mediadora: Sandra Denise Gasparini-Bastos (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

10h10 – 12h00

Sessão Temática VI: Funcionalismo e Línguas de Sinais

Link de acesso: <https://meet.google.com/pmx-vwqd-vwg>

AINDA HÁ UM SE, UM MAS E UM PORQUÊ SOBRE CONJUNÇÕES: MULTIFUNCIONALIDADE DE CONJUNÇÕES MANUAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Angélica Rodrigues

Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Felipe Aleixo

Universidade Federal de Roraima

MODAIS DE POSSIBILIDADE EM LIBRAS E LÍNGUA DE SINAIS ARGENTINA (LSA)

André Nogueira Xavier

Universidade Federal do Paraná

Rocio Martinez

Universidade de Buenos Aires

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

Mediadora: Angélica Karim Garcia Simão (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

12h00 – 14h00 **Intervalo**

14h00 – 15h20 **Conferência de encerramento**

Link de transmissão: <https://youtu.be/ehmREMRsEQ4>

AVANÇOS RECENTES NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

John Lachlan Mackenzie

Universidade Livre de Amsterdã/Países Baixos

Mediadora: Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto)

15h20 – 15h30 **Intervalo**

15h30 – 17h30 **Mesa-redonda de encerramento – Funcionalismo: 10 anos do SILF**

Link de transmissão: <https://youtu.be/JPp11b7IAus>

SILF 10 ANOS DEPOIS: FUNCIONALISMOS EM QUESTÃO

Taísa Peres de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Presidenta do I SILF

FUNCIONALISMO(S) NA UFSCAR: CONSOLIDAÇÃO E DESAFIOS

Flávia B. M. Hirata-Vale

Universidade Federal de São Carlos
Presidenta do II SILF

FUNCIONALISMO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA:
CONTRIBUIÇÕES, LIMITES E DESAFIOS

Mariangela Rio de Oliveira

Universidade Federal Fluminense/Faperj/CNPq

Maria Maura Cezário

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq
Vice-Presidenta do III SILF

GRAMÁTICAS FUNCIONAIS EM INTERAÇÃO

Maria Angélica Furtado da Cunha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidenta do IV SILF

DESCRIÇÕES FUNCIONALISTAS FOMENTADORAS DO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO
EM CONTEXTO ITALIANO

Vânia Cristina Caseb-Galvão

Universidade Federal de Goiás
Universidade de Salento
Presidenta do V SILF

Mediador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto/Presidente do VI SILF)

17h30 – 18h00 **Encerramento e indicações para o VII SILF**

Link de transmissão: <https://youtu.be/XKqKFEepHM4>

RESUMOS

CONFERÊNCIAS

BODY-PART SYNTAX

23/06/2022, às 9h00

Link de transmissão: <https://youtu.be/4RySJ2BXbOQ>

Christian Lehmann

Universidade de Erfurt/Alemanha

Body-part terms are characterized by a set of semantic features having to do with their own physical nature and with the nature of their possessor. These features also comprise their spatial properties and relations and their function for their possessor. The part-whole relation which they contract may found a meronymy. The (in-)alienability relation that they bear to their owner makes them a central part of the conceptual domain of possession. Their relation to their owner may also be one of control. Body-part nouns enter specific grammatical constructions. The construction of nominal possession often shows an alienability contrast. At the clause level, body-part nouns may be involved in possessive predications, but they do so in peculiar ways. Non-possessive predications involving body-part nouns are often characterized by two structural features: The possessor may be coded as a verbal dependent rather than as a nominal possessor of the body-part noun; and the body-part noun may be incorporated into the verb. These two strategies are often combined in one construction. Body parts play specific roles in certain well-defined types of situations: they may be bearers of properties, may be directly affected in a sympathetic situation, may be the *locus* of a bodily sensation and may be used as an instrument in an action. All of these semantic properties and constellations are reflected in the constructions found.

FUNCTIONALISM AND CHANGE IN THE LANGUAGE NETWORK

24/06/2022, às 10h10

Link de transmissão: <https://youtu.be/CS3N73rU0SQ>

Graeme Trousdale

Universidade de Edimburgo/Escócia

The idea that language is organised as a network has a long tradition in cognitive linguistics (e.g. Hudson 1980, Langacker 1987). More recent research has focussed on the potential application of such a network model to issues of language acquisition and language change (Gisborne 2011, Diessel 2019, Hilpert 2021). In this talk, I review the extent to which some key concepts in functionalist approaches to language change are consistent with the network approach to the structure of language. The starting point for the discussion is the well-established grammaticalization cline, and whether this can be operationalised in a network. The second part of the talk explores the architecture of the network, with particular focus on relations or links in the network, and how they are created and changed by language use. The data used to exemplify the argument come from various stages of the history of English, and range from changes in derivational morphology to the development of discourse markers.

ADVANCES IN FUNCTIONAL DISCOURSE GRAMMAR

25/06/2022, às 14h00

Link de transmissão: <https://youtu.be/ehmREMRsEQ4>

John Lachlan Mackenzie

Universidade Livre de Amsterdã/Países Baixos

Twelve years ago, at SILF I (Três Lagoas), I was invited to give a plenary presentation about Functional Discourse Grammar, which had been introduced to the world of linguistics just two years earlier in a book (Hengeveld & Mackenzie 2008) in which many details of the theory had to be left implicit. In the intervening years, a community of scholars in various countries of the world, notably the Netherlands and Brazil, have devoted themselves to developing FDG. The time has come to take stock. My presentation will examine how one of the trademarks of FDG, the presence of multiple layers at each of the four levels of analysis, has been amplified and refined in recent work, in such areas as tense, aspect, modality, evidentiality and polarity. FDG researchers have also ventured into the field of language change, notably with the hypothesis of grammaticalization as scope widening (i.e. upwards through the layers). One specific phenomenon that I will dwell on is the analysis of adverbs, whose polyfunctionality can be nicely captured in the FDG system. Another is the treatment of non-restrictives of various sorts: an analysis of their special status as either dependent Discourse Acts or dependent Propositions is particularly illuminating. My 2010 talk (cf. Mackenzie 2011) contained some initial remarks about the contours of other components of the FDG architecture than the grammar itself. The past decade has witnessed various workshops – with resultant collections of articles and special issues of journals – that have sought to fill the gaps in our understanding of the Conceptual Component, the Contextual Component, the Lexicon or Fund, and the Output Component. I will try to assess to what extent we have now reached a consensus about the impact of those non-grammatical components on the grammar itself. This concern with the overall architecture of the model has raised the matter of how to analyse the interfaces among the various components, a challenge taken up in a recent volume (García Velasco & Contreras García 2021). All in all, at SILF VI I hope to trace the major advances achieved by FDG in the interim years.

References

- García Velasco, Daniel & Lucía Contreras García, eds. 2021. *Interfaces in Functional Discourse Grammar*. Berlin & New York: De Gruyter Mouton.
- Hengeveld, Kees & J. Lachlan Mackenzie, 2008. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Mackenzie, J. Lachlan. 2011. A adequação psicológica na gênese e no futuro da Gramática Discursivo-Funcional. *Guavira Letras* 12. 7-24.

MESAS-REDONDAS

MESA 1: AS BASES COGNITIVAS DA GRAMÁTICA

23/06/2022, às 10h30

Link de transmissão: <https://youtu.be/x58F0USIn6M>

A GRAMÁTICA: O FUNCIONALMENTE VISTO E A NECESSÁRIA IMPLICAÇÃO DE BASES COGNITIVAS

Maria Helena de Moura Neves

Universidade Estadual Paulista/Araraquara
Universidade Presbiteriana Mackenzie
CNPq

Estando em estudo qualquer episódio de produção da linguagem humana, está posta em questão uma projeção cognitiva que une continuamente as duas pontas da interação, produzindo significados e sentido. Entretanto, no tratamento funcionalista da linguagem, sobressai a face sociointeracional, porque sobressaem os propósitos da manifestação linguística em algum momento da vida do indivíduo (e da sua sociedade). De todo modo, estão sempre implicadas as bases cognitivas da 'troca' (pragmática) que a linguagem opera, e essa questão pode ser discutida, por exemplo, em uma semiótica que acene para as leis perceptivas de Peirce. Nessa discussão, fala-se confortavelmente de discursividade, ao mesmo tempo que de determinações cognitivo-perceptivas, com a noção de signo estabelecendo-se em um esquema perceptivo composto de uma parte forte que se percebe (uma figura) e uma parte débil que serve de contraste (um fundo). Facilmente entra, na reflexão sobre linguagem, aquela combinatória de seis componentes (emissor e receptor; forma e sentido; figura e fundo) que escancara o acoplamento das determinações cognitivo-perceptivas com as determinações pragmáticas e sintático-semânticas, ou seja, propriamente linguísticas.

ALTERNÂNCIA CONSTRUCIONAL SEM VARIAÇÃO SEMÂNTICA? RESPOSTA COGNITIVA E FUNCIONAL

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa - CEFH/Braga, Portugal

Saber exatamente em que é que consiste uma alternância gramatical continua a ser uma questão em aberto. Tradicionalmente, a sociolinguística variacionista define alternância linguística como "alternate ways of saying the same thing" (Labov 1972: 188). Todavia, numa perspetiva cognitiva e funcional da linguagem é pouco provável que duas construções diferentes possam "dizer a mesma coisa" ou terem o mesmo significado, na medida em que, assumindo que as unidades linguísticas são *simbólicas*, isto é, pares indissociáveis de forma e significado (Langacker 2008), a uma diferença de forma corresponde uma diferença de significado e, portanto, a sinonímia absoluta dificilmente poderá existir. Este estudo procura responder à questão essencial de saber o que é que define uma alternância construcional numa perspetiva centrada no *uso da língua* e, conseqüentemente, entendendo alternância como uma *escolha* do falante. Mais especificamente, saber (i) *como* é que duas construções alternam e que diferenças (sociolinguísticas, semânticas ou de processamento) podem estar associadas; (ii) *porque* é que duas construções alternam (razões sociais, conceptuais ou psicológicas); e (iii) *onde* (em que nível taxonómico) é que a alternância construcional se dá. Com base em casos de alternância construcional em português (entre presença e ausência do clítico *se* nas diversas construções de *se*, entre relativa preposicional padrão, cortadora e resuntiva, entre infinitivo flexionado e não flexionado e entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de deslocação) e no quadro da Gramática de Construções (Goldberg 2006, Croft 2001), procuraremos mostrar que a escolha entre construções alternativas resulta de fatores sociais, cognitivos e linguísticos, sendo geralmente mais importantes as diferenças de *perspetivação conceptual* (Langacker 2008) e que duas ou mais construções alternativas podem configurar *alostruções* (Cappelle 2006, Perek 2012) de uma construção de nível superior ou relacionarem-se em termos *horizontais* (Diessel 2019).

MESA 2: FUNCIONALISMO E FUNCIONALISMOS

24/06/2022, às 13h30

Link de transmissão: https://youtu.be/pvDNPkEM_XU

PSEUDOCLEFTS IN FUNCTIONAL DISCOURSE GRAMMAR

Hella Olbertz

Universidade de Santiago de Compostela/Espanha

Pseudoclefts are focus constructions, consisting of a free relative construction and a noun phrase (or nominal clause), which form identifying copula constructions. Consider the following example:

(1) a. *What Leila loves is chocolate.*

Being an identifying construction, (1a) can be reversed, which, however, involves the loss of its focalizing function:

(1) b. *Chocolate is what Leila loves.*

As regards the semantics of this focus construction, the individual described by the free relative pronoun *what* "is identified through the State-of-Affairs in which it is involved" (Hengeveld & Mackenzie 2008: 241). In my talk, I will account for pseudoclefts in terms of Functional Discourse Grammar (FDG). FDG is a modular theory of language structure, that takes the Discourse Act as its basic unit of analysis. The Discourse Act is the core of the pragmatic module (Interpersonal Level), which provides input to the semantic module (Representational Level). Together, these two levels are the Formulation component of the grammar, responsible for the content of linguistic expressions. The output of

Formulation forms the input to the modules of Encoding (morphosyntax and phonology). At each Formulation level, there are several variables for entities, which can be modified lexically and grammatically. Ideally, the relations between them would be fully transparent: i.e. each individual entity at the Interpersonal Level (IL) would correspond to one entity at the Representational Level (RL). However, the adequate description of some phenomena, such as pseudoclefts, may involve mismatches between the different levels. In order to assess what happens, we need some more theoretical details. The Discourse Act contains, among others, a Communicated Content, basically consisting of Acts of Reference (R) and Predication (T, "Ascription" in FDG terminology). At the Representational Level, the highest layer is the Propositional Content (corresponding to the interpersonal Communicated Content), which comprises several lower levels, most importantly States-of-Affairs (e), with predicates (f) and individuals (x). Now consider (2), which is a simplified representation of the structure of (1a):

(2) IL: (R_i) (T_i) (R_j: Leila (R_j)) (R_k)_{Focus}
 RL: (x_j: (e_i: [(f_i: love (f_i)) (x_i)_A (x_j)_U] e_i))* (x_j: (f_j: chocolate (f_j)) (x_j))

The representational (RL) structure of the free relative, i.e. (x_j ... x_j), corresponds to the definition above: (x_j) is such that it is involved in the State-of-Affairs (e_i). What is remarkable here is that the undergoer referent (x_j), appears twice in the free relative at the RL but corresponds to only one Referential Act at the Interpersonal Level (IL). In my talk I will explain this structure and show how it can be fruitfully applied to more complex case

THE HISTORICAL RISE OF INCHOATIVE AUXILIARY VERBS: COMPARING GRAMMATICALIZATION AND CONSTRUCTIONALIZATION THEORIES

Renata Enghels

Universidade de Ghent/Bélgica

The formation of auxiliaries is a textbook example of the traditional view of grammaticalization in terms of freezing and reduction. They are indeed said to fulfill Lehmann's (1985) and Hopper's (1991) parameters and principles of grammaticalization, and have been identified as the outcomes of recurrent paths of semantic development and/or pragmatic inferencing (Heine 1993; Kuteva 2001; Traugott & Dasher 2001). The reductionist view on the development of auxiliaries was challenged a first time when it was observed that these linguistic items originally used in semantically specific contexts could be used in new contexts, and thus *expanded* their scope. This observation cleared the way for a constructionist view of grammaticalization, also of auxiliaries (e.g. Himmelmann 2004), which culminated in the coining of the term *constructionalization* (Traugott & Trousdale 2013). If grammaticalization is concerned with the study of the creation of grammar, constructionalization is concerned with the creation of grammatical constructions, which often contain an auxiliary slot. The differences between grammaticalization and constructionalization are believed not to be profound (Traugott 2015). However, whereas the former focusses on the formal or semantic development of individual lexical units within a construction, the later pays equal attention to both formal and functional changes in the rise of new schemas.

The present talk highlights the complementarity between both accounts by showing the interaction between verbs and constructions. In concrete, it looks into the development and productivity of the inchoative construction in Spanish, and shows the importance of the grammaticalization of core lexical items into auxiliaries for the development of this higher-level abstract schema. In Spanish, a wide gamut of verbs from various semantic fields can function as inchoative auxiliary. These are, among others, break verbs (*Rompió a llorar*, lit. '(s)he broke to cry'), verbs of destruction (*Revienta a reír*, lit. '(s)he explodes to laugh'), put verbs (*Se mete a escribir*, lit. '(s)he puts himself / herself to write') and movement verbs (*Se echó a reír*, lit. '(s)he threw himself / herself to laugh') (Van Hulle & Enghels in press). It is shown that in each semantic domain, a particular verb has taken the lead by grammaticalizing into an aspectual inchoative verb, and has served as an exemplar for the gradual inclusion of other verbs. In a parallel way this has led to the development of different micro-constructions that instantiate a higher-level schema.

References

- Heine, B. (2003). Grammaticalization. In R. Janda & B. Joseph (Eds.), *The Handbook of Historical Linguistics* (pp. 575-601). Oxford/Malden: Blackwell.
- Himmelmann, N. P. (2004). Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In W. Bisang, N. P. Himmelmann, & B. Wiemer (Eds.), *What Makes Grammaticalization? A Look from its Fringes and its Components* (pp. 21-42). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Hopper, P. J. (1991). On some Principles of Grammaticalization. In E. C. Traugott & B. Heine (Eds.), *Approaches to grammaticalization, Vol. 1.* (pp. 17-35). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Kuteva, T. (2001). *Auxiliation. An Enquiry into the Nature of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.
- Lehmann, C. (1985). Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*, 20(3), 303-318.
- Traugott, E. C. (2015). Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In J. Barðdal, E. Smirnova, L. Sommerer, & S. Gildea (Eds.), *Diachronic Construction Grammar* (pp. 51-79). Amsterdam: John Benjamins.
- Traugott, E. C., & Dasher, R. B. (2002). *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Traugott, E. C., & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.
- Van Hulle, S. & Enghels, R. In press. De Spaanse inchoatief constructie in beeld. Cluster analyse als antwoord op het quasi-synonymie vraagstuk. *Handelingen KZM*.

ASPECTOS DE COESÃO LEXICAL EM PORTUGUÊS EUROPEU

Carlos A. M. Gouveia

Universidade de Lisboa/Portuga

Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada CELGA-ILTEC/Universidade de Coimbra

Com o português europeu como língua-objeto e enquadrada pelos ensinamentos da gramática sistémico-funcional, tal como proposta por M. A. K. Halliday (Halliday, 2014), esta apresentação pretende refletir sobre como se concretiza

textualmente a coesão lexical em português, em particular a coesão lexical por sinonímia, comparativamente à coesão lexical por repetição. A reflexão tem como pano de fundo a comparação com a língua inglesa, procurando ver, na variação considerável entre o uso dos dois tipos de coesão lexical nas duas línguas, reflexos de escolhas de pendor cultural, social e situacional. A apresentação segue assim de perto a afirmação de Halliday (1994, p. xiii) de que as línguas são sistemas funcionais estruturados pelo uso a que são submetidos pelos falantes ao longo de milhares de gerações. As diferentes concretizações da coesão lexical nas duas línguas refletem potencialidades de significação diferentes de cada um dos sistemas relativamente às práticas de uso na aprendizagem da língua e de desenvolvimento da literacia dos seus falantes. A explicação desenvolvida é funcional precisamente por ser desenvolvida por referência aos usos linguísticos e aos componentes funcionais da língua que concretizam os significados expressos pelos falantes.

Referências

Halliday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar* (2nd ed.). London: Edward Arnold.
Halliday, M. A. K. (2014). *An introduction to functional grammar* (4th ed.). Revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Routledge.

MESA 3: FUNCIONALISMO: 10 ANOS DE SILF

25/06/2022, às 15h30

Link de transmissão: <https://youtu.be/JPp11b7IAus>

O SILF 10 ANOS DEPOIS: FUNCIONALISMOS EM QUESTÃO

Táisa Peres de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Presidenta do I SILF

Nesta minha fala, tomo o SILF em retrospectiva a partir de dois eixos centrais que marçaram a programação da primeira edição: a interação entre diferentes vertentes funcionalistas e as interfaces possíveis. É partindo desse lugar de fala que avalio as ações desencadeadas a partir da realização da primeira edição do SILF, em 2011, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Revisitando a primeira programação, aqui quero destacar como o Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), idealizador do SILF, se consolidou tomando esse caminho multifacetado que é próprio do Funcionalismo. Assim, nossas pesquisas se orientam, principalmente, pela consideração da linguagem e da gramática em função, mas se sustentam em enquadres teóricos distintos. Em nossas análises, objetos variados são analisados conforme modelos funcionalistas diferentes que, assumindo perspectivas tanto sincrônica quanto diacrônica, descrevem fatos da gramática do português (Fontes, 2019; Oliveira, Gonçalves, 2020; Souza, 2020; Hirata-Vale, 2021; Wiedemer e Machado, 2021). Nosso foco constantemente, mas não apenas, se volta a questões que permeiam todo o Funcionalismo em linguística: a gradualidade categorial, a emergência de formas da gramática, fatores cognitivo-funcionais atuantes na mudança linguística, a face heterogênea da linguagem, processos constitutivos do texto. Assim, o conjunto das produções e ações do GESF é marcado pela pluralidade de vertentes teóricas, buscando acionar os modelos de análise em constante diálogo, considerando como fio condutor a efetivação da gramática no uso linguístico.

FUNCIONALISMO(S) NA UFSCAR: CONSOLIDAÇÃO E DESAFIOS

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Universidade Federal de São Carlos
Presidenta do II SILF

A segunda edição do SILF foi realizada na UFSCar, em 2013, e organizada por uma comissão interinstitucional: além da UFSCar, UNESP (São José do Rio Preto e Araraquara) e UFMS – CPTL. Assim como no primeiro simpósio, no II SILF, reunimos pesquisadores e pesquisadoras de diferentes formações funcionalistas, para discutir questões teóricas e descritivas sob diferentes pontos de vista. A especificidade do II SILF foi a questão da interface entre morfossintaxe, semântica e pragmática na descrição e análise da linguagem, partindo do princípio de que a gramática é algo “modular”, o que significa dizer que o significado, em sentido amplo, é codificado nas línguas por meio de níveis/camadas/padrões que caracterizam as teorias funcionais em geral. Nesse sentido, tentamos contemplar a Gramática Discursivo Funcional (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008), a Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN, 2005), a Linguística Sistemico Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2006) e a então “recém-descoberta” Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006). Em termos da pesquisa funcionalista no Brasil, o II SILF foi uma excelente oportunidade para a divulgação dos trabalhos realizados em suas diferentes vertentes e as nas áreas de interface, como a Sociolinguística, a Linguística Computacional, os Estudos do texto. Destaco nesta edição, a forte presença de pesquisadores de línguas indígenas, especificamente da área da Tipologia Linguística, que fez com que o diálogo entre as áreas se fortalecesse, fomentando as pesquisas de viés teórico funcional em diferentes instituições. Em relação à pesquisa relacionada à Gramática de Construções, considero que o II SILF foi essencial para a sua divulgação, na medida em que, apesar de essa corrente teórica estar bem representada na programação geral do evento (conferência com Adele Goldberg, uma sessão temática e duas mesas redondas), apenas doze trabalhos foram apresentados nas sessões de comunicação e painéis, uma realidade que, felizmente, se alterou bastante nesses dez anos em que o evento vem acontecendo. Por fim, o fato de os trabalhos apresentados no II SILF terem sido publicado no volume temático “Funcionalismo(s) em Linguística: interface(s) entre morfossintaxe, semântica e pragmática na descrição e análise de língua(s)” número 33.1, de 2017, da revista DELTA constituiu um reconhecimento da importância de nosso evento, e das correntes funcionalistas no país. No que diz respeito à UFSCar e à nucleação de um grupo de pesquisa funcionalista, o II SILF foi essencial, uma vez que o simpósio mobilizou as/os estudantes da graduação e da pós-graduação, que passaram a conhecer melhor as diferentes formas de se fazer funcionalismo em Linguística. Muito embora em meu grupo de pesquisa “Funcionalismo e Discurso” ainda se desenvolvam trabalhos seguindo os pressupostos da GDF, o

direcionamento para as propostas de base construcional é evidente, especialmente a partir da realização de meu pós-doutoramento na KULeuven, que proporcionou o contato com a Professora Renata Enghels, da UGent, especialista em Gramática de Construções nessa universidade. Considero que o maior desafio, neste momento, para as pesquisas segundo os Modelos Baseados no Uso, é a questão da análise sincrônica, especialmente depois da publicação do trabalho de Traugott e Trousdale (2013), traduzido por Furtado da Cunha e Oliveira em 2021. Depois de feita a transição gramaticalização>construcionalização, é hora de acomodar as descrições sincrônicas, em termos de redes construcionais e das relações horizontais entre as construções, um desafio que esbarra na variação e no sempre presente princípio da não-sinonímia.

FUNCIONALISMO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES, LIMITES E DESAFIOS

Mariangela Rio de Oliveira

Universidade Federal Fluminense/Faperj/CNPq

Presidenta do III SILF

Maria Maura Cezário

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Vice-Presidenta do III SILF

Nesses dez anos de edições do SILF, nossa comunidade acadêmica, o Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, criado na década de 70 do século XX por Sebastião Votre na UFRJ, vem sempre marcando presença, divulgando e debatendo o conjunto de suas pesquisas. Nossa produção intelectual tem no Funcionalismo norte-americano sua fonte original, na linha de Givón, Hopper, Thompson e Chafe, entre outros. No século XXI, inspirados em Traugott e Trousdale (2013) e num conjunto de produções na mesma vertente, passamos a incorporar à investigação funcionalista o tratamento construcional, de base cognitivista, a partir de fontes como Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Essa incorporação tem contribuído à nossa pesquisa, como por exemplo ao equilibrar a correspondência do binômio *função-forma*, permitindo, em termos teóricos e metodológicos, maior controle das propriedades investigadas em cada um desses eixos, como demonstrado em Rosário e Oliveira (2016). Por outro lado, na condição de funcionalistas, não podemos abrir mão de pressupostos clássicos que nos são caros e relevantes, tais como, iconicidade, informatividade, transitividade, planos discursivos, entre outros, como constam em Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), assim a importância dos contextos de uso, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), como motivadores de polissemia, variabilidade e mudança. Tal consideração também é apontada por cognitivistas como Pinheiro e Ferrari (2020) e nos leva a repensar acerca dos ajustes e dos limites na incorporação do tratamento construcional à nossa investigação. Não há dúvida de que esse tratamento é fundamental, pois as pesquisas desenvolvidas no momento em muitas universidades brasileiras e do exterior evidenciam que a gramática de uma língua é uma rede de construções linguísticas. Assim, nosso desafio é aperfeiçoar nossos métodos para darmos conta do funcionamento dessa rede, de sua variação e mudança, dos links horizontais e verticais (DIESEL, 2019) e de sua aquisição.

GRAMÁTICAS FUNCIONAIS EM INTERAÇÃO

Maria Angélica Furtado da Cunha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Presidenta do IV SILF

Ao longo das suas cinco edições, o SILF tem mantido o propósito original de congregar as três vertentes de gramática funcional mais atuantes no Brasil em diálogo com pesquisadores estrangeiros orientados por essas mesmas vertentes. Nessa direção, o evento organizado pelo grupo *Discurso & Gramática* da UFRN, em 2017, propiciou um espaço para a discussão conjunta de diferentes temas caros à pesquisa, aprofundando questões centrais que perpassam as vertentes funcionalistas, como o tratamento da mudança linguística sob o paradigma da gramaticalização e da abordagem construcional, a importância do componente contextual na gramática discursivo-funcional e o modelo de descrição gramatical da linguística sistêmico-funcional. As principais contribuições teóricas decorrentes desse evento consistem no refinamento de conceitos basilares que dizem respeito à natureza e às propriedades da construção, à relação forma-função, o estatuto desses dois componentes da construção e o modo como a linguagem se adapta aos objetivos comunicativos dos falantes e é guiada por diversos processos cognitivos. De lá para cá, os trabalhos acadêmicos produzidos por integrantes do D&G/UFRN têm incluído na análise de seus objetos de estudo específicos reflexões sobre os ajustes necessários para compatibilizar pressupostos construcionistas a premissas funcionalistas, assumindo uma postura crítico-reflexiva acerca de pontos aparentemente controversos.

DESCRIÇÕES FUNCIONALISTAS FOMENTADORAS DO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTEXTO ITALIANO

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Universidade Federal de Goiás/Universidade de Salento

Presidenta do V SILF

As reflexões apresentadas nesta mesa-redonda envolvem objetivos e produtos do Projeto REDE/Itália¹ - "O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos?" -, cujas pesquisas descritivas e analíticas envolvem aquelas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG), do qual também fazem parte pesquisadores da Universidade Estadual de Goiás, sede do último SILF – Simpósio Internacional de Linguística Funcional (2019). Os resultados dessas pesquisas são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e LH no contexto universitário italiano e brasileiro. Os objetivos do REDE/Itália envolvem, entre outros, promover um conjunto articulado de projetos de pesquisa e de pesquisa-ação, no sentido de conhecer as multifaces literárias, tipológicas, discursivas e linguísticas que estão na base da sociedade brasileira e, conseqüentemente, da sua língua-cultura; difundir a língua falada e escrita no Brasil e seu grande patrimônio literário-cultural; subsidiar a formação em português como

língua estrangeira, com ênfase no contexto universitário da Itália. Reconhece-se o potencial do PB como língua de interação e de interesse global e estão em foco a língua, a literatura e a cultura brasileiras visíveis na fala e na escrita, vernáculo, midiática, literária etc. O REDE/Itália encontra-se já na sua 3ª fase (2021/2025), para a qual são propostas investigações voltadas para quatro eixos dos estudos da linguagem, entre os quais, a descrição e a análise linguística como fornecedoras de material epistemológico e metodológico para o ensino do português brasileiro como língua não materna. Nesta oportunidade apresento uma sequência didática funcionalista organizada a partir de resultados de pesquisas descritivas desenvolvidas no GEF/UFG e aplicada no âmbito do curso de Laurea Triennale – Língua Portuguesa e Brasileira – da Università Del Salento (Lecce -Itália).

¹ O projeto REDE/Itália é uma das atividades do Grupo de Pesquisa registrado no CNPq como "Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo", envolve universidades italianas (Università "G. d'Annunzio", Università Roma Tre, Università di Pisa, Università del Salento, Università di Perugia) e brasileiras (Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Mato Grosso) e prevê ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação.

SESSÕES TEMÁTICAS

SESSÃO TEMÁTICA I: FUNCIONALISMO E MUDANÇA GRAMATICAL

23/06/2022, às 13h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/jpr-wczv-hmb>

MUDANÇA GRAMATICAL A PARTIR DE VERBOS: TENDÊNCIAS FUNCIONALISTAS NA UNEB-BA

Cristina dos Santos Carvalho

Universidade do Estado da Bahia

No funcionalismo de vertente norte-americana, a mudança linguística tem sido descrita sob o prisma da abordagem clássica da gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003[1993]) ou, mais recentemente, à luz da abordagem construcional da gramática, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso - LFCU (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). No presente trabalho, pretendo discutir o tratamento da mudança gramatical sob os dois enfoques funcionalistas supracitados e, para tanto, centro minha atenção em mudanças experimentadas por formas/construções verbais na língua portuguesa. Na discussão, valho-me de resultados de pesquisas funcionalistas de cunho quali-quantitativo realizadas na Universidade do Estado da Bahia - UNEB (*Campi I e XIV*). Nessas pesquisas, critérios considerados para a delimitação do objeto de investigação têm a ver com: (i) classes semânticas de verbos; e/ou (ii) contextos morfossintáticos motivadores da mudança linguística. Quanto ao primeiro critério, registram-se trabalhos sobre verbos cognitivos, perceptivos, declarativos e estativos. Quanto ao segundo, verificam-se estudos sobre os contextos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e primeira pessoa do plural. Sob a ótica da gramaticalização, as investigações têm evidenciado, a partir de dados empíricos da fala popular de Salvador, deslizamentos funcionais dentro da própria classe de verbos, reanálise dessa classe em outras categorias gramaticais, emergência de marcadores discursivos a partir de verbos, relação entre gramaticalização, contexto morfossintático e motivação icônica e entre redução fonética, variação e gramaticalização. No viés construcional, têm sido examinadas, em variedades do português (brasileira, europeia, angolana e moçambicana), construções parentéticas epistêmicas de base verbal e construções com verbos perceptivos – visuais e auditivos – e pronomes locativos; buscam-se, então, depreender propriedades formais e funcionais das construções analisadas e constatar tendências intralinguísticas e idiosincrasias (CARVALHO; CARNEIRO; MAGALHÃES, 2020) no que tange às redes construcionais de variedades de uma mesma língua.

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA: A PROPÓSITO DOS NÓS E ELOS NA REDE DE CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTIFICADORAS EM RUSSO E EM PORTUGUÊS

Diego Leite de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Gramática de Construções Diacrônica (GCD) emerge como um modelo que associa o arcabouço teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso a contribuições no campo da Linguística Histórica, principalmente no que diz respeito aos estudos em Gramaticalização. Como um modelo recente, a GCD depara-se com questões em aberto de natureza diversificada, que abrangem um amplo rol de problemas teóricos, alguns dos quais elencados a seguir: a) modo de implementação do surgimento e da perda de nós construcionais em um modelo de redes; b) tipos de elos que existem entre os nós; c) conhecimento a ser representado em nós e em elos; d) associação de processos cognitivos de domínio geral à estruturação e reorganização da rede de construções da língua; e) possibilidade de comparação entre línguas. Com base no arcabouço teórico da GCD (Barddal et. al. 2015; Sommerer e Smirnova, 2020; Hilpert 2021), o presente trabalho visa a apresentar uma breve comparação entre russo e português, considerando o desenvolvimento histórico de construções binominais quantificadoras do tipo [N_{quantificador} (PREP) N_{quantificado}], e apresentar pontos que auxiliem na discussão das questões mencionadas de (a) a (e). As construções em pauta atraem lexemas variados, cujo valor referencial básico não está diretamente associado à semântica quantificadora, mas que, em combinação com outros lexemas com semântica compatível, permitem a interpretação de grande quantidade (cf. *kucha problem* [um monte de problemas], *morie udovolstva* [um mar de satisfação], em russo, ou *um monte de trabalho, uma enxurrada de críticas*, em português). Para a discussão, serão utilizadas algumas análises estatísticas baseadas em corpora – tais como testes de independência e medidas de associação.

O LUGAR DO SIGNIFICADO EM PROCESSOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA:
 UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS VALORES DE MODOS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rosane de Andrade Berlinck
 Universidade Estadual Paulista/Araraquara
 CNPq

O trabalho objetiva tecer uma reflexão sobre o lugar e a manutenção do significado em processos de variação e mudança. Como fonte e base empírica para essa reflexão lanço mão de análises desenvolvidas sobre a alternância entre os modos verbais subjuntivo e indicativo, em contextos ditos normativos do primeiro, em construções de orações complexas – completivas, condicionais e relativas, no português brasileiro. São casos, respectivamente, como (i) *eu acredito que eles tenham uma certa dificuldade de convívio/ eu acredito que ele tem maior condição* (dados de fala, corpus Iboruna (Gonçalves, 2007)); (ii) *se você quiser/quer, eu gravo para você* (carta pessoal, SP-séc. XX, corpora PHPP); (iii) *talvez porque tenha muita gente que venha/venem de tudo quanto é tipo de lugar* (dados de fala, corpus SP2010 (Mendes, 2013)). Parto da visão tradicional de que há uma diferença inerente de significado atrelado a cada um dos modos, em uma relação de (quase) distribuição complementar. Essa visão é questionada e discutida com base no que revelam meus estudos, em dados sincrônicos da fala paulista e em dados diacrônicos provindos de peças teatrais e cartas pessoais (Berlinck 2015, 2019a, 2019b, 2022; Poplack et al, 2018). O aporte teórico-metodológico vem da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov, 1972, 1982, 1994, 2001, 2010) em articulação com conceitos, princípios e processos de base funcionalista (como função, marcação, iconicidade, gradiência, convencionalização; Halliday, 1985; Givón, 1995, Bybee, 2010). A análise leva a um quadro descritivo-explicativo que revela situações variadas no recorte sincrônico, resultante de movimentos diacrônicos: contextos de variação associada a diferentes graus de manutenção das formas de subjuntivo, contextos de preservação de diferentes sentidos associados aos modos verbais.

SESSÃO TEMÁTICA II: FUNCIONALISMO E TEORIA GRAMATICAL

23/06/2022, às 13h30

Link de acesso: <http://meet.google.com/yxf-unzc-rnp>

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Roberto Gomes Camacho
 Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto

A oração relativa é o objeto de análise consensualmente selecionado pelos participantes para discutir o tema desta sessão de debates, ou seja, a relação entre o modelo teórico funcionalista enfocado e a teoria gramatical. A ideia por trás dessa organização é a de que a análise dessa construção permite mostrar o funcionamento do programa teórico de cada corrente funcionalista em questão. O objetivo desta apresentação é mostrar como se organiza o Componente Gramatical da Gramática Discursivo-Funcional, tal como arquitetada por Hengeveld e Mackenzie (2008), com base na aplicação de seus fundamentos teóricos à análise dos tipos restritivo e não restritivo de orações relativas, seja em termos de formulação seja em termos de codificação. Nesse arcabouço teórico, uma oração restritiva codifica categorias semânticas que modificam o Np de que fazem parte, restringindo sua referência. Uma oração não restritiva codifica, por seu lado, Atos Discursivos, que são entendidos como categorias pragmáticas. O que difere, portanto, uma oração restritiva de uma não restritiva, que imprime à primeira um caráter semântico, e à segunda, um caráter pragmático, é que a restritiva, por um lado, assume o mesmo contorno entonacional que o da oração principal de que é parte integrante; a não restritiva, por outro lado, terá o estatuto de Ato Subsidiário ou Aposição de outro Ato Discursivo nuclear, o que se reflete na prosódia por uma entonação própria e, como tal codificada pelo Nível Fonológico. Em razão disso, o reflexo morfossintático mais evidente é o de que há entre elas uma dependência de mão-única que corresponde a uma relação de consubordinação, diferentemente das orações relativas não restritivas que consistem em casos de subordinação.

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Edvaldo Balduino Bispo
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal

Tendência recente dos estudos funcionalistas praticados no Brasil, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) resulta da aproximação entre Funcionalismo norte-americano, Linguística Cognitiva (LC) e Gramática de Construções (GC) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bispo; Lopes, 2022). Incorpora postulados e conceitos operacionais da GC, dentre os quais está a ideia de que a língua pode ser entendida como um conjunto de construções interconectadas e organizadas hierarquicamente, além da própria noção de construção como pareamento de forma-sentido/função e de suas propriedades, a exemplo da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade. Nesse contexto teórico, discuto as orações relativas sob o viés funcional-construcionista, tomando-a como um todo de forma e sentido. Objetivo explicitar propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas desse tipo oracional, identificar padrões construcionais subjacentes às instâncias de uso e correlacionar a relativa a outras construções da língua, sejam oracionais (intransitiva, transitiva, ditransitiva, predicativa), sejam não oracionais (sintagma adjetival, sintagma preposicional, sintagma adverbial e sintagma nominal). Para tanto, considero alguns empreendimentos já realizados nessa direção, como a análise de orações restritivas (Bispo, 2018) e de orações sem antecedente (Bispo, 2020).

Referências

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso** – uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.
 BISPO, E. B. Relativa restritiva em perspectiva construcional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, 2018.

BISPO, E. B. Quem cala consente: abordagem funcional-construcionista de relativas sem antecedente introduzidas por 'quem'. **Gragoatá**, Niterói, v. 25, n. 52, p. 601-626, 2020.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Odisseia**, Natal-RN, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022.

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA

Juliano Desiderato Antônio
Universidade Estadual de Maringá

A Teoria da Estrutura Retórica é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto. De acordo com essa teoria, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. A análise se dá tanto na macroestrutura quanto na microestrutura dos textos, conforme o princípio da RST de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Para a análise das orações relativas, serão utilizadas ocorrências de um corpus de língua falada composto por aulas de curso superior e de curso pré-vestibular. Na macroestrutura, observou-se que a unidade central dessas aulas é composta por um supertópico que é desenvolvido por subtópicos que funcionam como satélites e acrescentam informações a ele por meio da relação de elaboração. Na camada seguinte da estrutura retórica, cada um desses subtópicos passa a desempenhar papel nuclear e é, por sua vez, desenvolvido por outros subtópicos. Assim, na macroestrutura, a relação de elaboração é essencial para o estabelecimento da coerência nessas aulas. Na microestrutura, o satélite da relação de elaboração é realizado por orações relativas não restritivas com a função de introduzir informações adicionais sobre a oração nuclear. As orações relativas restritivas não são analisadas pela RST, uma vez que, por complicarem um tema da oração matriz e, portanto, estarem encaixadas nessa oração, não estabelecem relações retóricas.

SESSÃO TEMÁTICA III: FUNCIONALISMO E TIPOLOGIA

24/06/2022, às 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/vjk-qkue-xni>

COSUBORDINATION

Kees Hengeveld
Universidade de Amsterdã/Países Baixos

In this paper I will propose a detailed treatment of cosubordinate constructions in Functional Discourse Grammar. Cosubordination occurs when a clause is not embedded, as subordinate clauses are, but is dependent. This dependency consists in the fact that two or more clauses together depend on some shared element, which may be an operator or a modifier. I intend to show that clausal cosubordination may apply at six different layers at the Representational Level: the layers of the Lexical Primitive, the Lexical Property, the Configurational Property, the State-of-Affairs, the Episode, and the Propositional Content. Cosubordinated Lexical Primitives may manifest themselves as compounds, cosubordinated Lexical Properties and Configurational Properties may manifest themselves as two different types of serial verb construction, cosubordinated States-of-Affairs as switch reference constructions, cosubordinated Episodes are relevant for the analysis of certain narrative constructions, and cosubordinated Propositional Contents can be found in conjunction reduction. This approach expands on the RRG approach to cosubordination advanced in Foley & Van Valin (1984), itself based on Olson (1981), in which only three types of cosubordination are recognized. This is a consequence of the fact that in RRG only three clausal layers are distinguished: Nucleus, Core, and Periphery, while in FDG there is a more detailed division into layers. Furthermore, I will argue that cosubordination applies to the noun phrase as well, at four different layers: that of the Lexical Primitive, the Lexical Property, of the Entity type denoted by the noun phrase (α), and at a newly proposed layer, which I provisionally call the Entity layer. All the points made are illustrated and supported by data from a wide range of languages.

References

Foley, William A. & Van Valin, Robert D. Jr (1984), *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.

Olson, Michael Leon (1981), *Barai clause junctures: Toward a functional theory of interclausal relations*. PhD Dissertation, Australian National University.

MECANISMOS DE INCORPORAÇÃO NOMINAL EM LÍNGUAS INDÍGENAS

Angel Corbera Mori
Universidade Estadual de Campinas

As línguas ameríndias apresentam diversos processos morfossintáticos que têm chamado a atenção dos linguistas, tanto daqueles que consideram a natureza das línguas naturais como propriedade inata e universal, quanto daqueles que descrevem as línguas em seus próprios termos. Dentre os diversos processos morfossintáticos recorrentes nas gramáticas das línguas ameríndias, sobretudo amazônicas, é a incorporação nominal, tópico abordado nesta comunicação. É comum definir a incorporação nominal como um processo morfossintático pelo qual um nominal em função de argumento interno, ou em alguns casos, o nominal em função de argumento externo, de um verbo torna-se em um modificador desse verbo, dando como resultado um verbo complexo com um argumento menos que o verbo inicial, daí o processo ser visto tipicamente, mas não necessariamente, como intransitivizador (Moreno Cabrera, 1991). Estudos realizados sobre línguas ameríndias mostram que em uma construção prototípica, a estrutura complexa nome-verbo resultante constitui uma palavra fonológica conforme os padrões fonológicos da formação de palavras da língua

em questão e que funciona como predicado na estrutura da sentença. Conforme Payne (1990), Dixon e Aikhenvald (1999), a incorporação nominal é um traço característico de diversas línguas faladas na região da Amazônia. Contudo, a incorporação nessas línguas não se restringe aos nomes, mas também abarca a incorporação de advérbios e adposições (Aikhenvald, 2012). Em se tratando da incorporação de nomes inalienavelmente possuídos, tais como termos de partes do corpo, a valência do verbo não é afetada, porém se o processo envolve nomes caracterizados como alienáveis a valência do verbo é afetada. Esta comunicação considera dados extraídos de publicações variadas, tais como teses e dissertações. A descrição e análises dos dados apresentados são norteados sob a vertente teórica funcional-tipológica em termos de Mithun (1984); Givón (2001); Kroeger (2005); Aikhenvald (2012).

**A ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL DE MARCADORES NEGATIVOS:
UMA RELEITURA DA NEGAÇÃO EM KAMAIURÁ**

Marize Mattos Dall’ Aglio Hattner
Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto
Vitor Henrique Santos da Silva
Universidade Estadual Paulista/S.J. Rio Preto

Com a intenção de demonstrar como a adoção de uma teoria funcionalista de base tipológica como a Gramática Discursivo-Funcional (GDF – HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) pode otimizar o processo metodológico de reanálise dos dados, propomos, neste trabalho, uma releitura da classificação da negação feita por Seki (2000). A estrutura hierarquizada proposta pela GDF permitiu uma releitura do excelente trabalho descritivo feito pela autora, chegando a uma classificação sistematizada dos diferentes tipos de negação na língua Kamaiurá. Ancorada na classificação da negação proposta por Hengeveld e Mackenzie (2018), a reanálise desenvolvida amplia o alcance tipológico da descrição feita por Seki (2000), na medida em que os usos acionais da negação também são sistematicamente descritos e explicados, ao lado dos usos semânticos, sem desconsiderar os aspectos morfossintáticos desses diferentes subtipos.

Referências:

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Negation in Functional Discourse Grammar. In: OLBERTZ, H.; KEIZER, E. *Recent developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 2018. p. 17-44.
SEKI, L. *Gramática do kamaiurá: língua Tupi-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

SESSÃO TEMÁTICA IV: FUNCIONALISMO E VARIAÇÃO

24/06/2022, às 15h30

Link de acesso: <https://meet.google.com/snu-nrqe-mhm>

FUNCIONALISMO/SOCIOLINGÜÍSTICA: ESTADO DA ARTE E DESAFIOS DE UMA INTERFACE

Edair Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

O foco da apresentação é a interface denominada Sociofuncionalismo, resultante de uma articulação entre Sociolinguística Variacionista (SV)/Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo (FUNC) de vertente norte-americana. No Brasil, identificamos, *grosso modo*, dois tipos de prática analítica que se inscrevem nessa interface: (i) usos variáveis de diferentes níveis gramaticais (partindo da delimitação de um envelope de variação em que as formas concorrentes constituem uma variável dependente) são vistos como condicionados por fatores semântico-pragmático-discursivos (em que a função é tomada como variável independente, explicando a forma) e eventualmente por fatores de estratificação social – o foco é a *variação*; e (ii) o fenômeno variável é circunscrito dentro de um domínio funcional, composto por camadas sincronicamente estratificadas (seja resultantes de alterações de uma dada forma, seja constituídas por itens distintos) que coexistem e que resultam de processo(s) de gramaticalização, envolvendo tanto mudanças semântico-pragmáticas como categoriais, numa clara aproximação entre gramaticalização e variação – o foco é a *multifuncionalidade* e a *variação*. Essa dupla ancoragem teórica (SV e FUNC), no entanto, nem sempre é suficientemente tratada em algumas pesquisas que, ou partem de SV e não assumem explicitamente uma abordagem funcional como parâmetro explanatório linguístico; ou partem de FUNC e apenas lançam mão do instrumental metodológico variacionista, sem considerar questões teórico-conceituais da área. Nesse sentido, o debate teórico-metodológico em torno da interface, considerando suas potencialidades e limitações, precisa ser contemplado quando se trata de acionar aspectos de uma e de outra área (Tavares; Görski, 2015; Görski; Tavares, 2017). Paralelamente, perceberemos que, em alguns estudos, a dimensão linguística da interface vem sendo aprofundada à luz de avanços teóricos na área funcionalista, considerando mecanismos de natureza cognitivo-comunicativa e motivações basicamente semântico-pragmáticas de fenômenos em mudança e variação. Nessa ótica, um dos desafios para a prática analítica é o de refinar o tratamento de variáveis gradientes, por exemplo, construindo variáveis complexas de caráter multidimensional. A dimensão social da interface, por outro lado, não tem recebido tanta atenção. Nesse sentido, colocam-se como desafios do campo (i) explorar “o componente social da Sociolinguística de modo a articular as diferentes camadas do significado social, incluindo aspectos estilísticos e identitários, com o componente funcional” (Görski; Martins, 2021); (ii) “buscar desvelar a dinâmica do significado social na gramaticalização” (Görski; Valle, 2021); (iii) investir num design de *domínio sociofuncional* que represente como diferentes significados sociais indexicalizados pelas formas linguísticas se articulam com diferentes significados semântico-pragmáticos, ambos vistos como multicamadas imbricadas (Görski; Valle; Amaral, a sair); e ainda (iv) considerar o impacto dessa expansão para a interface, tanto em relação ao plano teórico-conceitual como em relação a práticas analíticas.

Referências:

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017, p. 35-63.

GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. Questões teórico-metodológicas da sociolinguística em interface com o gerativismo e o funcionalismo linguísticos e o ensino de língua portuguesa. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. esp., p. 173-197, jan.-dez., 2021.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v. 19, n. 4 p. 183-207 dez. 2021.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M.; AMARAL, K. O. Por uma noção de domínio sociofuncional. *D.E.L.T.A.* (a sair).

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

O VARIÁVEL, O CATEGÓRICO E O GRADUAL

Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe

Questões de tratamento dos dados, tanto na perspectiva funcionalista, quanto sociolinguística, ainda demandam investigação, a fim de contribuir para análises reprodutíveis e generalizáveis. Nesta exposição, são discutidos dois aspectos. O primeiro deles diz respeito à reprodutibilidade da análise. A delimitação de variantes de uma variável para além da fonologia (e até mesmo na fonologia) tradicionalmente é realizada de maneira impressionista e baseada no julgamento do analista, a partir das pistas contextuais. Considerando a reprodutibilidade da análise: diferentes analistas chegam aos mesmos resultados? O teste do poder explanatório de modelos de análise que consideram pistas contextuais pode contribuir para o refinamento das descrições funcionalistas. O outro aspecto a ser discutido diz respeito à adoção de premissas de que dados de variáveis categóricas não devem ser incluídos em modelos de análise de orientação sociofuncionalista. Do ponto de vista teórico, a permissão desconsidera o percurso do gradual ao categórico que é mediado pela variação; do ponto de vista metodológico, testes de regressão logística talvez não sejam os mais adequados para captar essa nuance. Para embasar os dois aspectos levantados, estudos de fenômenos variáveis nos níveis gramaticais mais altos são apresentados.

SOCIOLINGUÍSTICA: SÓ UMA METODOLOGIA?

Lívia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas
VARIEM (Laboratório Variação, identidade, Estilo e Mudança)

Uma visão recorrente nos estudos linguísticos brasileiros divide o amplo campo da Linguística em duas vertentes: a funcionalista vs. a formalista. Tal divisão em geral reconhece as múltiplas perspectivas teórico-metodológicas que recobrem a análise dos mais diversos campos de estudos linguísticos, mas forçosamente insiste em classificar todas as abordagens em uma das duas perspectivas acima. Por outro lado, a Sociolinguística – campo que estuda a língua em seu contexto social, em definição ampla – é reconhecidamente uma área que se desdobra em múltiplas abordagens (Variacionista, Interacional, Educacional etc.), além de abrir-se para diversas interfaces: Sociofonética, Sociossintaxe, Sociocognitivismo, Sociolinguística Computacional etc. São conhecidos os argumentos contra e a favor do estabelecimento de interfaces entre a Sociolinguística e abordagens funcionalistas e formalistas (ver, p.ex., Camacho, 2003; Görski & Tavares 2013; Borges Neto & Muller, 1987; Duarte, 2019). Tendo essas discussões como pano de fundo, o objetivo, nesta fala, é o de discutir o status teórico e metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972], Eckert 2012, Hall-Lew et al 2021). Em especial, pretende-se rebater duas visões comuns, mas equivocadas, a respeito da área: (i) a de que a Sociolinguística Variacionista é “apenas uma metodologia”, que consiste na quantificação de dados, cujo propósito é o de testar previsões de teorias formalistas ou funcionalistas; e (ii) a de que a Sociolinguística Variacionista se ocupa em estudar apenas correlações com fatores sociais e, se um estudo variacionista não o faz, não é sociolinguístico. Para tanto, volta-se tanto às bases teóricas em Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) quanto a discussões mais recentes como em Hall-Lew et al 2021, identificando nas premissas teóricas as múltiplas metodologias que compõem a “caixa de ferramentas” da Sociolinguística Variacionista (Tagliamonte 2012). Como campo de estudos sobre a *variabilidade inerente*, a *heterogeneidade ordenada*, e a *variação linguística como prática social*, a Sociolinguística constitui-se como teoria independente – ainda que aberta a interfaces – sobre o funcionamento das línguas naturais em seus contextos de uso. Argumenta-se, por fim, que nenhuma metodologia se sustenta por si, sendo sempre necessário que os métodos atendam a questões específicas da perspectiva teórica que os fomenta (Oushiro, 2019; Oushiro, 2021).

Referências:

- Borges Neto, J.; Muller, A.L.P. (1987) Linguistas ou camaleões? Uma resposta a Tarallo. *D.E.L.T.A.* 3(1): 85–95.
- Camacho, R.G. (2003) O formal e o funcional na teoria variacionista. In: Roncarati, C.; Abraçado, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, p. 55–65.
- Duarte, M. E. L. (2019) A Sociolinguística “Paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras* 15(31): 124–140.
- Eckert, P. (2012) Three waves of analyzing variation: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology* 41: 87–100.
- Görski, E.M.; Tavares, M. A. (2013) Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE* 15: 79–101.
- Hall-Lew, L.; Moore, E.; Podesva, R. J. (eds.) (2021) *Social meaning and linguistic variation*. Theorizing the third wave. Cambridge: Cambridge University Press.
- Labov, W. (2008 [1972]) *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.
- Oushiro, L. (2019) Questões e métodos: vogais médias pretônicas na fala de migrantes nordestinos em situação de contato dialetal. In: Vieira, M.S.M.; M. L. Wiedemer. (orgs.). *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, v. 1, p. 157-187.

Oushiro, L. (2021) A indissociabilidade entre questões, teoria e método. Conferência apresentada no V Instituto de Estudos Linguísticos (UFFS). Disponível em <https://youtu.be/6T15yTjtx4>. Último acesso em 9 abr. 2022.

Tagliamonte, S. (2012) *Varianist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Malden: Wiley Blackwell.

Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. (2006 [1968]) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola.

SESSÃO TEMÁTICA V: FUNCIONALISMO E LÉXICO

25/06/2022, às 10h10

Link de acesso: <http://meet.google.com/eie-xxdf-spy>

PROBLEMAS Y TENDENCIAS EN EL ESTUDIO DEL LÉXICO EN EL FUNCIONALISMO CONTEMPORÁNEO

Daniel García Velasco

Universidad de Oviedo/Espanha

El objeto de esta sesión es introducir algunas de las cuestiones fundamentales en el estudio del léxico en el funcionalismo contemporáneo y servir así como marco para las intervenciones del resto de participantes en este panel. Entre los aspectos que se tratarán en esta presentación se incluyen los siguientes:

1. La posición del componente léxico en las gramáticas funcionales: no existe uniformidad en la situación del léxico en los modelos funcionales. Mientras que en algunos ocupa una posición final en la generación de expresiones, en otros supone su punto de inicio. Tal cuestión se relaciona inevitablemente con la relación de la competencia lingüística con otros componentes mentales y, en consecuencia, con el ideal de adecuación cognitiva que asumen la mayoría de modelos funcionales.
2. La organización de la información léxica: dado que las piezas léxicas contienen información fonológica, sintáctica y semántica, los modelos difieren también en su disposición, bien en forma de unidades más o menos compactas o bien distribuyéndola por los correspondientes niveles de organización lingüística. Esta disposición más o menos flexible incide en los análisis propuestos para cuestiones tales como las alternancias valenciales de los predicados o los sistemas de partes de habla de lenguas con lexemas flexibles.
3. La naturaleza del significado léxico: algunos modelos funcionalistas ofrecen definiciones precisas para los lexemas con un alto grado de formalización, mientras que otros parecen adoptar perspectivas holísticas al asumir que el significado de los lexemas resulta de su uso repetido en el contexto hasta alcanzar un grado suficiente de convencionalización. Detrás de este enfoque se sitúa también la existencia de fenómenos como la gramaticalización o subjetivización que dan lugar a unidades léxicas con diferentes tipos de significado (gramatical o interpersonal).
4. Léxico y contexto: la inevitable modulación del significado léxico en el contexto ha llevado a muchos autores en el ámbito de la teoría de la comunicación a asumir que el significado léxico está necesariamente infraespecificado y que los lexemas adquieren un significado preciso en cada ocasión de uso. Para la teoría funcionalista, cuyo objetivo último es dar cuenta de cómo el lenguaje se organiza para permitir la comunicación humana, esta hipótesis resulta muy relevante, pues, de ser cierta, ofrece una visión del léxico como una entidad extremadamente flexible y hasta cierto punto casi imprecisa, cuyas carencias pueden ser compensadas por la riqueza cooperativa de los actos comunicativos.

CARACTERIZACIÓN FUNCIONAL DE LOS SISTEMAS DE PARTES DE LA ORACIÓN: DE LA FORMULACIÓN A LA CODIFICACIÓN

Ventura Salazar García

Universidade de Jaén/Espanha

Por su naturaleza multinivélica, la Gramática Discursivo-Funcional (*FDG*, por sus siglas en inglés) no cuenta con un lexicón unificado en el que las unidades léxicas están almacenadas conjuntamente con sus respectivos rasgos gramaticales. Por el contrario, cada nivel opera con su propia serie de unidades léxicas primitivas (Hengeveld & Mackenzie 2008: 19-22). Aunque los términos que las designan proceden de la tradición gramatical precedente, adquieren aquí un sentido específico: lexemas interpersonales y representacionales, raíces, temas (en inglés: *stems*) y palabras. El propósito de este trabajo es indagar en la categorización de las unidades léxicas en partes de la oración, poniendo el foco en los niveles representacional y morfosintáctico. Se parte de la constatación de que no existe una correspondencia biunívoca entre las pautas de categorización de ambos niveles, fundamentalmente por la flexibilidad categorial que caracteriza a los lexemas de muchas lenguas. Eso da lugar a disparidades (*mismatches*) que, de acuerdo con los recientes avances en el modelo (cf. Contreras-García & García Velasco 2021), se compensan por medio de un interfaz que, entre otras funciones, fija las conexiones entre las unidades léxicas representacionales y las morfosintácticas.

Referencias:

Contreras-García, Lucía & Daniel García Velasco (eds.) (2021). *Interfaces in Functional Discourse Grammar*. Berlín: De Gruyter.

Hengeveld, Kees & J. Lachlan Mackenzie (2008). *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press.

A partir dos anos 60 e 70 do século passado, linguistas de diferentes persuasões teóricas têm dedicado uma atenção crescente ao estudo de vários fenômenos pragmáticos, quer no que diz respeito ao uso da língua em contexto e a interação entre língua e sociedade, quer no que toca ao impacto do contexto de enunciação e da relação entre os interlocutores sobre a própria estrutura linguística. Em particular, diversos modelos de inspiração funcionalista têm vindo a desenvolver a sua própria abordagem à codificação linguística explícita de valores interpessoais e discursivos, com ênfase particular nos padrões morfossintáticos e fonológicos reservados a essa função e na distribuição, função e diacronia dos chamados marcadores discursivos. Por outro lado, quase nenhum estudo foi dedicado à modelização dos diversos tipos de lexemas que veiculam significados pragmático-discursivos (e.g. os que expressam uma avaliação ou um estado emocional do locutor ou os que apontam diretamente para a relação entre os interlocutores) ou à exploração das propriedades características deste conjunto específico de lexemas. Esta comunicação visa comparar o potencial de quatro diversos modelos funcionalistas para elaborar uma abordagem sistemática e satisfatória a este tipo de lexemas (Gramática de Construções: Goldberg 1995, Croft 2001 entre outros; Gramática do Discurso: Heine et al. 2013; Gramática Sistemática-Funcional: Halliday & Matthiessen 2014; Gramática Discursivo-Funcional: Hengeveld & Mackenzie 2008). A comparação será baseada nos dois parâmetros teóricos que subjazem à própria definição de "lexemas com significado pragmático-discursivo" (ou, por brevidade, "lexemas interpessoais"): a forma como a oposição entre elementos lexicais e gramaticais é concebida por cada modelo da linguagem e a posição que cada modelo reserva à pragmática no seio da sua visão geral da interação verbal (em particular, no que toca à distinção entre pragmática e semântica). Mostrar-se-á que, das várias abordagens funcionalistas consideradas, apenas a Gramática Discursivo-Funcional opera uma distinção explícita e sistemática quer entre léxico e gramática, quer entre semântica e pragmática, proporcionando assim ferramentas teóricas adequadas para uma caracterização inequívoca do lugar que cabe aos lexemas interpessoais dentro de uma teoria geral da gramática e para a análise das funções desempenhadas pelos itens linguísticos em questão em enunciados concretos. Ao mesmo tempo, defender-se-á a necessidade de aprimorar a abordagem da Gramática Discursivo-Funcional aos lexemas interpessoais com base na proposta de Giomi (2021), nomeadamente ao introduzir-se uma camada da organização pragmática especificamente reservada para a modelização dos ditos lexemas no Nível Interpessoal da arquitetura do modelo, em analogia com o que já acontece no Nível Representacional para o tratamento dos lexemas com significado estritamente descritivo. Através da análise de exemplos autênticos, ilustrar-se-á como o preenchimento desta lacuna no arcabouço teórico do modelo permite ultrapassar problemas analíticos relacionados com uma variedade de operações gramaticais das quais os lexemas interpessoais podem ser objeto (modificação, negação, (de)intensificação e coordenação).

Referências:

- Croft, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: OUP.
- Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2014). *Halliday's introduction to functional grammar* (4ª ed.). Londres: Routledge.
- Heine, B., Kaltentock, G., Kuteva, T., & Long, H. (2013). An outline of Discourse Grammar. Em S. Bischoff & C. Jeny (Orgs.), *Functional approaches to language*, 155-206. Berlim: Mouton De Gruyter.
- Hengeveld, K., & Mackenzie, J. L. (2008). *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: OUP.

SESSÃO TEMÁTICA VI: FUNCIONALISMO E LÍNGUAS DE SINAIS

25/06/2022, às 10h10

Link de acesso: <https://meet.google.com/pmx-vwqd-vwq>

AINDA HÁ UM SE, UM MAS E UM PORQUÊ SOBRE CONJUNÇÕES: MULTIFUNCIONALIDADE DE CONJUNÇÕES MANUAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Angélica Rodrigues

Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Felipe Aleixo

Universidade Federal de Roraima

Neste trabalho, concentramos os resultados de pesquisas anteriores (RODRIGUES; SOUZA, 2019; RODRIGUES, 2019; ALEIXO, 2021; RODRIGUES, 2022) sobre o uso de conjunções manuais na Língua Brasileira de Sinais com o objetivo de discutir tanto a emergência de conjunções nessa língua quanto sua multifuncionalidade. Focamos, aqui, o uso de conjunções adversativas, causais e condicionais em orações complexas. Inicialmente, consideramos importante elucidar os processos de mudança, especialmente a gramaticalização, que podem levar à emergência de conjunções manuais, como mecanismos que operam nas línguas independentemente da modalidade. Todavia, precisamos apontar aspectos relacionados à modalidade que nos permitem apurar com mais detalhes o funcionamento de conjunções manuais nas línguas de sinais. Desse modo, é crucial que analisemos o papel dos marcadores não manuais como veiculadores de informações semântico-pragmáticas que podem se sobrepor ou não ao uso de conjunções manuais. Os resultados a serem apresentados são frutos da análise de dados naturalísticos, coletados de dois corpórea principais, a saber, o Corpus de Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina, e o Minicópus do Grupo de Pesquisa SingL, da Unesp.

MODAIS DE POSSIBILIDADE EM LIBRAS E LÍNGUA DE SINAIS ARGENTINA (LSA)

André Nogueira Xavier

Universidade Federal do Paraná

Rocio Martinez

Universidade de Buenos Aires

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

Apesar da amplitude do campo da modalidade, van der Auwera & Plungian (1998) o restringiram às noções semânticas de necessidade e possibilidade. Para sua análise, os autores desenvolveram mapas semânticos, que representam essas noções em termos de categorias organizadas hierarquicamente. Precisamente, na proposta de van der Auwera & Plungian tanto as modalidades de necessidade quanto as de possibilidade são divididas em duas categorias: epistêmicas e não epistêmicas, que, por sua vez, se subdividem em duas subcategorias: interna ao participante e externa ao participante. A subcategoria externa ao participante também é subdividida em duas outras: deôntica e não deôntica. Assim, a proposta oferece princípios para analisar as estratégias que as línguas têm para expressar os diferentes significados que cada domínio da modalidade compreende, por exemplo, o uso de diferentes itens lexicais ou polissemia. Embora este quadro teórico tenha sido inicialmente proposto e aplicado à análise de línguas faladas, ele já foi utilizado na análise de línguas de sinais como ASL (Shaffer 2000, 2002; Wilcox & Shaffer 2006) e como a libras, (Xavier & Wilcox 2014). Esses estudos revelaram a existência de sinais lexicais separados para expressar um ou alguns dos significados distinguidos por van der Auwera & Plungian em seus mapas semânticos, bem como a existência de sinais modais polissemicos. Este trabalho pretende oferecer um estudo contrastivo da expressão da possibilidade em duas línguas de sinais historicamente não relacionadas e linguisticamente pouco estudadas, a saber, libras e língua de sinais argentina, LSA. Para tanto, adaptamos a entrevista semiestruturada de Xavier & Wilcox (2014) criada com base no mapa semântico de possibilidades de van der Auwera e Plungian e eliciamos modais de possibilidade de dois sinalizantes fluentes para cada língua. Com isso, buscamos contrastar as estratégias da libras e da LSA para expressar os diferentes significados compreendidos dentro do domínio da modalidade de possibilidade. Isso inclui não apenas o uso de diferentes sinais lexicais ou a polissemia, mas também outros recursos como modificação na forma do movimento do sinal modal ou de suas expressões não-manuais.

Referências

- Shaffer, Barbara. 2000. *A syntactic, pragmatic analysis of the expression of necessity and possibility in American Sign Language*. Albuquerque, NM: University of New Mexico doctoral dissertation.
- Shaffer, Barbara. 2002. Synchronic and diachronic perspectives on negative modals in ASL. In Dawn Nordquist & Catie Berken*eld (eds.), *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference, Spring, 1999, University of New Mexico*, 15–22. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society. <http://linggraduate.unm.edu/proceedings/HDLs%20%20Proceedings%201999.pdf>
- Van der Auwera, Johan & Vladimir A. Plungian. 1998. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*. 2 pp.79-124.
- Wilcox, Sherman & Barbara Shaer. 2006. Modality in American Sign Language. In William Frawley (ed.), *The expression of modality*, 207–238. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Xavier, André Nogueira & Sherman Wilcox. 2014. Necessity and possibility modals in Brazilian Sign Language (Libras). *Linguistic Typology*, 18, 449-488.

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

SESSÃO 1

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <http://meet.google.com/yxf-unzc-rnp>

"[VAI QUE] CONECT": UMA ANÁLISE FUNCIONAL BASEADA NO USO

LEYLA ELY (UFRJ)

MARIA MAURA DA CONCEIÇÃO CEZÁRIO (UFRJ)

Este trabalho apresenta uma análise preliminar acerca da construção "[Vai que] CONECT". *Vai que* é considerado um operador argumentativo (ANDRADE, 2014) introdutor de construções do tipo condicional, que passou por um processo de construcionalização. Segundo Neves (2011), o emprego do conector estabelece relação entre condicionante e condicionado, sem que exista formalmente uma construção condicional do tipo: Se p, então q. Tendo isso em vista, argumentamos que o "[Vai que]CONNECT" apresenta uma suposição com base condicional em construções do tipo: "Vai que um dia eu decida mostrar o blog para as pessoas "da vida real"" (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2022). Seguimos os pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso, que oferece contribuições importantes para que se entenda melhor os usos linguísticos nos mais variados contextos discursivos com base nos aspectos cognitivos de domínio geral (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; BYBEE, 2015; DIESSEL, 2019). A pergunta de pesquisa que se pretende responder é: Quais fatores (formais e funcionais) estão envolvidos no pareamento simbólico da construção "[Vai que] CONECT" ? Como resultado preliminar do trabalho, tem-se que construção, já convencionalizada na língua, assume função gramatical de operador argumentativo, no nível sintático, e adquire valor condicional, do ponto de vista semântico. Assim, os construtos com "[Vai que]CONNECT" parecem apresentar projeções e hipóteses sobre a oração antecedente.

A CONSTRUÇÃO SERÁ QUE NO ESQUEMA [X QUE]^{CONNECT}

FERNANDA MATOS MOREIRA (UEG)

Este trabalho tem o objetivo de fazer uma análise da construção *Será que*, por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da Gramática de Construções, representada, sobretudo, por Adele Goldberg, William Croft, Mirjam Fried, Graeme Trousdale, entre outros. Buscando um melhor esclarecimento acerca dos processos construcionais e das motivações que levaram à formação dessa construção, fundamentado nos princípios da Mudança Construcional e da Construcionalização, conforme postulam Traugott e Trousdale (2013). Além disso, o artigo mostra a organização da rede [Xque]^{CONNECT} em português. Verificaremos se a expressão analisada, *Será que*, sofreu realmente um processo de construcionalização, ou seja, ocorreram mudanças linguísticas na forma e no sentido destas sequências, produzindo novas unidades simbólicas ou a expressão acima passou por processos de mudança construcional. Para isso, apresentaremos o esquema com os diferentes níveis do processo construcional dessa construção. Esquemas são generalizações taxonômicas que apontam para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes. *Esquematicidade* diz respeito, então, a quanto uma construção é geral e aberta ou específica, devendo ser considerada em um *continuum*. Observaremos que a nova construção está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais especificadas.

ABORDAGEM FUNCIONAL CENTRADA NO USO DA CONSTRUÇÃO [DENTRO/FORA DE X]

DANIEL EWERTON DE SOUSA (UFRN)

Neste trabalho, ocupamo-nos da construção [dentro/fora de X] no português brasileiro (PB) em perspectiva sincrônica. O objetivo geral é analisar a configuração morfossintática e a multifuncionalidade semântica dessa construção, compreendendo, assim, os diversos sentidos ligados a seus usos. De modo mais específico, objetivamos: (i) descrever as propriedades morfossintáticas dessa construção; (ii) identificar valores semânticos carreados pelas instâncias de uso da construção sob enfoque; (iii) discutir a atuação de projeções metafóricas e metonímicas em tais ocorrências. Para tanto, fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como delineada em Furtado da Cunha e Bispo (2013) e Bispo e Lopes (2022), o que implica contemplar contribuições da gramática de construções, nos termos de Goldberg (2003; 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujos dados empíricos para análise são extraídos de uma amostra constituída de textos de revistas formais/informais, blogs e twitter, compilados pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT). Os resultados preliminares apontam que a construção [dentro/fora de X], além de sua acepção básica associada à localização interior ou exterior em um espaço físico, pode veicular outros valores semânticos, como espaço virtual, tempo e conformidade, a depender do elemento que ocupa o *slot* X e das relações estabelecidas entre este e os itens fixos da construção. Nessas relações, atuam processos metafóricos e metonímicos.

ABORDAGEM FUNCIONAL DO *SE É QUE*: RELAÇÕES DE CONDICIONALIDADE NOS USOS DO CONECTOR A PARTIR DA ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL E DA EXISTÊNCIA OU NÃO DE PAUSA

AYMÉE SILVEIRA SANTOS (UFPB)

CAMILO ROSA SILVA (UFPB)

A vertente funcionalista preconiza o estabelecimento das relações de condicionalidade com base na análise da língua em uso, dentro de um contexto real, ativo e funcional. Nesse sentido, chama atenção o estudo das relações de condicionalidade presentes em orações adverbiais introduzidas pelo conector *se é que*, considerando que sua característica de conferir realce, ao ser utilizado como conector condicional, revela variações e funções inovadoras creditadas a motivações cognitivas e interacionais distintas. O presente trabalho objetiva identificar e descrever variações sintáticas, semânticas e discursivas inerentes ao uso do conector *se é que* em contextos de condicionalidade. Para o desenvolvimento da reflexão proposta, elencamos os parâmetros *ordem da oração adverbial*, considerando a posição em que aparecem as orações adverbiais condicionais, e *existência ou não de pausa*, indicado pela presença/ausência de sinal de pontuação nessas orações. O trabalho é fundamentado na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, tendo sido utilizados como aportes teóricos estudos desenvolvidos por Neves (2018), Castilho (2010), Givón (1984), dentre outros. Acreditamos que os referidos parâmetros podem evidenciar, em textos jornalísticos coletados no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), diferentes propósitos comunicativos inerentes aos usos do referido conector condicional, associados às informações veiculadas. Os resultados apontam que o conector *se é que* apresenta peculiaridades em usos diversos, com influência direta na organização textual e discursiva.

SESSÃO 2

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/eev-oihm-voa>

"DEIXE QUE DIGAM, QUE PENSEM, QUE FALEM": A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

FRANCISCO MÁRIO CARNEIRO DA SILVA (UFPE)

CAMILA STEPHANE CARDOSO SOUSA (UFC)

A presença de homens como professores de crianças pequenas é um fenômeno recente. O sistema de TRANSITIVIDADE da teoria sistêmico-funcional nos permite detectar e analisar a representação que esses sujeitos fazem de sua experiência professoral em âmbito da Educação Infantil. Nesse segmento, este trabalho objetiva descrever a construção da identidade de homens professores da Educação Infantil com relação a sua atuação profissional e sua formação acadêmica. Buscamos investigar, a partir de suas narrativas em História Oral, se estes professores se identificam como pessoas que agem, que são, que existem, que dizem, que pensam/sentem ou que se comportam em contextos de atuação profissional e de formação acadêmica. Consideramos a hipótese de que os sujeitos, em suas narrativas, utilizam mais grupos verbais que realizam processos materiais, ou seja, que apontam para relações de fazer, relacionados ao

trabalho, quais atividades desenvolvem em seu dia a dia profissional. Os estudos sobre Gramática Sistemico-Funcional em Língua Portuguesa (FUZER; CABRAL, 2014; FIGUEREDO, 2011), Transitividade, segundo a Linguística Sistemico-Funcional (SOUZA, 2006; CUNHA; SOUZA, 2011), pressupostos teóricos-metodológicos da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1967/68; HALLIDAY; MATHIESSEN, 1999; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014; GOUVEIA, 2009) e estudos sobre Crenças (BARCELOS, 2004, 2007; SILVA, 2007; VIEIRA, 2019) compõem nossa fundamentação teórica. Nosso trabalho é de abordagem qualitativa, do tipo Estudo de Caso, adotamos a entrevista em História Oral como instrumento de coleta de dados. Como categorias de análise, selecionamos os componentes do sistema de TRANSITIVIDADE, relacionado à Metafunção Ideacional. Nossa análise foi centrada em três relatos orais. Os resultados parciais desta pesquisa indicam que, dentre as 85 ocorrências de grupos verbais, 52 são realizações de Processos Relacionais, o que aponta para uma construção da identidade como caracterização da atuação profissional e da formação acadêmica desses sujeitos. Mediante os resultados obtidos, a hipótese levantada não se confirma.

O DISCURSO DO AUTOCUIDADO EM SAÚDE: UMA DESCRIÇÃO DE GÊNEROS NA COVARIAÇÃO EXPERTO - LEIGO
FRANCIELI SILVÉRIA OLIVEIRA (UFMG)

Esta pesquisa apresenta uma descrição linguística de gêneros realizados pelo discurso do autocuidado em Diabetes Mellitus em covariação com as variáveis *experto* e *leigo*. Este trabalho se localiza no âmbito das pesquisas desenvolvidas na interface entre a Linguística com Potencial de Aplicação (MAHBOOB; KNIGHT, 2008) e os Estudos Multilíngues (MATTHIESSEN *et al.*, 2008), uma vez que utiliza conhecimentos teóricos da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) para elucidar questões das Ciências da Saúde por meio de uma abordagem multilíngue e interdisciplinar. Martin (2014) mostra que a descrição do gênero não é algo simples, uma vez que requer análises amplas ao longo dos estratos linguísticos e das metafunções. Candlin e Candlin (2003) e Matthiessen (2013; 2015) mostram a necessidade de investigar o discurso da ciência com o propósito de solucionar problemas linguísticos originados da relação entre especialistas e pacientes. Devido às lacunas apresentadas por estudos anteriores, um *corpus* composto por gêneros realizados pelo discurso do autocuidado em Diabetes Mellitus em covariação com as variáveis *experto/experto*, *experto/leigo* e *leigo/leigo* foi compilado analisado e descrito, com o objetivo de verificar (i) como eles são realizados ao longo da estratificação e metafunção, bem como, suas etapas e fases são configuradas e organizadas; e (ii) como eles diferenciam entre si, mostrando como *experto* e *leigo* são construídos linguisticamente. Para essa investigação, um *corpus* foi compilado para a descrição dos gêneros do autocuidado, sendo composto por três *subcorpora*, um *corpus* de artigos, um de cartilhas e um de depoimentos correspondentes, respectivamente, às variáveis *experto/experto*, *experto/leigo* e *leigo/leigo*. Os resultados mostraram que os significados construídos no gênero são organizados em fractais semióticos, como também, os gêneros recorrem a cinco tipos de configuração para suas etapas e fases, a saber, obrigatoriedade, estabilidade, exclusividade, transicionalidade e recursividade. Sobre *experto* e *leigo*, as análises demonstraram que gêneros realizados pela variável *experto/experto* arquitetam uma estrutura textual estável e previsível para que possam acumular mais significados em cada oração, promovendo forte densidade semântica; gêneros realizados pela variável *experto/leigo* optam por uma estrutura marcada e previsível para que o foco do texto seja nas informações e não na organização textual, sendo elaborados por média densidade semântica; e gêneros realizados pela variável *leigo/leigo* realizam uma estrutura genérica variável e menos previsível mediante fraca densidade semântica, permitindo mais variação nas seleções dos sistemas ao longo da progressão textual, assim como, mais marcas de avaliação do autor ao longo do texto.

ANÁLISE DE CLÁUSULAS RELACIONAIS EM TRÊS DIMENSÕES: O PAPEL DAS CLÁUSULAS RELACIONAIS EM RELATOS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA

JHONATHAN LENO REIS FRANÇA SANTANA (UFES)

Esta apresentação propõe-se a investigar o funcionamento do sistema de cláusulas relacionais na representação linguística de experiências de violência homofóbica, relatadas por 48 vítimas em seis reportagens veiculadas no ambiente digital. O interesse pela temática da violência homofóbica se justifica pela consciência de que a Linguística – e a descrição gramatical – pode promover uma zona de interface entre a descrição e análise de fenômenos gramaticais e a abordagem de temas sociais de grande relevância. Esse posicionamento resulta em uma *praxis* linguística de natureza crítica. A discussão fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1985; 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014; EGGINS, 2004), que compreende o sistema de cláusulas relacionais como uma rede ideacional integradora do Sistema de Transitividade, responsável por regular as relações sintagmáticas que instanciam os diferentes tipos de cláusulas em uma língua. A coleta de dados resultou em uma amostra de 181 cláusulas relacionais. O objetivo principal é descrever as configurações morfossintáticas e semânticas, além das redes ideacionais que subjazem à ativação das cláusulas relacionais nas sequências relatadas pelas vítimas de homofobia. Desse objetivo geral, estabeleceu-se três objetivos específicos: (i) desenvolver parâmetros para a análise dos aspectos léxico-gramaticais das cláusulas relacionais; (ii) investigar seu funcionamento no âmbito do gênero Relato; e, (iii) verificar as representações discursivas enunciadas. A análise das 181 cláusulas foi orientada por uma base metodológica qualitativa (YIN, 2016), o que explicita nosso compromisso com uma interpretação dos dados pautada por maior acuidade, focalizando as especificidades inerentes ao fenômeno na interação entre sistema linguístico e discurso. Foram desenvolvidos quatro parâmetros que possibilitassem a caracterização morfossintática, semântica e pragmática dos dados, com posterior estudo de correlação estatística entre esses parâmetros – utilizou-se a correlação de *Pearson*. A análise tomou como escopo três dimensões em que pode ser investigada a dinâmica das construções relacionais, a saber: a léxico-gramatical, a genérico-textual e a analítico-discursiva. Dentre os resultados obtidos, a presença das cláusulas relacionais intensivas foi bastante significativa, assim como a aplicabilidade dos parâmetros descritivos de natureza semântica. Embasados pelos resultados da análise da correlação entre os parâmetros, constatamos que as cláusulas relacionais estabelecem uma relação de pressuposição quando considerados os papéis temáticos selecionados pelo processo. Os papéis temáticos ocorrem em pares, o que nos conduz à afirmação de que o emparelhamento dos papéis temáticos no sistema de cláusulas relacionais é um dos principais mecanismos semânticos responsáveis pela construção do significado de relação.

"TALE AS OLD AS TIME": O CONCEITO NARRATIVO DE JORNADA DO HERÓI EM ANIMAÇÃO SOB UMA ÓTICA CONTRASTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

LAURA SCARAMUSSA AZEVEDO (UFOP)

A presente pesquisa está afiliada aos Estudos Linguísticos aplicados aos Estudos da Tradução (BAKER, 1992; MUNDAY, 2016) e visa realizar um estudo de caso sobre o conceito narrativo de jornada do herói (CAMPBELL, 1949; VOGLER, 2007) e sua realização em animações no par linguístico inglês americano > português brasileiro. Investiga, para tal, a realização da estrutura genérica (ROSE, 2019) e da gramática (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014) do *corpus* analisado. A investigação surge dos seguintes problemas: a falta de subsídios de análises tanto da estrutura genérica da narrativa quanto da realização gramatical do gênero em português brasileiro (HATIM, MASON, 1996), a falta de padronização da língua usada em animações, de forma que apenas a sua estrutura genérica o é (VOGLER, 2007) e, por fim, o fato de que a frequência absoluta de determinada categoria não se correlaciona necessariamente com sua chavidade (cf. SAIORO, 2021). Teve, portanto, como objetivos específicos: fazer uma análise da realização da gramática na língua das animações em inglês americano e português brasileiro, visando encontrar padrões que se alinhem ao desenvolvimento da jornada do herói enquanto gênero narrativo, delimitar os estágios da jornada do herói (VOGLER, 2007), relacionando-os às etapas da narrativa definidas segundo a perspectiva sistêmico-funcional (ROSE, 2019) e analisar o seu funcionamento na prática ainda tendo como *corpus* os filmes *Beauty and the Beast* (TROUSDALE, WISE, 1991) e *A Princesa e o Robô* (SOUSA, 1984) e propor uma comparação entre a realização da jornada do herói nas duas obras, procurando investigar como a jornada do herói é representada em animações produzidas em diferentes culturas. Para tal, foi utilizada como aporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014; ROSE, 2019). Foi aplicada uma metodologia específica para as análises genérica e gramatical, nas quais foram utilizados editores de planilhas e gráficos. Os resultados apontam para semelhanças e diferenças na realização da jornada do herói nas línguas analisadas, nos dois casos, relacionando pontos importantes ao subsídio linguístico para tradução. A partir dos dados obtidos pela pesquisa, contribuí-se com as áreas de Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e jornada do herói, além de contribuir com metodologias para análise genérica e gramatical de vertente sistêmico-funcional.

SESSÃO 3

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/gzi-ipyk-btz>

POLIFUNCIONALIDADE EM CONSTRUÇÕES COM AGORA: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO
RAMILDA VIANA GOMES DA SILVA (UFSB)

VALÉRIA VIANA SOUSA (UFSB)

A proposta de pesquisa, ora apresentada, é motivada pela necessidade de compreender o que de fato está ocorrendo na língua em uso em situações de fala que envolvem a construção *agora*. Com esse propósito, investigamos, à luz dos postulados do Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a construção *agora*, em uma perspectiva sincrônica, na modalidade oral, tomando como amostra os *Corpora* do Português Popular e do Português Culto de Vitória da Conquista-Ba, organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo. Para análise dos dados, optamos por utilizar o método misto (CUNHA LACERDA, 2016), pautando, assim, a nossa análise no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa. Direcionados, pelas seguintes questões-problema: i) Por entendermos que as categorias gramaticais não são fixas, há outras funções, além de advérbio circunstanciador de tempo, desempenhadas pelo item *agora* no português culto e popular de Vitória da Conquista, na modalidade oral? ii) Há diferenças de usos do *agora* entre o português culto e o português popular? A nossa pesquisa, em seu estágio inicial, com resultados ainda preliminares, permite-nos responder que o item *agora* desempenha outras funções além de advérbio circunstanciador de tempo, conforme prevê a Tradição Gramatical (TG), apresentando, dessa forma, a sua polifuncionalidade e, assim, desempenhando funções discursivas e conectoras, a exemplo, funções conectoras com traços adversativos, conforme dados empiricamente atestados em nossos *corpora*. É possível responder, ainda, com base nos resultados parciais, que a polifuncionalidade do item *agora* ocorre no português culto e no português popular. As diferenças de usos, entre o português culto e o português popular, ainda serão melhor analisadas, com o refinamento da pesquisa.

PROCESSO DE *CHUNKING* NAS MICROCONSTRUÇÕES [EM RAZÃO DE]_{CONNECT} E [EM VIRTUDE DE]_{CONNECT}

JOSÉ WALBÉRICO DA SILVA COSTA (UFF)

Este trabalho visa a investigar o papel funcional das microconstruções [em razão de]_{connect} e [em virtude de]_{connect} no português brasileiro, que compõem a rede do esquema construcional [X de]_{connect}. A pesquisa demonstra como e onde esses conectivos estão atuando nos contextos de uso, bem como ilustra os seus usos funcionais nos campos semântico, pragmático e cognitivo. Objetivamos, assim, expor os usos desses conectivos nos contextos comunicativos, como também elucidar as funções que eles desempenham nos usos. Tomamos como base teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), na visão de Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016) entre outros. Nossa investigação tem essencialmente aspecto qualitativo, uma vez que pretendemos descrever e fazer interpretações dos dados, mas também viés quantitativo. Nessa pesquisa utilizamos, inicialmente, o *Corpus do Português*, com o propósito de fazer um mapeamento das ocorrências do nosso objeto em análise. Buscamos, para o tratamento das microconstruções em evidência, trabalhar com a neanálise, na ideia de mudanças graduais em micropassos, e com a analogização, seguindo a fundamentação apresentada por Bybee (2016), para quem "o processo pelo qual enunciados novos são criados [tem] base em enunciados de experiências prévias". Observamos também os processos por que esses constituintes estão passando, com apoio nos estudos de Bybee (2016) sobre o processo cognitivo de domínio geral *chunking*. Apesar de a pesquisa estar em estágio inicial, notamos que essas microconstruções, no plano oracional, têm valor causal, e embora essa função esteja sendo mais produtiva, há indícios de que outras funções também estão sendo angariadas. Nesse sentido, e por se tratar de um estudo em andamento, os resultados ainda não são definitivos, mas prevemos que essas microconstruções estão sendo recrutadas para novas funções na língua portuguesa.

SIGNIFICADO COMPOSICIONAL DA CONTRAFACTUALIDADE: ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DA HIPOTÉTICA COMPARATIVA "COMO SE"

GRAZIELA JACQUES PRESTES (UFRGS)

Este trabalho objetiva investigar a construção hipotética comparativa contrafactual "como se" com base no arcabouço teórico-metodológico da Gramática Cognitiva (Langacker, 2013, 1990/2019). A perspectiva conceptual, ou construal, conforme Langacker (2013), apresenta quatro amplas operações: especificidade, foco, proeminência e perspectiva. Nesta pesquisa, são estudados especificidade (relações elaborativas), foco (figura/fundo e escopo), proeminência (perfilamento e alinhamento trajetora/marco), e perspectiva (arranjo de visão padrão e especial, ponto de vantagem, subjetividade, arranjo de visão egocêntrica, objetividade e arranjo otimizado de visão). O *corpus*, de língua escrita em instância pública de linguagem (Britto, 2003), em Português do Brasil, foi compilado de pesquisa anterior (Prestes, 2012). Foram encontradas 20 ocorrências de "como se", agrupadas de acordo com seus construais. Foram identificados dois padrões: Construal 1, subjetivo, põe em figura o eixo do "real", e Construal 2, objetivo, põe em figura o eixo do "irreal". Respectivamente, são exemplos: "(127) ...publicaram mensagens como se fossem dele" e "(49) ...como se tivessem aberto restaurantes flutuantes", cujas inferências são "as mensagens não são dele" e "abriram restaurantes flutuantes". Também se verificou que o Construal 1 ocorre em tipologia argumentativa, evidenciando ideia de contraste; enquanto o Construal 2 ocorre em tipologia descritiva/narrativa, evidenciando ideia de comparação e nível alto de precisão e detalhamento. As operações de perspectivação conceptual realizadas pelo falante para a construção do significado de "como se" permitiram caracterizar seus diferentes contextos de uso. Reconhecer forma composicional a uma expressão contrafactual não é usual (Bybee, 2016: 89-90), por isso a contribuição desta pesquisa pode ser significativa.

MULTIFUNCIONALIDADE E QUESTÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL: O TRÂNSITO DE VERBOS ENTRE PADRÕES CONSTRUCIONAIS

SOLANGE DE CARVALHO FORTILLI (UFMS/CPTL)

O trabalho parte de uma abordagem que entrelaça Funcionalismo e Linguística Cognitiva, que, de maneira geral, definem a língua como sistema adaptativo complexo, motivado pelas necessidades advindas do uso e por processos cognitivos. De acordo com esse entendimento, a estrutura da língua é moldada pelas demandas sociocognitivas e interativas, o que indica que a gramática e sua estrutura são resultado de processos relativos ao conhecimento de mundo e à linguagem. Nesse sentido, o ponto central desta proposta é a investigação de diferentes empregos de alguns verbos no português, os quais se envolvem em diferentes construções e redes construcionais, sobretudo ao atuarem em expressões com sentido de ter êxito em algo, executar bem uma tarefa ou causar impacto sobre/em algo, como se vê em *Flamengo pq jantastes tanto o Grêmio?* e *não sei se é a idade chegando ou se causei muito no final de semana*, casos retirados do Twitter. A Gramática de Construções, desdobramento da linguística cognitiva, tem como unidade de análise a construção, definida como o pareamento simbólico entre forma e sentido/função e determinada pelas propriedades esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Pretende-se, então, detalhar como esses verbos se comportam ao assumirem diferentes significados, que se irradiam de um protótipo ou significado central, em um processo polissêmico. O foco serão questões como transitividade e estrutura argumental em diferentes usos, que exigem que se considere que o léxico de uma língua contém informação sobre as molduras (frames) dos verbos, que descrevem quais argumentos são indispensáveis e quais são facultativos (FURTADO DA CUNHA, 2006). O universo de investigação será o Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>) e a rede social Twitter, dentro dos quais se pretende mapear usos de verbos como *deitar*, *causar*, *arrasar*, *lacrar* e outros, possuidores de sentidos ligados a bom desempenho, impacto e êxito. A escolha dessa rede deu-se pelo tipo de registro, próximo à língua falada e, supostamente, mais propício ao fenômeno. Com os dados, pretende-se ter um panorama do comportamento dos verbos captados, a fim de confirmar seu trânsito por diferentes construções no português.

SESSÃO 4

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/def-tdhd-bky>USOS DE *MEIO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS E GRAMATICALIZAÇÃO

ILANA GUIMARÃES DE SOUZA (UNEB)

CRISTINA DOS SANTOS CARVALHO (UNEB)

Estudos sobre *meio que* (LIMA, 2016; LIMA; SOUSA; SILVA, 2018 etc.) têm explicado a emergência da construção *meio que* a partir da gramaticalização do item *meio* em um dado contexto linguístico. A esse respeito, Lima, Sousa e Silva (2018, p. 39) afirmam que, "[...] quando adjungido a *que*, *meio* forma uma locução [*meio* + *que*], um articulador textual em contexto de modalização, responsável por estabelecer uma relação do falante com o conteúdo do enunciado". Nos termos de Nogueira (2014, p. 13), *meio que* é uma locução de valor discursivo-pragmático que "sinaliza uma avaliação com certo grau de imprecisão. Funcionaria como um evidencial na situação comunicativa. Preponderantemente associado à categoria cognitiva de qualidade". No presente trabalho, apresentamos um recorte da nossa pesquisa de doutorado sobre a construção *meio que* (ainda em desenvolvimento). Objetivamos aqui analisar essa construção, seus deslizamentos funcionais e suas possíveis trajetórias de gramaticalização no português brasileiro. O nosso estudo é feito à luz de pressupostos do funcionalismo linguístico norte-americano, sob o prisma da abordagem da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], dentre outros). Nessa perspectiva, observamos que *meio que* passa por um processo de mudança de item/construção menos gramatical para mais gramatical, de usos mais concretos para mais abstratos. Dependendo do contexto linguístico em que se encontra, *meio que* pode acionar os valores de parcialidade (espacial), atenuação/modalização e hesitação, além de ocorrer em contextos ambíguos, que demonstram possibilidade de migração entre categorias. O *corpus* da pesquisa é constituído de textos do português brasileiro contemporâneo, integrantes do banco de dados *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). Quanto à abordagem, a pesquisa é realizada em viés qualitativo: os dados levantados são analisados, relacionando os usos encontrados a

parâmetros como função discursivo-pragmática e entorno linguístico da construção, visando à descrição dos contextos motivadores para os usos. Os nossos resultados preliminares demonstram uma tendência à abstratização semântica da construção investigada: são mobilizados valores que vão de um domínio cognitivo mais concreto (*meio que* empregado como indicador de parcialidade espacial) para um domínio cognitivo mais abstrato (*meio que* usado como articulador textual com função modalizadora/atenuadora); nesse caso, haveria indícios de que se evidencia, nos deslizamentos funcionais de *meio que*, o *continuum* de gramaticalização espaço > (tempo) > texto (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991).

A CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE [VERBO VISUAL (XAFIXOIDE)]_{MDVV}

VANIA ROSANA MATTOS SAMBRANA (SEEDUC/RJ - D&G/RJ e CCO/UFF)

Este trabalho apresenta a construcionalização gramatical dos marcadores discursivos formados por base visual com *olhar* e *ver*, vinculados ou não ao afixoide espacial (*lá, aqui, aí, só e bem*). Concebendo a língua como um sistema adaptativo complexo, sustentamos que tais marcadores discursivos estão agrupados no esquema virtual nomeado como construção marcadora discursiva de visualização virtual, representado como [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}. Em pesquisa realizada de perspectiva pancrônica, representativa dos séculos XV ao XX, com análises quantitativas e qualitativas, seguindo o embasamento teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, defendemos que os elementos que formam a construção marcadora discursiva de visualização virtual surgem, no português, em três etapas distintas. Na primeira etapa, a partir do século XVI, surgem formas cognitivamente mais leves, ditas atômicas, como [olha], [vê] e [vejam]. Na segunda etapa, a partir do século XVII, surgem formas cognitivamente mais complexas, em que a base visual se une a afixoide de localização espacial, como em [olhe aqui] e [veja lá]. Na terceira etapa, ocorre a produção de formas com base visual e afixoide espacial reconfigurado na função de focalizador, como em [olha bem] e [veja só], a partir do século XIX. Em termos hierárquicos, propostos por Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010; 2015) e Hilpert (2014), organizamos o esquema [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV} como representativo da rede que espelha o armazenamento dessas construções mais específicas na mente dos falantes. Dessa forma, concluímos que houve atuação de neoanálises de distintas naturezas na convencionalização das formas. Após o processo de construcionalização, nos termos de Diewald (2020), advém a paradigmática. Nessa direção, defendemos que esses elementos de base visual se integram ao paradigma já existente dos marcadores discursivos, formando uma subclasse, cuja função é manipular a interação através de sentidos espaciais abstratizados de tal forma que desempenham funções mais procedurais. Pragmaticamente atuam na orientação da interação.

RELAÇÕES COESIVAS E SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO CONECTORA [DIANTE DISSO]_{CONECTOR} À LUZ DO FUNCIONALISMO

CAROLINA REIS FONSECA (UFF)

“Diante disso” é uma construção complexa constituída de duas partes: a locução prepositiva “diante de” e o pronome demonstrativo “isso”. Na sincronia atual do português, “diante disso” tem sido cada vez mais empregada na conexão (supra)oracional, e não somente como uma locução adverbial, seu uso funcional original. Na base de dados *Now do Corpus do Português*, por exemplo, há 4.836 ocorrências da expressão “diante disso”, dentre as quais 2.510 ocorrências ocorrem no contexto da conexão, o que equivale a 51,9% dos dados. Dada a natureza do *corpus*, constituído de textos da esfera midiática, em linguagem formal, e a quantidade de ocorrências atestadas na função da conexão, podemos afirmar que “diante disso” é um conector altamente convencional do português. No entanto, é uma estrutura ainda pouco estudada, uma vez que é raramente descrita nos compêndios gramaticais e na literatura linguística. Por esse motivo, minha pesquisa visa a descrever os diferentes usos de “diante disso” no português, com foco especial em sua função conectora, buscando identificar, nos contextos de conexão, os diferentes valores semânticos veiculados pela construção. Para fundamentar nossa análise empregamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; entre outros), em diálogo com a Linguística Textual (KOCH, 2003). Trabalhamos com uma base de 200 ocorrências extraídas da base *Now do Corpus do Português*, que estão sendo analisadas sob uma metodologia quali-quantitativa. A análise desenvolvida até o momento nos mostrou que “diante disso”: a) além de polifuncional, é uma construção polissêmica, podendo veicular noções semânticas de espaço físico, espaço virtual e causa; b) atua na conexão oracional, interperíodo e interparágrafo; c) promove uma coesão híbrida, na medida em que a locução prepositiva promove a sequenciação e o pronome demonstrativo a referenciação, já que é uma estrutura encapsuladora.

ESTATUTO LÉXICO-GRAMATICAL DE CONECTIVOS FINAIS EM PORTUGUÊS

FÁBIO DE LIMA MOREIRA (UFMS)

MICHEL GUSTAVO FONTES (UFMS)

Este trabalho toma como objeto de análise os conectivos finais *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), empreende-se uma análise das propriedades funcionais e formais subjacentes ao uso desses quatro conectivos em construções finais do português brasileiro. Busca-se, especificamente, mapear propriedades relativas à forma (constituição estrutural e analisabilidade) e ao significado (composicionalidade e tipo de finalidade expressa) desses conectivos de modo a determinar seus diferentes estatutos léxico-gramaticais. Na GDF, a classe dos conectivos (conjunções e preposições) abriga tanto elementos gramaticais (Palavras Gramaticais), como lexicais (Palavras Lexicais). Assim, enquanto os conectivos gramaticais (Conjunções e Preposições Gramaticais) correspondem, nos níveis Interpessoal e Representacional, a funções retóricas e/ou semânticas, conectivos lexicais (Conjunções e Preposições Lexicais) constituem, no Nível Representacional, predicados monovalentes, analisados em termos de uma Propriedade Configuracional de um-lugar (MACKENZIE, 1996; PÉREZ QUINTEIRO, 2004). Com base em uma amostragem de 400 ocorrências (100 de cada conectivo sob análise), retiradas do *Corpus do Português*, versão *Web/Dialetos* (DAVIES; FERREIRA, 2016), é possível, centralmente, distinguir dois grupos de conectivos finais em termos de estatuto léxico-gramatical: (i) os conectivos finais *para* e *para que*, de alto estatuto gramatical, são Palavras Gramaticais, respectivamente uma Preposição Gramatical e uma Conjunção Gramatical; (ii) já *a fim de* e *a fim de que*, com alto estatuto lexical, são analisados como Palavras Lexicais, uma Preposição Lexical e uma Conjunção Lexical, respectivamente.

SESSÃO 5**23/06/2022 – 15h30 às 17h00**Link de acesso: <http://meet.google.com/mgi-dpqt-ngs>**A CONFORMIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA LFCU**

MYLLENA PAIVA PINTO DE OLIVEIRA (UFF)

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Conectivo e Conexão de Orações, com sede na Universidade Federal Fluminense. Neste trabalho investigamos a conformidade em língua portuguesa. Utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) – em que a Linguística Funcional norte-americana se apropria de alguns aportes teóricos da Linguística Cognitiva, como a Gramática de Construções (cf. TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013). Além da LFCU, mobilizamos ferramentas teóricas da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) que ajudam a descrever e analisar o objeto (HALLIDAY, 1994, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Esta pesquisa funcionalista é, por princípio, indutiva (OLIVEIRA; LOPES, 2019), então, partindo de dados da língua em uso, retirados de situações comunicativas reais, propomos generalizações para o fenômeno. Nessa perspectiva teórica, a língua é moldada no uso, influenciada por aspectos sociais, cognitivos e linguísticos. Como *corpus*, adotamos a revista *Superinteressante*, da qual analisamos 24 edições, publicadas nos anos 2020 e 2021. Nossa pesquisa é sincrônica e utilizamos o método misto (qualiquantitativo). O objetivo geral é identificar as constituições formais que veiculam conformidade, por isso procedemos à leitura integral dos textos da revista. Esse procedimento está apoiado no pressuposto de que as gramáticas e dicionários da língua não dispõem de um inventário completo das construções conformativas em uso no português atual. A busca de dados permitiu detectar 494 *tokens* (BYBEE, 2016), dispostos entre 12 diferentes microconstruções conformativas.

AQUISIÇÃO E(M) TRADIÇÃO DISCURSIVA: UMA ABORDAGEM DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NA NARRAÇÃO

BRUNA DE PAULA SILVA (UNESP/IBILCE)

Este trabalho investiga, numa perspectiva linguístico-discursiva, o funcionamento de Mecanismos de Junção (MJ) (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001) em Tradições Discursivas (TD) (KABATEK, 2006) narrativas, por meio de relações bidimensionais (tático-semânticas), a partir de pressupostos que compreendem a escrita como heterogeneamente constituída (CÓRREA, 1997) e a aquisição da escrita como movimentação do sujeito, enquanto *transformação e mudança* que operam na relação entre sujeito e objeto como efeitos do funcionamento simbólico da linguagem (LEMOS, 1998). O objetivo geral é descrever e analisar MJs da TD narrativa em contexto de aquisição, e os específicos são: (i) caracterizar a funcionalidade dos MJs em aquisição da TD narrativa; (ii) mostrar a relação entre os MJs e a heterogeneidade da escrita, a partir dos eixos 1 (gênese da escrita) e 2 (código institucionalizado) de Corrêa (1997); e (iii) identificar e analisar as possíveis relações entre MJs e (aquisição da) TD narrativa, a partir do eixo 3 (marcas da relação oral/letrado e falado/escrito) de Corrêa (1997). O *corpus* é constituído de textos escritos por alunos das antigas 1ª a 4ª série do EF, em escola pública de S. J. do Rio Preto-SP, analisados segundo metodologia qualitativo-quantitativa. Em relação ao objetivo específico (i), no eixo tático, 89,7% correspondem à parataxe e, no eixo semântico, as relações semânticas mais frequentes são: adição (32%), causa (25%) e tempo posterior (24%). No que diz respeito ao objetivo específico (ii), há maior presença de indícios relacionados aos usos de MJs no eixo 1, em textos das 1ª e 2ª séries; enquanto em textos das 3ª e 4ª séries, a presença de indícios relacionados aos usos de MJs no eixo 2 é mais expressiva. Concernente ao objetivo específico (iii), quando relacionados ao eixo 3, os MJs sinalizam uma mescla de TDs constitutivas da TD narrativa, com uso majoritário das TDs diálogo, descritiva e lista. Os resultados mostram, pois, uma relação entre os usos de MJs aditivos, temporais e causais, com a (aquisição da) TD narrativa, num esquema de composicionalidade, em que as TDs diálogo, descritiva e lista a constituem e caracterizam a sua aquisição, por meio da circulação mais recorrente (portanto, sem exclusividade) dos sujeitos pelos eixos da gênese da escrita, em textos de 1ª e 2ª série, e do código escrito institucionalizado, em textos dos anos subsequentes, caracterizando, pois, a heterogeneidade constitutiva da escrita.

UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE MECANISMOS DE JUNÇÃO NA COMPARAÇÃO ENTRE TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA

MATEUS DIAS SANTANA (UNESP/IBILCE)

Esta pesquisa tem como objetivo geral de realizar uma análise linguístico-discursiva de mecanismos de junção (MJs) na comparação entre as tradições discursivas (TDs) *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por sujeitos do 7º ano do Ensino Fundamental II. O estudo fundamenta-se no conceito de escrita constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997), associado a uma concepção de texto dialógica, a partir do conceito de TDs (KABATEK, 2006), e ao modelo funcionalista de junção (RAIBLE, 2001). O *corpus* é composto por 26 textos *narrativos* e 26 *argumentativos* e a metodologia trata-se de uma análise qualitativo-quantitativa, com levantamento das frequências *token* e *type* (BYBEE, 2003). A pesquisa desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001); (ii) buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita a partir da relação oral/falado e letrado/escrito, nas relações entre o funcionamento dos MJs e os eixos da gênese da escrita (eixo 1) e do código escrito institucionalizado (eixo 2), na perspectiva de Corrêa (1997); e (iii) relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, a partir de uma abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido (eixo 3) de Corrêa (1997). Os resultados alcançados, conforme o objetivo específico (i), mostraram que a arquitetura paratática prevalece nas duas TDs (*narrativa* e *argumentativa*), apontando o que é fixo nessas tradições, e que as relações de *adição*, *causa*, *tempo posterior* e *contraste* foram as mais frequentes, nos textos analisados. Em relação ao objetivo específico (ii), os sujeitos circulam pelos eixos 1 e 2, com frequência superior, nas duas TDs, para o eixo 1, numa escrita que se constitui a partir do imaginário dos sujeitos sobre o (seu) modo escrito de enunciar, numa representação termo a termo da fala, em práticas de oralidade, que se marca, na superfície do texto, com maior repetibilidade, a partir da *justaposição* e *e*, atuando como gestos que apontam para o contexto de enunciação. Em relação ao objetivo específico (iii), no eixo 3, nas duas TDs, os sujeitos deixaram marcas de fatos ligados à enunciação oral, presentes na escrita, conforme o que Corrêa (2004) aponta como rastros do modo heterogêneo de constituição da escrita.

OS PRONOMES RELATIVOS NO PORTUGUÊS ESCRITO POR ADOLESCENTES DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

EROTILDE GORETI PEZATTI (UNESP/IBILCE)
JUAN PRETE TOJEIRA RAMOS (UNESP/IBILCE)

A proposta deste estudo, vinculado ao projeto de pesquisa *O uso dos pronomes relativos no português falado e escrito por adolescentes no interior do estado de São Paulo*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Proc. Nº. 2020/15623-7), é fornecer uma descrição do emprego dos pronomes relativos em textos escritos por jovens, na faixa etária de 13 a 15 anos, cursando o nono ano do Ensino Fundamental II, à luz da abordagem da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; KEIZER, 2015), com base em critérios de natureza pragmática, semântica, morfossintática e fonológica. Os objetivos consistem em identificar (i) os pronomes relativos utilizados nessa modalidade; (ii) os contextos em que ocorre cada um deles; (iii) e as estratégias de relativização usadas (padrão, copiadora e cortadora), a partir da classificação proposta por Tarallo (1983). Para tanto, toma como universo de investigação 33 artigos de opinião e 21 relatos de experiência, totalizando 54 redações, extraídas do *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II*, coordenado pela Profa. Dra. Luciani Ester Tenani (Proc. 2009/14848-6, 2013/14546-5), formado por 5.519 textos produzidos por 662 alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono anos escolares, em parceria com uma escola pública localizada na cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, Brasil. Os resultados mostram que (i) os pronomes mais frequentes nessa modalidade de língua são *que*, *onde* e *quem*; (ii) sendo *que* o menos específico, já que é o menos restritivo com relação às categorias de gênero, número e animacidade, podendo exercer várias funções semânticas; (iii) e licencia as três estratégias de relativização.

SESSÃO 6

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/cik-ahmb-vqh>

A ESTRUTURA "DE + SN" COMO MODIFICADOR DO SUBSTANTIVO "DOSE": UMA ANÁLISE FUNCIONAL-COGNITIVISTA

ABRAÃO CLEBER SILVA NOLASCO (UFES)
GESIENY LAURETT NEVES DAMASCENO (UFES)

Neste trabalho, objetiva-se discutir a estrutura De + SN na função de modificador do substantivo *dose* em *tweets* produzidos durante o período da pandemia da Covid-19, a fim de analisar o modo como os sentidos são construídos no uso efetivo da linguagem. Pautada nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico e da Linguística Cognitiva, a presente pesquisa compreende a língua como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. Além disso, a proposta que ora se apresenta considera, em sua análise, aspectos de natureza sintática, semântica, pragmática, cognitiva e discursiva (GIVÓN, 1995; PEZATTI, 2015; MOURA NEVES, 2018; FERRARI, 2011). Partindo do pressuposto de que o substantivo *dose*, nos contextos analisados, enquadra-se na categoria das palavras sincategoremáticas, dada a não autonomia de sentido (CASTILHO, 2010, p. 457), este estudo surge da observação sistemática de *tweets* como "*Tomei a primeira dose, galera. Já sinto as escamas nascendo*", produzidos durante a pandemia da Covid-19, em que o referido modificador do substantivo *dose*, ainda que indispensável para o entendimento da mensagem, não é linguisticamente expresso, não podendo sequer ser recuperado nos contextos linguístico e imagético. As análises empreendidas até o momento apontam para três modos de realização do modificador De + SN: modificador explícito, zero anafórico e zero inferido, e o caso da recuperação do modificador zero inferido pode ser explicado com base em fatores de ordem pragmático-cognitiva, como a noção de *frames*, a qual está associada a estruturas de conhecimento armazenadas em nossa memória de longo prazo. Como bem postula Ferrari (2011), para que se compreenda determinada palavra num certo texto, é necessário que se acessem estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, levando em conta as bases físicas e culturais dessa experiência. Assim sendo, visto que o presente estudo se distancia de uma análise linguística binária, em que a distinção entre as categorias linguísticas é apresentada de forma categórica (como a diferença que, tradicionalmente, se procura estabelecer entre o complemento nominal e o adjunto adnominal), esperamos que este trabalho contribua com os estudos linguísticos, principalmente aqueles que se debruçam sobre o fenômeno da transitividade nominal, assim como com o ensino de língua materna.

AS CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS [[N1 DE] N2] QUALIFICADOR

ANDREZA DE ARAÚJO ROGERI (UFMS/CPTL)

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa as construções binominais do tipo [SN₁ de SN₂], especificamente as binominais qualitativas [[ANJO DE] N₂], [[AMOR DE] N₂], [[DROGA DE] N₂] e [[MERDA DE] N₂]. Nesse sentido, objetiva-se realizar a caracterização desse padrão construcional no português a partir da análise e descrição de suas propriedades formais e funcionais. Para a realização dessa tarefa, o estudo se baseia nos Modelos Baseados no Uso, especificamente na Gramática de Construções, tal como se vê em Goldberg (2006), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021). Para essa análise, consideramos (i) núcleo disparador de concordância, (ii) natureza semântica de N₁ e N₂, (iii) referencialidade de N₁ e N₂, (iv) natureza morfossintática de N₁ e N₂, (vi) natureza sintática do determinante. A análise preliminar revela um rearranjo na fronteira sintática da construção [N1 [prep N2]], já que se nota a transferência da nuclearidade de N₁ para N₂, que leva à emergência do subesquema qualitativo [[N1 de] N₂]_{qualitativo}. Isto posto, é importante salientar que este estudo assume uma perspectiva sincrônica, aborda o século XXI, a partir da análise de dados coletados no *Cópus do Português*, no segmento *Web/Dialetos*.

A ORDENAÇÃO DE MODIFICADORES QUALIFICADORES PÓS-NUCLEARES DO SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS
NATHALIA PEREIRA DE SOUZA MARTINS (UNESP/IBILCE)

Este trabalho investiga a ordenação de constituintes no nível do sintagma nominal, mais especificamente a organização morfossintática dos modificadores qualificadores pós-nucleares, a fim de verificar quais fatores determinam sua posição com relação ao núcleo nominal. Para tanto, o presente estudo tem como base o arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), e o estudo tipológico do sintagma nominal proposto por Rijkhoff (2008). Nossas hipóteses iniciais preveem um alinhamento semântico para a ordenação preferida dos elementos: qualificadores que designam propriedades mais objetivas de uma entidade tendem a ser posicionados mais próximos do núcleo, enquanto aqueles que designam propriedades mais subjetivas são alocados em posições periféricas. Essa preferência de ordenação, no entanto, pode ser subvertida na presença de fatores pragmáticos, como foco, contraste e ênfase, e morfossintáticos, como complexidade estrutural. A constituição da amostra de dados para análise consiste em ocorrências retiradas do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016). O procedimento metodológico fundamental consiste em: (i) selecionar os 50 adjetivos mais frequentes para cada subcategoria semântica qualificadora (Cor, Propriedade física, Idade e Qualidade); (ii) criar listas contendo os 50 adjetivos mais frequentes para cada subcategoria na plataforma do *corpus* supracitado; (iii) pesquisar, a partir das listas, todas as combinações possíveis entre as subcategorias, como -Cor -Idade, -Idade -Cor, por exemplo; (iv) verificar a frequência de ocorrência das combinações. A análise dos dados aponta para a confirmação das hipóteses iniciais, uma vez que modificadores denotando propriedades mais objetivas, como os de Cor, tendem a ser alocados em posições mais próximas do núcleo, diferentemente de modificadores que designam uma avaliação valorativa, por exemplo, ocupando posições mais periféricas com relação ao núcleo. Casos que se desviam dessa ordem preferida têm motivação predominantemente morfossintática, de modo que estruturas mais complexas tendem a assumir posições mais periféricas, independentemente da propriedade semântica que denotam.

A EXPRESSÃO DE PERCURSO NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

PEDRO HENRIQUE TRUZZI DE OLIVEIRA (UNESP/IBILCE)

A menção de um gato dormindo no sofá envolve o uso de uma preposição (*em*), que estabelece uma relação entre *gato* e *sofá*. Trata-se de uma relação normalmente assimétrica, já que consiste, na concepção de Langacker (2008), em um objeto locado entendido como *Trajector*, e em um outro objeto entendido como *Landmark*. Com o objetivo de analisar como a gramática do Português brasileiro codifica um tipo específico de relação espacial, conhecido como percurso (*Path*), parte-se de ocorrências reais retiradas da Amostra Censo do *Corpus* Iboruna e de edições da Revista *CartaCapital*, submetidas, por sua vez, a seis critérios de análise: (i) a natureza da relação espacial de percurso: (a) percursos de locomoção; (b) percursos de locação; (c) percursos de cenário, conforme proposto em Huumo (2013; 2014); (ii) a categoria do percurso: cenários (argumentos locativos em posição focal), locações (uso de modificadores) e locativos (uso de argumentos); (iii) o tipo semântico da relação locativa argumental: categoria semântica ablativo, perlativo e alativo ou mesmo duas delas ou as as três; (iv) a categoria da preposição introdutória do Sp: gramatical ou lexical; (v) categoria conceptual das porções do percurso enunciadas: porção inicial, porção medial e porção final e (vi) conceptualização do percurso: fictivo ou não-fictivo. Os critérios foram estabelecidos com base no arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991), nos conceitos da linguística cognitiva de Talmy (2001), bem como nos tipos de relação de trajeto estabelecidas no trabalho de Huumo (2013) sobre o assunto. A principal hipótese a ser testada é a de que os modos de codificação das diferentes relações de percurso refletem diferentes funções semântico-cognitivas. As análises preliminares já realizadas até o momento mostram haver a predominância de percursos de locomoção, não-metafóricos por natureza, com amplo uso de preposições gramaticais. A diferença entre os *corpora* falado e escrito também se tem mostrado significativa no uso de expressões de percurso, o que já era esperado em vista de uma maior formalidade do registro, que inclui o uso de um maior número de ocorrências metafóricas e percursos de locação ou de cenário.

SESSÃO 7

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <http://meet.google.com/jxj-ybpt-emx>

A ATUAÇÃO DO TRAÇO SEMÂNTICO [CONTROLE] PARA A REINTERPRETAÇÃO DA PERÍFRASE *TENER QUE* NO ESPANHOL PENINSULAR

ANA LUIZA FERANCINI NOGUEIRA (UNESP/IBILCE)

A gramaticalização é vista como um tipo de mudança segundo o qual itens lexicais, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Nesse processo, atuam mecanismos de natureza cognitiva que operam uma resignificação dos elementos linguísticos em mudança. À luz da perspectiva da gramaticalização clássica e com base em quatro dos cinco subtipos modais propostos por Hengeveld (2004) – facultativo, deôntico, epistêmico e volitivo – este trabalho tem por objetivo verificar a influência dos parâmetros semânticos relacionados ao traço [*controle*] – *agentividade* e *tipo de Estado de Coisas* – sobre a gradual abstratização dos valores modais da construção perifrástica *tener que* do espanhol peninsular. A ideia central é a de que valores epistêmicos desenvolvem-se de valores modais não-epistêmicos, motivados por extensões contextuais específicas da construção. Para tratar da tipologia do Estado de Coisas, consideramos os tipos Ação, Processo, Posição e Estado, propostos por Dik (1997). São utilizados, para a pesquisa, dados do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*) e do CORDE (*Corpus Diacrónico del Español*). Quanto à *agentividade do sujeito*, a análise revela que Estados de Coisas [-controlado] são pouco representativos entre casos de modalidade não-epistêmica. A modalidade epistêmica, por outro lado, tem seu aparecimento estimulado por Estados de Coisas tanto [+controlado] quanto [-controlado], embora os casos de sujeitos não-agentivos associados a esse *type* modal sejam sempre mais recorrentes. No que se refere à *tipologia do Estado de Coisas* (DIK, 1997), observamos que Estados de Coisas

do tipo Processo – que não envolvem controle e que descrevem experiências mais abstratas – favorecem interpretações epistêmicas. Sobre o Estado de Coisas do tipo Estado, embora sua associação aos valores epistêmicos não seja altamente frequente nos dados, esse é um tipo de contexto que revela o avanço da abstratização do significado da perífrase rumo a valores modais epistêmicos. Tais traços semânticos facultam a leitura epistêmica e comprovam que a construção perde restrições de significado que possibilitariam a preferência pelas leituras modais não-epistêmicas (ou mais concretas) da perífrase. Em uma perspectiva mais ampla, a perífrase *tener que* avança ainda mais no processo de abstratização justamente em razão do fortalecimento gradativo da inferência de modalidade epistêmica, possibilitada pelos ambientes sintático-semânticos. (Apoio financeiro: FAPESP (Processo 2016/00237-9)).

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO MODALIZADORA *V + PREP. + INFINITIVO*

LÍNEKER TRAJANO DOS SANTOS (UFRN)

Neste trabalho, recorte de pesquisa de doutorado em andamento, focalizamos a descrição e a análise da construção modalizadora *V + prep. + INFINITIVO*, mais especificamente, instanciada por *haber de, ter de, estar para e ficar de + infinitivo*, com vistas a identificar valores semânticos associados a suas instâncias de uso. Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Bispo e Lopes (2022). Consideramos, pois, contribuições das abordagens construcionistas propostas por Goldberg (1995, 2013), Langacker (2008), Croft (2001), além de Traugott & Trousdale (2013). A amostra utilizada para análise foi extraída do *Corpus do Português On-line*, mais especificamente da seção *Web/Dialetos* (DAVIES; FERREIRA, 2016). Foram consideradas, para este empreendimento, 3359 ocorrências dos quatro subesquemas. Ademais, a pesquisa apresenta viés qualitativo, de natureza descritivo-explicativa. As análises preliminares demonstram que *V1*, em todos os quatro subesquemas sob enfoque, perdeu seu valor lexical original, passando a designar, junto com a preposição e outro verbo no infinitivo, novos sentidos pragmaticamente motivados e convencionalizados. Assim, as instâncias de uso desses subesquemas estão ligadas, respectivamente, às ideias de necessidade/obrigação, obrigação/imprescindibilidade/volição, ação futura/ação que ficou por cumprir e compromisso/crença, relacionadas, em maior ou em menor grau, às modalizações deontica e epistêmica (BYBE & FLEISCHMAN, 1995; TRAUOGOTT & DASHER, 2002). Por fim, é possível que haja associações entre verbos particulares com os padrões construcionais aqui investigados, relacionados semanticamente entre si, em alguns contextos específicos de uso, evidenciando determinadas relações de preenchimento de *slot* (DIESSEL, 2019).

A COCORRÊNCIA DE MODALIZADORES DEÔNTICOS E VOLITIVOS EM UMA OBRA DE AUTOAJUDA ESPANHOLA

AMANDA TREMURA DA SILVA (UNESP/IBILCE)

Considerando a modalidade como o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado, fazendo com que o julgamento do falante recaia sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ele expressa (QUIRK *et al*, 1985), este trabalho tem por objetivo verificar os efeitos de sentido provocados pela coocorrência de elementos modalizadores em espanhol. A classificação de modalidade que embasa nossa análise reconhece quatro dos cinco subtipos modais propostos por Hengeveld (2004): a modalidade facultativa (referente às capacidades físicas ou intelectuais), a modalidade deontica (referente às obrigações, permissões e necessidades legais, sociais ou morais), a modalidade epistêmica (referente à possibilidade de um acontecimento no mundo, o qual pode variar em graus de certeza, dúvida ou possibilidade) e a modalidade volitiva (referente ao que é desejável). Neste estudo, analisamos a coocorrência de modalizadores deonticos e volitivos representados por verbos modais (auxiliares e plenos), adjetivos em posição predicativa e advérbios. O *cópus* que serve como referência para a investigação é uma obra de autoajuda em língua espanhola intitulada *Entrénate para la vida*, de autoria de Patricia Ramírez. O trabalho com a autoajuda se justifica pela alta frequência de modalizadores nesse tipo de texto, como foi investigado por Brunelli (2004) e confirmado por trabalhos posteriores (BRUNELLI; GASPARINI-BASTOS, 2012; GASPARINI-BASTOS; BRUNELLI 2019). A abordagem funcionalista foi adotada por se mostrar bastante adequada para a análise de elementos modalizadores, uma vez que tais elementos estão diretamente relacionados com a expressão da subjetividade do falante. Na análise dos modalizadores identificados no *cópus*, os casos de coocorrência foram agrupados em modais de um mesmo subtipo, que acabam por reforçar um determinado valor, e modais de tipos diferentes, que acabam por atenuar ou alterar a força argumentativa. Os resultados mostram que a coocorrência de modalizadores deonticos em enunciados contíguos reforça o tom de autoridade imposto pela enunciadora, reforçado pela presença constante de verbos no modo imperativo, os quais contribuíram para aumentar a expressão da ordem e da obrigação. Já a coocorrência de modalizadores deonticos e de modalizadores volitivos contribuiu para expressar uma espécie de ameaça disfarçada, pois a expressão do desejo (modalidade volitiva) aparece muitas vezes associada à expressão da obrigação (modalidade deontica).

AS MODALIDADES VOLICIONAIS EM RELATOS DE QUARENTENA: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DO MODAL *DEBER* EM LÍNGUA ESPANHOLA

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA (UFRN)

Entendendo que o modal *deber*, em língua espanhola, é um modalizador polissêmico, isto é, pode ser empregado para designar diferentes atribuições semânticas no que tange à expressão de valores modais (probabilidade, obrigação, volição, proibição, etc.), este trabalho tem por objetivo descrever e analisar o emprego do modal *deber* na instauração das modalidades volicionais, a saber: deontica, bulomaica, teleológica e preferencial. Conforme Narrog (2012), as modalidades volicionais são aquelas que contêm o elemento do desejo no enunciado modalizado, pois há uma “força” que impulsiona ou não a realização de um evento em conformidade com a voluntariedade dos sujeitos. Recorre-se também à orientação modal de Hengeveld (2004), que estabelece diferentes tipos de orientação modal, que diz respeito à perspectiva com a qual os enunciados modalizados são qualificados, podendo a modalidade estar orientada para o Participante, o Evento e a Proposição. Considerando os estudos de Oliveira (2021), constata-se que as modalidades volicionais podem ser distinguir com base na atitude volicional dos sujeitos, podendo ser imposições volicionais ou atos volicionais. Para isso, elaborou-se um *cópus* com 80 relatos de pessoas que experienciaram dias, semanas e meses em quarentena. Estes relatos estão disponibilizados de forma gratuita e *online* na plataforma peruana *OjoPúblico*. Após a

leitura dos relatos e análise das ocorrências do modal *deber*, constatou-se que esse modalizador pode instaurar os quatro tipos de modalidades volicionais, podendo as modalidades deontica e bulomaica estarem orientadas para o Participante e o Evento, enquanto as modalidades preferencial e teleológica podem apenas estar orientadas para o Participante. Averiguou-se que, para a modalidade deontica, a volitividade é relativa a imposição de regras de conduta sobre sujeitos ou eventos (imposição volicional). Para a modalidade bulomaica, a volitividade é relativa às realizações pessoais e particulares dos sujeitos ou a desejabilidade de ocorrência de eventos (ato volicional). Para a modalidade preferencial, a volitividade é relativa às preferências pessoais dos sujeitos que culmina na imposição de alguma norma de conduta (imposição volicional). Por fim, para a modalidade teleológica, a volitividade é relativa à realização de um objetivo ou meta pessoal a partir do que é desejado pelos sujeitos (ato volicional).

SESSÃO 8

23/06/2022 – 15h30 às 17h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/fkv-qaan-ymv>

A TRANSPARÊNCIA NA LÍNGUA DÂW: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL

DANYTIELE CRISTINA FERNANDES DE PAULA (CEFET-MG/ARAXÁ)

O presente trabalho, centrado na língua dâw, apresenta parte dos resultados de uma análise mais abrangente, que investiga as relações de transparência e opacidade em línguas indígenas da família Naduhup, objetivando averiguar como ocorre o compartilhamento dos traços de transparência/opacidade em línguas de uma mesma família Naduhup. Para tanto, toma-se como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional como concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008). Dessa forma, não apenas se assume uma perspectiva funcional, mas também uma abordagem desse fenômeno a partir do escopo da Gramática Discursivo-Funcional, que, graças à sua organização descendente de camadas, permite a definição da transparência considerando o alinhamento entre e dentro dos níveis de análise da teoria, o que representa uma inovação do conceito – tradicionalmente concebido como a relação entre forma e significado. As análises foram realizadas a partir dos critérios de opacidade definidos em Hengeveld (2011), Leufkens (2015) e Hengeveld e Leufkens (2018), considerando distintos fenômenos: aposição, referência cruzada, relações gramaticais, concordância de número, concordância de negação, descontinuidade, expletivos, gênero gramatical, acordo no sintagma, acordo na oração e cópia de tempo. Analisou-se, portanto, as relações na língua dâw, tomando como corpus principal de análise o trabalho de Martins (2004), intitulado *Fonologia e gramática do Dâw*. Além deste, outros trabalhos de Martins (1994a, 1994b, 1999) também foram base para coleta de dados e de informações sobre a família Naduhup. Os resultados mostram que, em dâw, as relações são, em sua maioria, de transparência, visto que a língua não apresenta ocorrências de referência cruzada, concordância de número, concordância de negação, descontinuidade, gênero gramatical, acordo no sintagma, acordo na oração e cópia de tempo. A aposição e o uso de expletivos, por outro lado, ocorrem na língua dâw, também como nas demais línguas da família. Por fim, concluiu-se que o critério de relações gramaticais não se aplica à língua, tendo em vista que o alinhamento presente não ocorre por critérios sintáticos, mas semânticos, conforme comprovaram os dados analisados. Esses resultados atestam, portanto, que a língua dâw, considerando uma escala de transparência tal como proposta por Leufkens (2011), é mais transparente no que se refere aos critérios de opacidade elencados. Além disso, o trabalho desenvolvido, em âmbito maior, contribui para corroborar a importância/eficiência do modelo de análise proposto pela Gramática Discursivo-Funcional na medida em que testa a estrutura descendente de camadas para a uma análise tão ampla quanto possível das relações de transparência e opacidade nas línguas.

O LUGAR DOS EVIDENCIAIS DE INFORMAÇÃO NÃO TESTEMUNHADA EM UMA CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA DA EVIDENCIALIDADE

VÍTOR HENRIQUE SANTOS DA SILVA (UNESP/IBILCE)

De acordo com Aikhenvald (2004; 2018), a evidencialidade é uma categoria linguística que expressa a fonte de informação de um enunciado, o que recobre os meios pelos quais essa informação foi adquirida. Tomando como base essa definição e adotando a classificação da evidencialidade proposta por Hengeveld e Hattner (2015) e posteriormente expandida por Hengeveld e Ficher (2018), o objetivo desta apresentação é discutir uma marca evidencial específica: o *não testemunhado* ou *não atestado* (em inglês *non-eyewitness*; *non-witnessed*; entre outros termos), que costuma ser empregado para indicar que a ocorrência de um evento não foi presenciada pelo falante. Hengeveld e Hattner (2015) propõem que esse evidencial seria uma instância da *percepção de evento*, a qual incluiria tanto marcas que indicam que o falante atestou a ocorrência de um evento por meio dos sentidos quanto marcas que indicam que o falante não percebeu diretamente a realização de um evento. Nesta apresentação, discuto as implicações teóricas dessa afirmação para a classificação da evidencialidade em uma perspectiva tipológica, argumentando que, embora o *não testemunhado* costume marcar informações que foram obtidas a partir de inferências e relatos no mundo extralinguístico, ele se realiza linguisticamente como uma marca de *não percepção*, de caráter genérico, que não especifica a natureza do meio de obtenção da informação. Nesse sentido, o *não testemunhado* difere de outros evidenciais cuja função é especificamente marcar que uma informação foi relatada ou que foi inferida por meio de raciocínios de bases diversas. Essa discussão faz parte de um projeto maior, desenvolvido como pesquisa de doutorado, em que examino a evidencialidade em uma amostra de 72 línguas indígenas brasileiras. A escolha por analisá-las justifica-se por ser a evidencialidade um fenômeno areal recorrente em línguas faladas no Brasil, principalmente nas amazônicas (cf. AIKHENVALD; DIXON, 1998; EPPS, 2005). Os critérios empregados na análise são: i) descrição, nos materiais consultados, de marcas gramaticais cuja função seja expressar fonte de informação; ii) função do evidencial (marcar percepção sensorial, tipo(s) de inferência ou de relato, ou não testemunho de um evento); iii) forma morfológica dessas marcas (afixo, clítico etc.); e iv) relação de escopo semântico dos evidenciais com marcas de outras categorias TAM.

UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE INCORPORAÇÃO NOMINAL EM LÍNGUAS ARAWÁK

CAMILLE CARDOSO MIRANDA (UNICAMP)

Este trabalho tem como objetivo analisar a incorporação nominal em algumas línguas Arawák faladas na América do Sul. Foram selecionadas quatro línguas que exibem esse fenômeno: Ashéninka Perene (falada na região da Amazônia

Peruana), Baure (falada na região da Bolívia), Nanti (Campa, falada no Peru) e Paresi-Haliti (falada no Brasil, no estado do Mato Grosso). Esse trabalho é baseado na tipologia - funcional, uma vez que analisa a incorporação a partir das suas funções tipicamente funcionais. O termo incorporação é frequentemente utilizado para se referir especificamente à incorporação nominal, uma construção que tem uma raiz nominal combinada com um verbo para formar uma raiz verbal derivada (MITHUN, 1986). Esse processo se dá com o argumento do verbo transitivo e argumento externo de verbo intransitivo, mas não com argumento externo de verbo transitivo. É frequentemente encontrado dentro de línguas polissintéticas, aquelas que têm um alto índice de morfemas por palavras. Mithun (2000) explica que na incorporação prototípica, o composto nome-verbo constitui um único padrão fonológico. Normalmente apenas a raiz nominal é incorporada e outros modificadores não são frequentemente incorporados com o nome. A metodologia utilizada para esse trabalho foi essencialmente a pesquisa bibliográfica, desenvolvendo os passos seguintes: (i) coleta de dados a partir de publicações disponíveis referentes ao tema proposto; (ii) leitura e análise destes materiais; (iii) constituição de um banco de dados que servirão de exemplos para o processo em estudo. Um dos resultados apresentados é que em geral todas essas quatro línguas exibem incorporação nominal, especialmente quando se trata de partes do corpo, uma vez que eles são nomes obrigatoriamente possuídos e frequentemente incorporados. Além disso, os nomes incorporados podem também qualificar o significado do verbo de incorporação sem afetar sua estrutura argumental. Em suma, a função básica da incorporação nominal é modificar o verbo e formar novos itens lexicais complexos. Assim sendo, nota-se a importância de uma averiguação mais detalhada para que, posteriormente, possa se estabelecer um estudo tipológico da categoria de incorporação nominal nas línguas dessa família.

UMA ANÁLISE FUNCIONAL DA MARCAÇÃO DE TEMPO RELATIVO E ASPECTO EM LIBRAS EM GÊNERO TEXTUAL RECEITA

ELIANE FRANCISCA ALVES DA SILVA OCHIUTO (UFGD - IBILCE/UNESP)

A presente pesquisa tem como objetivo descrever e analisar, com base na perspectiva funcionalista de Dik (1989, 1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008), sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras por Quadros (2004), Ferreira (2010), FINAU (2004), SILVA (2014), Klima e Bellugi (1979) como ocorre na Libras a marcação de tempo relativo e aspecto considerando as especificidades da língua em estudo e os aspectos semântico-pragmáticos atrelados às sinalizações dos surdos; considerando que a língua é composta por parâmetros que constituem sua estrutura linguística, como configuração de mãos, ponto de articulação o, movimento, direção/orientação e expressões não manuais; sendo nesta pesquisa as expressões não manuais, o nosso objeto de estudo. Diante do exposto, o propósito foi verificar se as expressões não-manuais, como "girar do corpo", "girar do tronco", "direção do olhar", são usadas na marcação de tempo relativo e aspecto. Para alcançar tais objetivos, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa (interpretativa e avaliativa) e quantitativa (em termos de frequência de uso). Os dados foram coletados a partir de realização de entrevistas com sujeitos surdos (e de outras atividades), discentes do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa/Libras da Faculdade de Educação à Distância - EaD/UFGD, de modo a identificar, nos discursos sinalizados, o uso de marcadores (expressões não manuais) para codificar as relações de tempo relativo e aspecto em Libras. Portanto, após análise dos dados coletados para a pesquisa, observou-se que dos cinco tipos de textos utilizados na entrevista, a saber: narrativa pessoal, narrativa recontada, narrativa orientada, receita e descrição de itinerário, o texto tipo receita, é o que mais favorece a ocorrência dessas expressões para veicular tempo relativo e aspecto em Libras.

SESSÃO 9

24/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/dhs-rvxw-iaf>

CONECTIVOS CONDICIONAIS COM 'CASO' NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

CAMILA FERNANDES DA SILVA (UFMS-CPTL)

Para a Gramática de Construções, a interação entre os usuários da língua leva a micromudanças diacrônicas no sistema linguístico. Isto quer dizer que a gramática é um fenômeno emergente, em que as mudanças ocorrem na língua como um processo que é gradual, *bottom-up* (de baixo para cima), e que frequência de uso, sedimentação e habilidades cognitivas gerais (analogização, esquematização e categorização etc.) são essenciais para modelar a gramática (SMIRNOVA; SOMMERER, 2020). Sob tais considerações, investigamos o percurso histórico de formação das microconstruções conectivas condicionais com 'caso'. No mapeamento diacrônico realizado, encontram-se seis tipos de microconstruções com 'caso' atuando como conectivos condicionais, oriundas de processos de mudanças gramaticais distintas. Trata-se de microconstruções nucleadas pela base de natureza nominal 'caso', que podem, ou não, estar associadas por preposição e determinante, e pelo complementizador *que* ou preposição *de*, que são: [*no caso (em) que*], [*em caso que*], [*caso que*], [*no caso de*], [*em caso de*], e [*caso*]. A proposta deste trabalho é a de que, pelo efeito das generalizações realizadas pelos usuários da língua e como resultado dos micropassos de mudança construcional, o nome 'caso' é neoanalisado como uma construção procedural, ao longo da história do português, e passa a integrar dois subesquemas construcionais que são abrigados pela rede de conectores condicionais: [(Prep) N (Prep) (*que*)] oração (não) finita]], e [Conect] oração (não) finita]]. Por meio dos critérios elaborados por Kortmann (1997) para definição de conectivos adverbiais, e Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005) para a caracterização da condicionalidade, investigamos os graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade de cada microconstrução através dos séculos XIV ao XXI do português. As análises têm como base dados de fala e escrita, os quais foram investigados quantitativa e qualitativamente. Uma vez que as mudanças ocorrem na língua de modo gradiente, a hipótese deste trabalho é de que as microconstruções em análise demonstram distinções na forma e uso, podendo apresentar diferentes graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade na história do português. Aparentemente, o conectivo simples, estruturalmente e semanticamente menos composicional, é a construção mais esquemática e mais produtiva na sincronia atual, apresentando constante abstratização no que diz respeito aos domínios conceituais atualizados ao longo do tempo, e expansão do arranjo colocacional do tipo de verbo na oração condicional, o que leva a considerar que essa microconstrução se encontra em um estágio mais avançado no processo de construcionalização em relação às outras microconstruções.

ENRIQUECIMENTOS SEMÂNTICOS NA SINCRONIA ATUAL DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

MARCELLO MARTINS MACHADO (UFF)

O objeto de estudo desta pesquisa é a microconstituição conectora hipotática *antes de*. O nosso objetivo é analisar e descrever os casos em que esse conector sofre pressões advindas da pragmática. Nesses cenários, elementos contextuais (como o verbo, os fatores cognitivos e a posição da oração hipotática) veiculam sentidos mais abstratos (como o contraste, a condição e a finalidade) que premem o valor predominantemente temporal do *antes de*. O resultado é a coexistência semântica entre tempo + contraste, tempo + condição e tempo + finalidade. Os itens recolhidos e analisados advêm do *Corpus* do Português. A análise é sincrônica (o recorte se inicia em 2012 e vai até o ano de 2019) e o método empregado é o misto (LACERDA, 2016), que coaduna informações qualitativas e quantitativas. Esta pesquisa está alicerçada nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esse arcabouço teórico entende que o item básico e fundante da gramática é a construção. Esse elemento é resultado de um pareamento entre forma e sentido (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Este trabalho também utiliza conceitos como a noção de categorização (BYBEE, 2010), de inferência pragmática (LONGHIN E FERRARI, 2020) e de enriquecimento semântico (TRAUGOTT E DASHER, 2002; MUSI 2016; OLIVEIRA 2019; BYBEE 2016). Após extensa análise no *corpus* do Português, foram encontrados um total de nove casos que evidenciam que o *antes de*, em dadas situações, sofre pressões pragmáticas, resultando em uma coexistência semântica entre o valor que emana da própria construção e os demais valores que são veiculados pelo contexto.

ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR *VISTO QUE*, *DADO QUE* E *POSTO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

JULIANA BARBOZA DO NASCIMENTO (UFRJ)

Tendo como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), este trabalho busca analisar os usos das orações hipotáticas introduzidas por "visto que", "dado que" e "posto que" em textos contemporâneos escritos em português brasileiro. Alguns exemplos destas construções são: I) "Visto que as mulheres são apaixonadas por bijuterias nada mais justo do que propor a elas uma compra mais simples através da internet."; II) "Uma vez já escrevi que não sei o que é avaliar arte, dado que é muito pessoal e subjetivo."; III) "Gostaria de ter uma resposta firme à minha indagação, posto que a legenda é dúbia. A abordagem da LFCU postula que existe uma estreita relação entre a estruturação da língua e seus usos nos contextos reais de interação, sendo levados em consideração não só os aspectos formais, mas também aspectos pragmáticos, semânticos, discursivos e cognitivos. Para este estudo, coletamos 450 dados (havendo 150 para cada tipo de oração) do site *Corpus do Português*, que reúne cerca de 1 bilhão de palavras de páginas da web de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Foram escolhidos apenas textos pertencentes à variante brasileira e que foram produzidos entre 2013 e 2014. Para essa análise, traçamos os seguintes objetivos: a) observar se as informações presentes na oração hipotática já eram conhecidas ou não pelo interlocutor, isto é, se o conteúdo era pressuposto ou não; b) observar a relação entre a posição das orações hipotáticas e seus respectivos valores semânticos; c) correlacionar a posição das orações hipotáticas à pressuposição. Para isso, havíamos postulado as seguintes hipóteses: a) espera-se uma correspondência entre causalidade e posposição e entre condicionalidade e anteposição, enquanto para as concessivas não haveria uma predisposição definida sobre sua ordenação, dependendo do propósito comunicativo do falante e b) espera-se que orações antepostas apresentem informações que são pragmaticamente pressupostas, enquanto orações pospostas tendam a veicular informações pragmaticamente novas. A partir dos resultados obtidos, constatamos que essas três construções possuem tendências de uso muito semelhantes, por exemplo, a predileção por terem informações pragmaticamente não-pressupostas, assim como, apresentarem um maior número de ocorrências de pospostas causais.

OS CONECTORES *COM O OBJETIVO DE*, *COM O INTUITO DE* E *COM O FITO DE* À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

BRENDA DA SILVA SOUZA DA COSTA (UFF)

Sob o escopo teórico e metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente estudo em curso objetiva analisar as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras *com o objetivo de*, *com o intuito de* e *com o fito de* na atual sincronia do português brasileiro. Este estudo se insere em uma agenda recente de pesquisas funcionalistas que tem o intuito de construir um panorama descritivo-analítico completo do esquema [X de]connect na língua portuguesa, a partir do rastreamento de todas as microconstituições conectoras instanciadas pelos subsquemas [Adv de]connect e [Prep [det] N de]connect. Nesse sentido, nosso trabalho visa a contribuir com as investigações do segundo subsquema, observando as possíveis microconstituições de valor final ensejadas por ele na atual sincronia. A coleta de dados foi realizada no *Corpus do Português*, na interface *now*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Os dados foram analisados pelo viés qualitativo e quantitativo. A análise das construções permitiu a conclusão de que esses conectores veiculam o valor de finalidade, apesar de não estarem previstos nas principais gramáticas tradicionais. O estudo empreendido levou à observação de que as microconstituições de valor final estudadas foram formadas a partir do processo de *neoanálise* e que também há a atuação do fenômeno de *analogização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Além disso, os dados investigados apresentaram mudanças semânticas em relação à ocorrência da oração de valor final de forma anteposta ou posposta à matriz.

SESSÃO 10

24/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/amu-cujo-cdy>

#PARTIUESTUDAR - A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E A LINGUAGEM MULTIMODAL NO ENSINO

AGAMETON RAMSÉS JUSTINO (UFR)

MICHELE DENISE DA SILVA (UFG)

Entendemos a língua como uma rede de construções organizada em relações hierárquicas e de herança. Cada construção é um pareamento de forma e significado, que pode ser identificada desde os níveis morfossintáticos até o nível macro

textual. Essas construções são organizadas dentro da gramática em padrões cognitivos motivados por contextos pragmáticos, discursivos e semânticos de interação. A gramática se realiza no uso, em diferentes modalidades de linguagem que se entrecruzam nos diversos suportes disponíveis, para garantir a comunicabilidade entre os falantes. Assim, inovações e reorganizações de forma e significado fazem com que as construções gramaticais estejam em constante mudança linguística. Contribui para a mudança linguística o entendimento de que *frames* emolduram a comunicação, determinando a organização de novos sentidos que a linguagem adquire, através da mesclagem conceptual de domínios semânticos. Seguindo essa abordagem teórica, nos filiamos à Gramática de Construções e à Linguística Cognitiva, com autores como Goldberg (2006), Bybee (2010), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Traugott e Trousdale (2013), Rios de Oliveira (2017), Rosário e Lopes (2019), Fillmore (1982), Fauconnier (1997), Ferrari, Guedes e Avelar (2019), dentre outros. Neste trabalho, propomos descrever qualitativamente a construção *#partiu*, correlacionando algumas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular sobre o ensino de Língua Portuguesa, com os princípios teóricos das perspectivas construcional e cognitiva. Buscamos apresentar proposições que contribuam para a renovação da análise linguística no âmbito do ensino, tanto no que diz respeito à aproximação de diferentes modalidades de linguagem no estudo da língua, quanto ao lugar e função do sujeito nas construções verbais. Ao pressupormos que linguagens multimodais dos contextos virtuais de interação influenciam na maneira como os falantes têm organizado a gramática, analisaremos a construção *#partiu* em um *corpus* não sistematizado. Coletamos as ocorrências nas redes sociais: *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* e no site de pesquisa *Google*. Em uma análise de perspectiva sincrônica, verificamos os usos dessa construção nos gêneros *post* e/ou comentários, meme, cartazes e estampas de camisetas. A aproximação entre modalidades diversas de linguagem, formando novas construções gramaticais, atesta a imanência de princípios cognitivos que emolduram a comunicação, pois na construção *#partiu* a função #, de identificar e agrupar conteúdos, é recrutada como domínio conceptual para o qual migra o potencial de ação do sujeito expresso pelo verbo. A alta produtividade desta construção atesta a eficiência da aproximação dos diferentes domínios e renova a caracterização e funcionamento das construções verbais no ensino.

'VAI DAR MUITO CERTO': UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DE ALGUMAS MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA [DAR + AA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

RAISSA ROMEIRO CUMÁN (UFRJ)

Este trabalho consiste em uma análise diacrônica de quatro microconstruções do subesquema [DAR + Adjetivo Adverbial], a saber: [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], que se encontram construcionalizadas no Português Brasileiro (PB) atual. Para tal, utilizamos o aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especialmente no que tange a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006). Pautamo-nos na proposta de construcionalização e mudança construcional de Traugott e Trousdale (2013) e na concepção da língua como uma rede de construções, sendo estas pareamentos de forma e sentido/significado. Para nosso estudo também são de suma importância os processos cognitivos de domínio geral propostos por Bybee (2010), principalmente os processos denominados *chunking* e analogia. Nosso objetivo principal é identificar os contextos que possibilitaram a formação dessas novas construções no PB. Com esse objetivo em mente, desenvolvemos uma coleta de dados no *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2006) aba gênero/histórico e aba *NOW*. Nossa hipótese principal é que a microconstrução [dar certo] teria se construcionalizado formando um novo nó na rede construcional, ligado ao esquema resultativo, licenciando, assim, as demais construções estudadas ([dar errado], [dar bom] e [dar ruim]). Em nossas análises, foi possível encontrar a microconstrução [dar certo] em textos datados do final do século XIX, enquanto a microconstrução [dar errado], que consideramos que tenha sido a primeira licenciada pela construção originária, é encontrada apenas em textos referentes à metade do século XX. Já as demais microconstruções ([dar bom] e [dar ruim]) possuem ocorrências datadas do início do século XXI. Ressaltamos que, neste trabalho, foram analisados fatores de ordem estrutural e discursivo-pragmática, como a presença de elementos intervenientes, a estrutura informacional, o grau de composicionalidade da construção, os diversos papéis semântico-pragmáticos de cada microconstrução, os elementos em função de sujeito na oração em que o construto ocorre e os gêneros/domínio discursivo/tipo textual em que o padrão construcional sob estudo é identificado. Dados coletados em nossa pesquisa demonstram diferenças formais e discursivo-pragmáticas entre essas construções que aparentam ser sinônimas ([dar certo] e [dar bom]; [dar errado] e [dar ruim]), como uma maior restrição para a presença de elementos intervenientes e diferenças nos elementos que ocorrem em posição de sujeito.

A PROJEÇÃO DO CORPO HUMANO NA CRIAÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS INTENSIFICADORAS

ANA LIGIA SCALDELA SALLE (UNESP/IBILCE)

Diversas construções existentes no dia a dia do falante resultam, em grande medida, das experiências corporais que ele mantém com o mundo atreladas ao pensamento e à cognição. Sendo assim, o sistema conceitual é predominantemente de base metafórica, uma vez que tais construções são formadas a partir de metáforas conceituais. Baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; 2016) e na junção da abordagem construcionalista (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) com a teoria da metáfora conceitual (LAKOFF E JOHNSON, 2003), o objetivo deste trabalho é, ainda que em fase inicial, analisar e descrever como as expressões idiomáticas de natureza intensificadora *armado até os dentes*, *falar pelos cotovelos* e *fazer das tripas coração* são criadas a partir de metáforas conceituais, mais especificamente, como a referência corporal é projetada para que a compreensão acerca do fenômeno seja captada pelo falante/ouvinte. Como universo de investigação, utiliza-se o *Corpus do Português*, organizado por Davis e Ferreira (2015-2016). Depreende-se que ao emitir a intensidade de um dado elemento, pessoa, evento, acontecimento, o sentido passa de uma noção mais concreta para uma mais abstrata (a intensidade), como acontece em *falar pelos cotovelos*, por exemplo, em que a gesticulação excessiva e a posição dos cotovelos próximos à boca, no momento da fala, trariam, muito provavelmente, a noção de exagero e intensidade na formulação do sentido da expressão.

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MICROCONSTRUÇÃO *PORQUE DE* NO PORTUGUÊS DE VALENÇA-BA

PAULO HENRIQUE DA SILVA SANTOS (UNEB)

CRISTINA DOS SANTOS CARVALHO (UNEB)

Este trabalho apresenta um breve recorte da pesquisa de doutorado em fase inicial, que tem por objetivo analisar, em perspectivas construcional e sincrônica, os usos do conector causal *porque de* no português falado e escrito de alguns municípios da região Baixo Sul da Bahia. Neste recorte, focaliza-se apenas o emprego de *porque de* em uma das cidades dessa região, Valença. Aventa-se a hipótese de que, no vernáculo valenciano, a microconstrução *porque de* emerge a partir dos processos de neoanálise (no eixo sintagmático) e de analogização (no eixo paradigmático) tendo em vista outras microconstruções que compõem o esquema construcional [X de]_{connect}. A base teórica que norteia a pesquisa é pautada pela Linguística Funcional Centrada no Uso (CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; BYBEE, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), através da abordagem construcional da gramática (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse sentido, adota-se aqui o conceito de construção – pareamento entre forma e função – como unidade básica da análise linguística. Em perspectiva sincrônica de análise de mudanças construcionais, a construcionalidade (ROSÁRIO; LOPES, 2019) é um viés relevante para a pesquisa. Também, como se trata de um conector que expressa relação de causa, um destaque teórico é preciso ser dado no que diz respeito aos estudos da causalidade. Nessa perspectiva, utiliza-se, na descrição do conector *porque de*, a taxonomia de Sweetser (1990), que propõe a classificação dos domínios de causalidade em referencial, epistêmico e dos atos de fala. A metodologia empregada neste recorte também será a mesma adotada em todo o desenvolvimento da pesquisa, o método misto de pesquisa (LACERDA, 2016), escolhido por equacionar metodologia qualitativa e metodologia quantitativa na análise de processos de mudança linguística em uma abordagem construcional. As categorias de análise consideradas são: (i) o domínio de causalidade; (ii) a posição do conector e (iii) o entorno linguístico pós conector. O *corpus* da pesquisa é constituído por dados de fala e escrita do português contemporâneo, coletados em 2019, no município de Valença-BA. Os dados analisados são extraídos de vinte e quatro entrevistas do modelo *Diálogo entre Informante e Documentador* (DID) e vinte e quatro formulários escritos com cinco questões dissertativo-argumentativas. Como resultados obtidos, destacam-se o uso categórico de *porque de* no domínio referencial de causalidade, maior ocorrência do conector na posição posposta e o preenchimento do entorno linguístico pós conector majoritariamente realizado por um sintagma nominal pleno.

SESSÃO 11**24/06/2022 – 8h30 às 10h00**Link de acesso: <https://meet.google.com/dkv-jpmy-zbk>

CLÁUSULAS INDEPENDENTES DESGARRADAS E INSUBORDINADAS NO LIVRO DE SALMOS

ARIANE PINTO COSTA (UFRJ)

O presente trabalho descreve estruturas denominadas desgarradas e insubordinadas, segundo uma abordagem funcionalista, utilizando o livro de Salmos como *corpus*. A partir do que apontam Shockey (1996) e Holanda (2014), consideramos que o livro dos Salmos é uma coletânea poética, também litúrgica, segundo a religião judaica, contendo hinos e orações registrados ao longo dos séculos. Com base em Decat (2021), as desgarradas caracterizam-se por serem uma unidade de informação à parte e pelo fato de não estarem sintaticamente integradas a uma cláusula núcleo; tais cláusulas podem ser hipotáticas circunstanciais, hipotáticas relativas e subordinadas completivas. Rodrigues (2021) acrescenta à proposta desta autora, principalmente, no caso das completivas, a possibilidade da cláusula independe se materializarem vinculação sintática e/ou semântica com material linguístico precedente, sendo identificadas por meio de inferência, adaptando-se e se empregando a noção de insubordinada, de Evans (2007). Incorporamos às ideias destes autores, a perspectiva de Heine *et al.* (2016) a respeito das estruturas insubordinadas, considerando que estas possuem relação com o discurso e não com alguma sentença anterior. Defendemos, assim, que diferente das estruturas desgarradas, que ainda possuem relação com a sentença antes expressa, as insubordinadas estão relacionadas ao discurso como um todo. Assim, as insubordinadas são unidades informacionais que saem do nível da gramática sentencial para o nível da gramática tética. A escolha do *corpus* dos salmos foi motivada pelos resultados apontados por Rodrigues (2020) sobre a ocorrência de cláusulas insubordinadas no discurso religioso. Sendo assim, com base nos indícios dessa autora, formulamos a hipótese de que há maior frequência de completivas insubordinadas nos Salmos do que de desgarradas hipotáticas circunstanciais ou de relativas. Após a análise qualitativa dos 150 Salmos que compõem o *corpus*, a hipótese de que as insubordinadas são mais frequentes no discurso religioso se confirmou, pois estas totalizaram cerca de 48% das estruturas insubordinadas identificadas. Assim, a análise qualitativa dos dados parece indicar a existência de uma ligação entre gênero e uso da estrutura independente, já que nos salmos analisados as completivas insubordinadas ocorreram mais do que as desgarradas hipotáticas circunstanciais e relativas.

CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL

EDER CAVALCANTI COIMBRA (UFSCAR)

As construções semi-insubordinadas (CSI) são relatadas por Van Linden e Van de Velde (2014) como construções formadas por um constituinte inicial seguido de uma oração substantiva introduzida pelo conectivo 'que'. O constituinte inicial atua no nível de uma oração matriz e expressa uma avaliação atitudinal do enunciador sobre o conteúdo proposicional da oração substantiva. Este trabalho apresenta uma caracterização das formas e significados das construções semi-insubordinadas do português brasileiro (CSI-PB) e uma proposta de rede construcional dessas construções, elaboradas a partir da análise de dados de *cópus*. Amparada nos pressupostos teóricos da Gramática de Construções de que construções são pareamentos convencionalizados de forma e significado e de que estruturas sintáticas carregam significado em si mesmas, a presente análise busca confirmar, a partir de dados de *cópus*, a hipótese de que as CSI-PB configuram uma rede hierárquica sob uma construção sintática esquemática, cuja abstratização de forma é [[X] [que] [oração substantiva finita]], e cujo significado, pareado a essa forma abstrata, é avaliativo. O componente [X] representa a matriz da construção, um *slot* aberto a ser preenchido com um adjetivo,

substantivo, advérbio ou interjeição de significado avaliativo. O conectivo *que* tem sua posição fixa e introduz o outro *slot* aberto da oração, que pode ser preenchido por qualquer oração substantiva finita, a qual contém o conteúdo avaliado. A coleta de dados foi feita no módulo *Web/Dialetos* do *Corpus do Português* (DAVIES, 2016), um *cópus* de modalidade escrita, sincrônico, anotado morfológicamente, composto por textos de páginas de internet do século XXI, cuja parcela da variedade brasileira contém mais de meio bilhão de palavras. As construções foram localizadas no *cópus* a partir de expressões de busca com etiquetas de adjetivos, nomes e advérbios em posição inicial de frase (posição da matriz), seguidos da palavra *que*. As combinações de forma e de significado atestadas foram tabeladas, dando origem aos agrupamentos da rede construcional (sub-esquemas). Foram verificados 177 tipos de CSI-PB, a contar por suas diferentes matrizes adjetivais, adverbiais, substantivais ou interjetivas (secundárias), com destaque em número para as adjetivais (117). A maior parte das matrizes expressa avaliação não-modal, com alguns usos mirativos e de negação enfática. Entre as matrizes de avaliação modal, são expressos significados epistêmicos, deonticos e evidenciais.

DESGARRAMENTO E INSUBORDINAÇÃO NO WHATSAPP

VIOLETA VIRGINIA RODRIGUES (UFRJ)

Em língua portuguesa, podemos combinar orações umas com as outras de maneiras distintas e inserimos o desgarramento e a insubordinação nesse âmbito. Para descrever o comportamento de estruturas desgarradas e insubordinadas em dados coletados do aplicativo WhatsApp, partimos da hipótese de que desgarramento e insubordinação são fenômenos diferentes, mas que se aproximam pelo fato de, do ponto de vista do uso, referirem-se à possibilidade de orações independentes apresentarem características formais de "subordinadas". O trabalho a ser apresentado faz parte do Projeto *Desgarramento e/ou insubordinação no Português*, em que se segue, sobretudo, as propostas de Decat (1999, 2001, 2011), que analisa as estruturas desgarradas; de Evans (2007), Mithun (2008), Cristofaro (2016), Heine, Kuteva e Kaltenböck (2016) e D'Hertefelt (2018), que abordam as insubordinadas; e de Rodrigues (2019, 2021), que faz uma distinção entre desgarramento e insubordinação. Defendemos a hipótese de que nesse *corpus* há tanto cláusulas desgarradas quanto insubordinadas, adotando-se o Funcionalismo como aporte teórico. Tendo em vista que os dados do *corpus* são de língua escrita e que o ponto final é o principal índice do fenômeno nessa modalidade linguística, trabalhos como os de Dahlet (2006), Tenani (2008) e Soncin e Tenani (2015) sobre pontuação também foram importantes para a descrição empreendida. Segundo Dahlet (2006), os sinais sequenciais, como o ponto, podem adquirir uma função enunciativo-pragmática, o que observamos no *corpus*. A análise qualitativa dos dados do *corpus*, que se valeu da contagem da frequência de ocorrência para a sistematização dos resultados, mostrou que as cláusulas desgarradas foram mais utilizadas do que as cláusulas insubordinadas. Isso mostra que, embora sejam usadas sem a presença de uma cláusula núcleo, a maior parte das estruturas analisadas relaciona-se semanticamente a uma porção textual anteriormente expressa ou adjacente. Assim, mais uma vez, evidencia-se que os significados desenvolvidos para uso na língua surgem porque este é sempre situado no contexto, que é determinado social e cognitivamente. Os resultados encontrados até o momento reforçam a premissa funcionalista de que a língua é sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo, conforme atesta Bybee (2010).

UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM A CONJUNÇÃO SE NO PORTUGUÊS

MARIA CAROLINA CORADINI (UFSCAR)

Construções condicionais insubordinadas (CCIs) são aquelas que, embora apresentem a conjunção *se*, marca característica da subordinação, ocorrem desvinculadas de uma oração principal, como "Se soubesse como me faz sofrer!" (*Corpus do Português*). Segundo Evans (2007), essas construções resultam de um processo de reanálise de orações originalmente subordinadas como construções independentes, após sofrerem a elipse da oração principal. Neste trabalho, descrevem-se e analisam-se CCIs iniciadas pela conjunção *se* no português, a partir de dados diacrônicos que alcançam do século XV ao século XX, a fim de verificar i. quantos e quais são os tipos CCI nessa língua; ii. quais são os processos que estão envolvidos em seu surgimento e iii. a produtividade dessas construções ao longo dos séculos. A análise que se apresenta é quali-quantitativa e fundamentada nos pressupostos da abordagem construcional da gramática, considerando aspectos formais e funcionais das construções. A partir de uma coleta exaustiva de dados dos *corpora* *Corpus do Português* e *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, chega-se a uma classificação funcional das CCIs em seis categorias: deontica, avaliativa, argumentativa, assertiva, de raciocínio, pós-modificação e metatextual. Os dados permitem observar que essas construções passam por uma trajetória de insubordinação, que aponta para a perda de condicionalidade. Conforme as CCIs avançam nessa trajetória, além de se tornarem mais independentes do ponto de vista sintático, passam a expressar outros valores que se sobrepõem à condicionalidade original da construção. A análise quantitativa demonstra, a partir de 1.838 dados diacrônicos, distribuídos majoritariamente entre os séculos XIX e XX, que há no português uma tendência de que essas construções expressem a projeção de um cenário decorrente da realização de um estado-de-coisas potencial, por meio de construções de raciocínio e deonticas de desejo, ou atuem na organização do discurso, por meio de construções metatextuais. As construções deonticas de desejo e as de raciocínio somam 45,7% dos casos encontrados no *corpus* para o período entre os séculos XV e XX. Já as construções metatextuais, somam 25,7%. Esses aparentam ser os mais produtivos dentre os tipos de condicional insubordinada no português, totalizando 71,4% da amostra de dados coletados.

SESSÃO 12

24/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/uqu-vzqs-peu>

ARGUMENT DOUBLING AND RIGHT-DISLOCATION – AN RRG-ANALYSIS OF HEAD-MARKING IN ISIZULU

JENS FLEISCHHAUER (UNIVERSITÄT ZU KÖLN)

From its very beginning, Role & Reference Grammar (RRG) has been a typologically-oriented functional syntactic theory. Nevertheless, various parts of the theory have been worked out on basis of data from a limited set of languages. The RRG approach to head-marking is more or less exclusively based on data from the Siouan language Lakhota (Van Valin

2013). How well does this analysis fit onto other head-marking languages? The Bantu languages are mostly head-marking and show a lot of microvariation when it comes to argument realization (see, Marten & Kula 2012). Whereas some Bantu languages license bound undergoer markers to co-occur with an independent RP, others do not. This feature is usually termed 'argument doubling' in the literature. One especially interesting case is the Bantu language isiZulu which has been subject of analysis from the perspective of generative grammar (e.g., van der Spuy 1993, Zeller 2012) but not from an RRG-perspective. The example in (1) suggests that 'argument doubling' is possible in isiZulu. However, a different view is expressed by, for example, Zeller (2012). He states that the bound undergoer marker cannot co-occur with an independent undergoer RP. Apparent 'argument doubling' is only possible if the independent undergoer RP is right-dislocated.

- (1) *Umama u-cel-a ukuba iintombi zi-yi-hlamb-e ingubo.*
 1.mother 1-request-FV that 10.girl 10-9-wash-SUB 9.blanket
 'Mother requests (the) girls to wash the/a blanket.' (Visser 2008: 14)

A second claim by Zeller is that under specific conditions both non-actor arguments – the undergoer and the non-macrorole core argument – are right-dislocated. This view is, from the perspective of RRG, highly controversial as RRG only proposes one right-detached position. Thus, two right-detached phrases cannot be easily integrated into an RRG-analysis. In the talk, I argue against Zeller's analysis and present an RRG-analysis of the relevant data. I will show that the language data can be easily integrated into the RRG-analysis of head-marking languages developed by Van Valin (2013).

INVESTIGATING THE IMPACT OF INTEGRATING INDUCTIVE AND DEDUCTIVE METHODS ON ALGERIAN EFL STUDENTS' ACHIEVEMENT IN GRAMMAR: THE CASE OF EFL STUDENTS AT THE UNIVERSITY OF EL-OUED, ALGERIA
 GHEDEIR BRAHIM MOHAMMED (UNIVERSITY OF EL OUED, ALGERIA)

Grammar instruction in English as a Foreign Language (EFL) classes play a crucial role in developing EFL students' linguistic competence. Hence, finding an appropriate method for grammar instruction has been a controversial issue. The debate is centered around whether grammar should be taught inductively or deductively. Many previous studies were done on the effectiveness of inductive and deductive method in teaching grammar. However, very few studies were carried out at the university level in Algeria in particular. Thus, this study is an attempt to fill the gap in literature associated with the issue in hand. The current research paper aims at identifying the influence of adopting inductive and deductive methods on Algerian EFL students at the University of El-Oued, Algeria. The study is an attempt to explore the effect of using inductive and deductive methods of teaching on students' performance and achievement in some particular issues included in the syllabus of Grammar for second year undergraduate students at the Department of Arts and English Language, the University of El-Oued, Algeria. It investigates EFL teachers' perceptions of the effectiveness and efficiency of each of the two instruction methods. A qualitative research method was used in this study in which the effectiveness of each grammar teaching approach was measured and their influence on EFL learners' performance in grammar related issues was assessed. Under the umbrella of qualitative approach, two groups of second year undergraduate students were chosen for the purpose of this study. The first group was taught via the inductive approach whilst the second was taught deductively. Besides, a semi-structured interview was administered to ten EFL teachers was used as a data gathering tool. The interview survey attempted to investigate EFL perceptions of the effectiveness of the two approaches of teaching grammar. The achieved results from the tests demonstrated that both inductive and deductive methods were equal in terms of effectiveness in EFL learners' achievement in grammar. However, EFL teachers' perceptions revealed their preference is using the inductive approach in teaching grammar.

LEXIS AS A LINGUISTIC RESOURCE FOR MEANING-MAKING PRODUCTION: AN INITIAL STUDY BASED ON SYSTEMIC-FUNCTIONAL THEORY

JÚLIA SANTOS NUNES RODRIGUES
 ADRIANA S. PAGANO

This study is based on a PhD research that discusses the principles of lexis and lexical item organization and operation in the scope of Brazilian Portuguese under a complementary perspective between lexis and grammar within the systemic-functional theory (SFT) (HALLIDAY, MCINTOSH e STREVEIS, 1964; MARTIN, 1992; HALLIDAY, 2002; FIGUEREDO, 2007; 2011). In this perspective, lexis is seen as a theoretical concept and is investigated through its own approach, adopting grammar in a complementary view, not as its origin. Problems related to modular lexis approach – lexis as filling for grammatical structures – or contiguous approach – lexis as the most delicate grammar – motivate this study, in the sense that lexis needs an explanation about how its internal processes work regarding lexis as a dimension, as well as the relations between lexical items beyond the grammatical stratum. Supported by Corpus Linguistics' tools, a corpus of academic papers about "diabetes mellitus self-care", written in Brazilian Portuguese and published in the last decade, a reference corpus to generate a list of items used in the development and application of the lexical probes, and a supporting corpus to contrast the results obtained under the investigations of lexical probes, this study explores a transformation process, through which the lexis is integrated into linguistic systems, when it's related to the paradigmatic axis in the grammatical stratum, and to the context through a process called co-extensiveness, letting lexis to be treated as one of the language dimensions. Specifically, in this study, the process of grammar transformation is investigated, including mainly the development and application of a lexical probe. This lexical probe could be seen as a methodological resource created within this PhD research to analyze the lexis internal processes, especially, with regard to the emergence of lexical items composed by more than one component and the formation of lexical items through the exploration of the portions that constitute them. A wider analysis of the results obtained in the present study also reveals a methodological alternative to work with lexis in a theoretical approach, which examines, through lexical probes, not only how lexical items are organized but also how they function in a language.

SESSÃO 13**24/06/2022 – 8h30 às 10h00**Link de acesso: <https://meet.google.com/zpg-vijb-dgu>**ENTRE FORMAS E FUNÇÕES: OS USOS DAS FORMAS PERIFRÁSTICAS *IR* + *INFINITIVO* NA LÍNGUA ESCRITA MONITORADA**

KEROLYN PEREIRA SARATE (UFSC)

O domínio funcional (DF) de futuridade evoca noções que envolvem o tempo, o aspecto e a modalidade (TAM). É diante desse DF que, basicamente, a perífrase com *ir* + infinitivo (presente - *vou correr*/futuro - *irei correr*) é acionada com regularidade no Português brasileiro (PB), podendo adquirir traços de modalidade deontica e de aspecto habitual (GIBBON; 2014). Na língua escrita, a forma perifrástica, principalmente *ir* presente, é atestada em diversos gêneros discursivos, contudo, gêneros mais monitorados ainda apresentam um contexto de resistência a essa forma. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar a multifuncionalidade das formas perifrásticas e do futuro simples (*correrei*) no gênero *dissertações de mestrado*. O *corpus* é composto por 3 dissertações: 1 da área da linguística, 1 da área da matemática e 1 da área do direito. Os dados coletados estão disponíveis no site de teses e dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e correspondem aos anos 2000. A abordagem teórica é pautada no funcionalismo linguístico givoniano. A metodologia corresponde a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, portanto, partiu-se da forma para função com o intuito de quantificar os DFs existentes e elencar as funções exercidas pelas três formas, com foco nas perífrases. Os dados foram analisados em seu contexto e buscou-se de forma manual os morfemas que indicam tempo verbal futuro do presente e também os verbos auxiliares das perífrases nos referidos textos. Os resultados revelam que quantitativamente a forma simples é a mais acionada - 72%, a perífrase *ir* presente corresponde a 26%, e a perífrase *ir* futuro a 2%, fato já esperado devido ao caráter formal do gênero. Qualitativamente a perífrase possui suas funções delimitadas pela área. Na área de linguística a forma perifrástica possui um valor metadiscursivo e se restringe apenas ao DF de futuro do presente, sendo que foi a única área que acionou *ir* futuro. A área de matemática aciona a perífrase com valor de modalidade deontica/ato de fala manipulativo, e também em *interdomínios*, pois mescla modalidade/tempo futuro. No que tange a área de Direito, a perífrase possui o valor de futuro histórico. Os resultados qualitativos sugerem que se trata de uma questão *estilística* dos autores, já que nem todas as dissertações optam pelo uso do tempo verbal futuro do presente.

O MACROESQUEMA DA PREDICAÇÃO: A REVERSIBILIDADE SEMÂNTICA DA CONSTRUÇÃO-SUPORTE E DA CONSTRUÇÃO DE AUXILIARIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIROEDUARDO ALMEIDA FLORES (UFG)
RAIANI SENA NEVES (UEG)

Esta comunicação tem por objetivo expor alguns aspectos da pesquisa empreendida sobre as construções predicativas de mudança (de estado ou de propriedade) e sobre a variação/alternância (HILPERT, 2014; MACHADO VIEIRA, 2016, 2017) entre os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* nesse tipo de construção em textos do Português Brasileiro, com base nos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010, 2013; GOLDBERG, 1995, 2013; TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013; dentre outros), a fim de descrever diferenças e similaridades existentes, a depender do verbo selecionado para preencher o *slot* destinado a verbo relacional na construção. As questões levantadas nesta pesquisa são: (i) tendo em vista que a gramática do Português Brasileiro é uma rede construcional, como são configuradas, construcionalmente, predicções de mudança de estado e de propriedade?; (ii) que implicações (morfossintáticas, semânticas, discursivas e pragmáticas) acarretam os usos verbais que se podem compatibilizar no *slot* verbal das construções de estado e/ou as microconstruções por eles constituídas?; (iii) em que medida tal *slot* promove variação verbal e com que consequência(s) em termos do conjunto de microconstruções/micropareamentos forma-função para a expressão de mudança de estado na gramática construcional do Português Brasileiro? Para tanto, conta-se com um acervo de ocorrências de tais verbos em construções predicativas coletadas em jornais, revistas acadêmicas e sites de avaliação de viagens, que foram analisadas de acordo com alguns parâmetros, como o tipo de sintagma predicativo (nome ou adjetivo), o grau de animacidade do sujeito, o valor semântico-aspectual da construção, o tipo de mudança (estado ou propriedade) e o grau de formalidade, a fim de discutir a variação/alternância desses verbos nesse tipo de construção, uma vez que a escolha de uma ou de outra forma pode acarretar diferentes efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos. De acordo com os resultados obtidos, as construções com *ficar* costumam se ligar a predicativos sob a forma de sintagmas adjetivais, indicando alguma mudança temporária ou abrupta de estado, enquanto as construções com *tornar-se* e *virar* se ligam, na maioria das vezes, a sintagmas nominais, indicando alguma mudança mais permanente de condição/situação (mudança de propriedade).

ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [ACABOU+(PREP)+V], EM JORNAIS DIGITAIS DO BRASIL.

FELIPE RODRIGUES DE ARAÚJO (UFG)

Este trabalho tem o objetivo de investigar a auxiliaridade do verbo "acabar" em jornais digitais do Brasil. Escolhido por apresentar alta frequência em seus usos nos dados retirados do *Corpus do Português NOW* (DAVIES, 2021), o verbo "acabar", sob a forma flexionada no pretérito perfeito na terceira pessoa do singular (acabou) é marca característica e frequente no gênero jornalístico, dada sua impessoalidade e seu uso na narração de fatos por meio de um observador, por exemplo: "[...] de Neymar, que por lesão no ligamento lateral externo do tornozelo direito, acabou sendo cortado da competição [...]" e "Mais uma presença de peso acabou de ser confirmada na Brasil Game Show 2019 [...]". Baseando-se na abordagem construcional da gramática (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; PINHEIRO, 2016), postulam-se dois parâmetros de análise: graus de esquematicidade e produtividade da construção [ACABOU+(PREP)+V] a fim de verificar a abstratização ou hierarquização da rede em que a construção em foco se aloca; também sua generalidade, regularidade e extensibilidade construcional (BARÐDAL, 2008). Os resultados parciais atestam que [ACABOU+(PREP)+V] se desdobra em três subesquemas posicionados em nível intermediário na rede, quais sejam: i) [ACABOU+V], quando não há preposição após o verbo auxiliar, como em "acabou morrendo"; ii) [ACABOU+DE+V], como em "acabou de sair"; e iii) [ACABOU+POR+V], como em "acabou por ser" – as preposições "de" e "por" se situam entre o verbo auxiliar e o verbo principal (V). Além disso, as propriedades de esquematicidade e produtividade revelam que as construções (ii) e

(iii) são menos frequentes que a construção (i), a frequência token se dá pelos usos: i) 83.339; ii) 5.196 e iii) 2.011. Relaciona-se essa frequência à transitividade do verbo “acabar”, auxiliar, como um dos aspectos funcionais-cognitivos que motivam suas produções pelos falantes de língua portuguesa brasileira.

GOTTA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE AUXILIARIDADE NO INGLÊS AMERICANO CONTEMPORÂNEO

ANA FLÁVIA MATOS FREIRE (UFRN)

O *gotta*, dada sua recorrência, apresenta-se como possível auxiliar em ascensão, direcionando-se a uma categoria vastamente estudada. No entanto, ao contrário de itens já consagrados como auxiliares, apresenta uma interrogativa quanto a sua definição, quando não apenas descrito como forma contraída de *have got to*, restrita à função de obrigação. Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo analisar os usos do *gotta* no inglês americano contemporâneo sob a ótica de uma abordagem funcional-construcionista. Para tanto, tomam-se como base os achados de Goldberg (1995), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) quanto às propriedades formais e funcionais da construção, Heine (1993) e Bybee (2010) quanto à auxiliaridade e desenvolvimento dos auxiliares modernos e de modais, e Lyons (1977) e Palmer (1986) com relação à categoria de modalidade. A fim de estabelecer uma análise dentro de situações reais de comunicação, utilizaremos o *Corpus of Contemporary American English* (COCA), mais precisamente, o seu agrupamento de textos orais de 2019, juntamente com o programa *AntConc*, do qual será aferida a frequência, os contextos de ocorrências e as funções desempenhadas pelo *gotta* para descrever as propriedades morfosintáticas, semânticas e textual-discursivas dessa construção de auxiliaridade do inglês americano contemporâneo. Os resultados empíricos relativos ao *gotta* apontam para uma mudança estrutural: *have got to* (construção de verbo principal) > *gotta* (auxiliar), que tende a evidenciar mudanças semântico-pragmáticas de marcação modal deôntica para marcação modal epistêmica, mudanças essas licenciadas pelo padrão esquemático [[V1 (ADJ) (PREP)] V2]AUX.

SESSÃO 14

24/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/ukw-hgjn-myp>

A PRODUTIVIDADE DA TRANSITIVIDADE VERBAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO

KELLY CRISTHEL DO NASCIMENTO PIMENTEL (UEG)

ELEONE FERRAZ DE ASSIS (UEG)

A transitividade verbal não deve ser estudada de modo compartimentado (verbo transitivo/intransitivo) ou desvinculado de seu uso, pois esse é um sistema que diz respeito a oração como um todo e não apenas ao verbo. Irmanado a essa assertiva, nesta pesquisa, pretendemos descrever a produtividade da transitividade verbal em artigos de opinião. Fundamentamo-nos em Givón (1984, 1990, 1992); Hopper e Thompson (1980) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014), para analisar o fenômeno de transitividade verbal na perspectiva funcionalista da linguagem. Sabemos que o fenômeno da transitividade é extremamente complexo, uma vez que envolve não apenas a sintaxe, mas a semântica, a pragmática e o discurso. Uma pesquisa que apresenta como objeto de análise a transitividade na língua escrita em funcionamento, representada pelo gênero artigo de opinião, renderá resultados vinculados ao funcionamento da escrita, uma vez que, a transitividade é valiosa para a progressão textual, e para construção do texto como noção semântica que se materializa na sintaxe. Cabe pontuar, nesse sentido, a importância de se considerar a língua em uso ao analisar qualquer fenômeno linguístico, que é a principal premissa do funcionalismo, no qual essa pesquisa se ancora. O presente trabalho constitui-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa. O jornal e a revista que compõem o *corpus* de análise são o jornal “Folha de São Paulo” e a revista “Veja”, de edições do mês de novembro de 2021. Diante disso, os dados analisados revelaram que a transitividade é útil para a construção da argumentação em artigos de opinião, especialmente por se relacionar diretamente com aquilo que o escritor julga saliente apresentar no texto para construir seu ponto de vista, podendo se apresentar ora com alta, ora com baixa transitividade.

O PERFIL DE REATIVAÇÃO E CONTINUIDADE LINGÜÍSTICA DOS FALANTES DE PLH

ANA LUIZA OLIVEIRA DE SOUZA (UFG / Univeristà di Pisa)

A partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no USO (LFCU) e das teorias da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1996), pretende-se analisar os perfis dos falantes de Português como Língua de Herança (PLH) em contexto italiano. De acordo com esta vertente teórica, a língua é compreendida como um aparato social e, portanto, funcional, pois é constituída em função de um propósito comunicativo. Neste sentido, requisita-se os princípios dos estudos sobre aquisição linguística postulados em Goldberg (2019) acerca da linguagem como um artifício social, especificando, para este fim, os três vértices que definem a sua finalidade social: **i.** a *expressividade*, as escolhas linguísticas devem ser suficientes para transmitir pensamentos, crenças e atitudes do falante de maneiras que os ouvintes sejam capazes de entender; **ii** a *eficiência*, as construções curtas são mais fáceis de acessar, aprender e produzir do que as construções mais longas, logo, podem suportar uma comunicação mais eficaz; **iii.** *Obediência às convenções*, os aprendizes/falantes tentam usar a linguagem da maneira que outros, em suas comunidades linguísticas, a aceitam. Os dados empíricos deste trabalho fazem parte de um pesquisa de doutorado em andamento acerca do fenômeno da transitividade nas produções orais dos falantes de PLH. Este recorte parcial apresenta a investigação realizada com 16 crianças de 5 a 13 anos, desenvolvida a partir da visualização de um desenho animado, envolvendo diálogo espontâneo com a pesquisadora. Seguindo o viés teórico da LFCU, percebe-se que o perfil de aquisição do falante de PLH encontra-se em um *continuum* de aquisição, ativando e reativando as propriedades lexicais, semânticas, discursivas, fonéticas e gramaticais durante a criação de enunciados, em formas conversacionais. Nesta comunicação pretendemos abordar o perfil de *reativação e continuidade*. Observa-se que os falantes deste perfil apresentam as suas próprias experiências na e com a língua, através da política linguística familiar, onde a reativação se faz presente a cada evento comunicativo, a cada instância nova de interação com outros falantes de português. As formas gramaticais e sintáticas tornam-se mais evidentes, não apenas o léxico, além disso, afloram os conhecimentos mais abstratos da língua portuguesa, com funções mais metafóricas e idiomáticas.

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO - APLICAÇÃO AO ENSINO DE L1 E L2

ROSA LUCIA ROSA GOMES (Escola Municipal Etiene)

O estudo apresenta as representações esquemáticas da ordem Verbo-sujeito em textos escritos - gênero tese, em Espanhol, e jornais de circulação nacional, em Português. A base de Análise para esse estudo é o da linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Joan Bybee (2010), Elizabeth Traugott e Gaeme Trousdale (2013). O objetivo da pesquisa foi observar a aplicabilidade dessa teoria no estudo da estrutura de língua, ou seja, na sintaxe de texto escrito em Português e Espanhol; discutimos, também, os aspectos, semânticos e pragmáticos envolvidos nas representações estruturais. A questão que norteou este estudo foi observar os recursos linguísticos utilizados pelo falante para as representações da estrutura, mostrando como eles estão esquematizados na mente do falante de uma língua. Desse modo, objetivou-se observar questões semântico-pragmáticas, como: os esquemas utilizados para apresentar o foco de uma enunciação; a contribuição da informatividade com o contexto de enunciação. E, também, questões de Prática Pedagógica, discutindo como a teoria da LFCU pode auxiliar no ensino de língua. Ou seja, mostrando como as habilidades cognitivas gerais são importantes na organização dos dados da experiência linguística. Habilidades como: categorização e processos analógicos, por exemplo. A natureza e as propriedades de certos padrões na linguagem são aprendidas com base em estratégias gerais de categorização. O *input* de linguagem que as crianças recebem fornece mais do que meios adequados pelos quais os alunos podem induzir a associação de significado com certos padrões de estrutura de argumento, na medida em que princípios de categorização bem estabelecidos se aplicam diretamente a este domínio. (Goldberg, 2006) Desse modo, a pesquisa propõe observar os aspectos cognitivos e funcionais envolvidos no uso linguístico. Trabalhamos com amostra de dez teses para o Espanhol e dez artigos de opinião para o Português. Para análise das duas línguas, selecionamos o verbo existir. Tanto para o Português quanto para o Espanhol, foram analisadas, somente, as vinte primeiras cláusulas de um total de 200 dados. Os dados revelaram que o constructo com existir possui, em termos de sentido, uma tendência de a construção se configurar como uma instância morfossintática de papel focalizador no evento. Observamos que cada esquema instanciado desenvolve uma função pragmática e sua combinação dentro de cada constructo pode seguir regras sintáticas do Espanhol e do Português. Ou seja, os chunks linguísticos obedecem a hierarquia instanciada pela semântica do verbo existir de maneira específica para cada uma das línguas.

A ABORDAGEM SOBRE CONJUNÇÕES EM LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MÉDIO:
UMA ANÁLISE AO LONGO DO TEMPODENNIS CASTANHEIRA (UFF)
CAROLINA CASEIRA (UFRJ)

Esta apresentação tem como objetivo geral analisar a abordagem sobre a temática das conjunções em livros didáticos ao longo do tempo a partir da perspectiva teórica do Funcionalismo norte-americano aliado à Linguística de Texto. Para isso, analisaremos quatro coleções didáticas de Ensino Médio aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 e de 2021 em relação à exploração do tema em capítulos sobre classes de palavras e articulação de orações. De acordo com Furtado da Cunha e Tavares (2016), o ensino em perspectiva funcionalista tem como alicerce a análise e a reflexão sobre a língua a partir dos usos linguísticos reais devidamente contextualizados. Sob esse viés, o ensino de gramática envolve, além de exposições e exercícios sobre aspectos metalinguísticos, a reflexão pautada nas relações linguísticas no texto e, para tanto, é necessário relacionar os tópicos gramaticais a questões de interpretação e produção de textos. Neste trabalho, partiremos dessa perspectiva para discutir o ensino de conjunções, definidas pelos estudos gramaticais como vocábulos que têm como função conectar dois elementos de mesma natureza, ou duas orações de natureza diversa (ROCHA LIMA, 1972; CUNHA; CINTRA, 1985). Em nossa análise, utilizaremos uma metodologia qualitativa para verificarmos se essa classe de palavras é abordada, em livros didáticos, de forma contextualizada e reflexiva e se houve alguma mudança nos materiais aprovados pelo PNLD ao longo do tempo. Para isso, partindo das análises e das propostas de Pinilla (2007), Moraes Pinto e Alonso (2012) e Castanheira e Caseira (2020), analisaremos os livros, ao menos, a partir dos seguintes fatores: (a) critérios de classificação (morfológico, funcional e semântico); (b) efeitos de sentido; (c) integração entre leitura, análise linguística e produção textual. Algumas de nossas hipóteses são: (i) os livros didáticos consideram aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos no tratamento da temática; (ii) os livros passaram por mudanças ao longo do tempo, motivados, dentre outros fatores, pela publicação da Base Nacional Curricular Comum. Nossos resultados parciais indicam que os livros didáticos consideram questões sintáticas, semânticas e morfológicas apenas na exposição do conteúdo, mas não nos exercícios, além de, no geral, não integrarem leitura e gramática e não modificarem muito sua abordagem ao longo do tempo. Com isso, é possível afirmar que algumas modificações precisam ser pensadas em relação aos materiais didáticos para que haja maior adequação na temática das conjunções.

SESSÃO 15**24/06/2022 – 8h30 às 10h00**Link de acesso: <https://meet.google.com/nkz-dcbj-axg>COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL DE PREDICADOS DE PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO SOB PERSPECTIVA
CONSTRUCIONALVINÍCIUS ALBUQUERQUE DE SOUZA (UFPE)
LUCAS DA SILVA MELO (UFPE)
RENÉ DOMINIQUE DE OLIVEIRA MENEZES (UFPE)
MAURÍCIO BARBOSA LOPES (UFPE)
EMANUEL CORDEIRO DA SILVA (UFPE)

Este trabalho objetiva investigar, sob uma perspectiva cognitivo-funcional, construções com complemento sentencial de predicados de percepção e conhecimento no português popular falado. Para tanto, no tocante à fundamentação teórica, concebe a gramática como emergente dos usos da língua (HOPPER, 1987; BYBEE; HOPPER, 2001), adota uma

perspectiva de gradiência da combinação de sentenças (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003) e admite as unidades linguísticas enquanto pareamentos de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014); no que diz respeito ao recorte dialetal, a pesquisa utiliza dados do português popular falado em Tejucupapo, comunidade rural localizada no Estado de Pernambuco. O *corpus* usado é composto por conversas gravadas de cinco falantes, transcritas com a utilização do software Transcriber 1.5.1 e a Chave de Transcrição do Projeto Vertentes (LUCCHESI, 2014). Para a análise das construções, consideramos a atuação do princípio de iconicidade na força da integração sintático-semântica entre a sentença principal e a subordinada (GIVÓN, 2001; CRISTOFARO, 2003) e as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A observação da produtividade da construção levou em conta tanto a frequência de ocorrência (token) quanto a frequência de tipo (type), conforme distinguem Bybee (2003), Traugott e Trousdale (2013) e Furtado da Cunha e Lacerda (2016). Verificamos que relações icônicas têm implicações na arquitetura da rede construcional, porque podem existir relações de semelhança entre a codificação dos enunciados e os conteúdos expressos, evidenciando a ocorrência de vínculos entre a organização mental das informações e a materialidade da língua, o que revela motivações semântico-cognitivas para os arranjos morfossintáticos das construções investigadas.

CONEXÕES HORIZONTAIS ENTRE CONSTRUÇÕES DE MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL NO PORTUGUÊS

JOSÉ ROBERTO PREZOTTO JUNIOR (UNESP/IBILCE)

Na esfera biossocial, jogos de interesses e convenções sociais se traduzem na língua em construções de manipulação (GIVÓN; YOUNG, 2002), as quais expressam colisão de forças entre um manipulador que, dotado de volição, age na promoção de mudança no comportamento de um manipulado, que pode ser atingido completa ou parcialmente ou se esquivar e superar tal incisão. Assumindo essa conceptualização de atos manipulativos, investigamos construções manipulativas com os verbos *mandar*, *fazer*, *exigir*, *pedir*, *gostar* e *querer*, formalmente instanciadas em orações subordinadas completivas finitas e não finitas (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016) e, semanticamente, portadoras dos significados de ordem e de instrução. Adotamos a abordagem construcional da linguagem, que concebe a língua como um sistema adaptativo complexo, organizado em redes de construções ligadas por elos verticais e horizontais (GOLDBERG, 2019; DIESSEL, 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; *inter alia*). Mais especificamente, recorreremos à proposta de Van de Velde (2014), que evidencia contrastes semânticos horizontais expressos pelas construções, apesar do compartilhamento de um significado geral. Metodologicamente, tomamos por base dados do século XX, oriundos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), associando métodos quantitativos e qualitativos. Objetivamos mapear, sintática e semanticamente, as construções manipulativas por meio de dois parâmetros de análise: i) tipo (*ordem* ou *instrução*) e traço (*pretendido* ou *bem-sucedido*) manipulativos; e ii) formato oracional (*finito* ou *não finito*). Fundamentados em testes de estatística inferencial e nos conceitos de iconicidade e integração oracional (GIVÓN, 2001), argumentamos que o formato oracional, por influenciar o traço manipulativo, pode ser considerado variavelmente dependente. No formato finito, as construções possuem duas fontes independentes de energia (SOARES DA SILVA, 1999), dada a maior distância entre eventos. Devido ao perfilamento da força do manipulado, o traço expresso é o pretendido, porque, ao preservar sua face, o manipulador faz com que o manipulado entenda sua solicitação como mera sugestão. Já no formato não finito, as construções são conceptualizadas como uma única fonte de energia (SOARES DA SILVA, 1999), em razão da forte união entre eventos. Majoritariamente, o traço identificado é o bem-sucedido, uma vez que, pelo perfilamento do controle do manipulador, não é dada ao manipulado a escolha de não realizar o ato manipulativo imposto. Em termos conclusivos, esses resultados proporcionam uma visão mais sutil das relações construcionais e ratificam a importância das associações horizontais nas análises, pois, mesmo com um significado compartilhado via relações taxonômicas de herança, sempre existirão singularidades em um mesmo nível de abstração da rede construcional.

MODOS DE SUBORDINAÇÃO CONCEPTUAL E RELAÇÕES DE HERANÇA ENTRE CONSTRUÇÕES COM O VERBO "SABER"

FLÁVIA DO CARMO BERTASSO (UNESP/IBILCE)

Este trabalho investigou construções com o verbo *saber* no português falado, com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 2009). A partir de dados do português falado no interior paulista, buscou-se descrever os usos subordinados de *saber* para determinar suas formas e funções na variedade do português investigada, examinar os graus de integração e perfilamento em janelas de atenção das construções e propor uma rede de construções capaz de mapear os diferentes usos das formas. Adotou-se o conceito cognitivo de subordinação, segundo o qual a subordinação equivale a uma relação entre processos perfilados que se combinam de diferentes modos em janelas de atenção conceitual (LANGACKER, 2009). Em termos discursivos, entende-se a subordinação como uma relação entre espaços mentais (FAUCONNIER, 1985) que fornecem instruções ao interlocutor acerca do domínio conceitual sob o qual uma proposição é compreendida (VERHAGEN, 2005; LANGACKER, 2009). Com as análises realizadas, foram identificados, para as construções, os seguintes modos de subordinação conceptual conforme a combinação de orações proposta por Langacker (2009): (a) combinação de dois estados de coisas perfilados, em que se enquadram as construções com *saber* assertivas; (b) combinação de dois estados-de-coisas, que podem ou não ser perfilados separadamente, modo de combinação em que se enquadram as construções performativas modais *eu sei que* e (*eu não sei se*); (c) combinação de um estado-de-coisas perfilado, modificado por um processo não perfilado, modo de combinação em que se enquadram as construções performativas que atuam na organização tópica, sob a sob a forma (*eu sei que*). Os resultados possibilitam conjecturar possíveis relações de derivação entre as construções, nas quais os primeiros nós da rede conteriam as construções assertivas, descritivas de conhecimento ou desconhecimento, que estariam interligadas à forma modalizadora de certeza *eu sei que*, a qual, por sua vez, se ligaria à construção *eu sei que* marcadora de tópico. Quanto ao nó contendo as construções descritivas de desconhecimento, esse estaria interligado ao nó da forma *eu não sei se* modalizadora de incerteza. Logo, as construções com *saber* modalizadoras de certeza ou incerteza seriam construcionalizações de possíveis formas de *saber* descritor de conhecimento ou desconhecimento, e a construção indicativa de posição tópica constituiria construcionalização de apenas uma das formas indicativas de atitude proposicional, a *eu sei que*, não sendo ligada diretamente ao nó de *saber* descritivo.

COORDENAÇÃO NÃO ORACIONAL ADITIVA
LISANGELA GUIRALDELLI (FEI -Fundação Educacional de Ituverava)
ANA MARIA PAULINO COMPARINI (Secretaria de Educação do Estado de São Paulo)

Em língua portuguesa, a descrição da coordenação, em que dois ou mais elementos se combinam para expressar conjuntamente uma unidade de sentido, tem sido feita predominantemente a partir da junção de orações. Como consequência, há ainda amplo espaço para explorar a coordenação não oracional. A fim de contribuir para uma melhor compreensão desse fenômeno, este trabalho tem como objetivo descrever a coordenação aditiva de sintagmas e palavras por meio do juntor e em diferentes variedades da língua portuguesa, dando destaque aos fatores do uso da língua que motivam a combinação entre essas unidades. Para tanto, adotou-se o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), teoria que concebe o enunciado como estratificado em níveis e camadas hierárquicos, em que as operações de formulação dos níveis Interpessoal (da pragmática) e Representacional (da semântica) determinam as operações de codificação dos níveis Morfossintático e Fonológico. Graças à sua estrutura estratificada, essa teoria permite-nos não só analisar a combinação morfossintática das unidades coordenadas, mas também identificar a natureza pragmática e semântica dessa combinação. Os dados investigados consistem em amostras de fala do corpus "Português Oral", coletadas no Brasil, em Portugal, nos países africanos de fala lusófona e em Timor-Leste. Com base nessa investigação, foram identificados três alinhamentos distintos entre os níveis de estruturação do enunciado, que ocorrem: i) quando a coordenação se expressa entre elementos extraoracionais; ii) quando ela se expressa entre sintagmas ou palavras que constituem uma oração; e iii) quando se expressa entre sintagmas ou palavras que constituem um sintagma. Embora a natureza das unidades morfossintáticas seja a mesma nos três casos, isto é, são palavras e sintagmas que se combinam, a coordenação se dá em camadas distintas do enunciado, a saber, a Expressão Linguística, a Oração e o Sintagma. Além disso, as unidades desses três alinhamentos variam amplamente, no Nível Representacional, entre Conteúdos Proposicionais independentes, argumentos (da predicação, de Propriedades Lexicais), núcleos de construções existenciais e modificadores. Por fim, no Nível Interpessoal, as unidades coordenadas correspondem, mais raramente, a Atos discursivos e, mais frequentemente, a Subatos Referenciais e Atributivos, que, a depender do tipo de alinhamento, nucleam diferentes unidades interpessoais, como Subatos de Referência ou Conteúdos Comunicados.

SESSÃO 16
24/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <http://meet.google.com/kob-ngca-wyx>

A NÃO RESTRITIVIDADE DO ADJETIVO EM LÍNGUA ESPANHOLA: UM ENFOQUE DISCURSIVO-FUNCIONAL
BÁRBARA RIBEIRO FANTE (UNIOVI/Oviedo, Espanha)

Nesta pesquisa, analisamos os sintagmas nominais da língua espanhola atual com o objetivo de identificar as características da não restritividade em modificadores adjetivos sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Para Keizer (2019), a não restritividade se refere ao papel do modificador ao expressar uma avaliação do falante sobre o núcleo do sintagma nominal, como é o caso, por exemplo, em *o pobre João* (HENGEVELD, 2008, p.54), em que o adjetivo *pobre* é não restritivo porque denota que *João* é uma pessoa digna de pena, referindo-se à empatia do falante pelo referente. Por outro lado, em uma situação comunicativa em que há duas pessoas que se chamam *João*, uma rica e outra pobre, em *o João pobre* o modificador denota que o referente não tem uma boa situação financeira, o que significa que o adjetivo tem um papel restritivo, pois atribui a *João* a característica de ser pobre. Considerando essa diferença de atuação de um mesmo modificador, este trabalho visa responder às seguintes questões (i) quais são as características do núcleo do sintagma em que aparece um modificador adjetivo não restritivo; (ii) quais são as características pragmáticas da não restritividade; (iii) como o adjetivo não restritivo é codificado morfossintaticamente (pós ou pré nominalmente). Dentro da Gramática Discursivo-Funcional, a linguagem é analisada em termos de formulação o (processo que cria as representações semânticas e pragmáticas de uma língua) e codificação (o processo que converte estruturas semânticas e pragmáticas em representações morfológicas e fonológicas). Portanto, a codificação linguística reflete processos semânticos e interpessoais, ou seja, a produção da língua (falada ou escrita) depende do objetivo comunicativo de um falante. Assim, a principal hipótese deste trabalho é que a não-restritividade em espanhol tende a ser codificada de forma pré-nominal quando está relacionada a certos tipos de papéis pragmáticos, como enfatizar ou expressar empatia. Em contrapartida, é codificado pós-nominalmente quando expressa papéis semânticos, como, por exemplo, sinalizar uma referência temporal. O corpus utilizado nesta pesquisa é o CORPES XXI (Corpus del Español del Siglo XXI), o corpus de referência da Real Academia Espanhola.

USOS DE "PERO BUENO", "PERO CLARO" E "PERO VAMOS" NO ESPANHOL PENINSULAR COLOQUIAL
CAROLINA DA COSTA PEDRO (UNESP/IBILCE)

Este trabalho tem como objetivo apresentar os papéis do juntor *pero* em combinação com *bueno*, *claro* e *vamos* em um corpus de língua falada. O aparato teórico-metodológico utilizado é a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), teoria de viés funcionalista. Sob essa perspectiva, verificou-se que *pero*, ao acompanhar elementos como *bueno*, *claro*, e *vamos*, pode conferir sentido contrastivo ou pode ainda atuar exclusivamente no monitoramento da interação. Quando acompanhado de *bueno*, *claro* e *vamos*, na posição medial da oração, *pero* pode codificar a função retórica Concessão, uma relação entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual que se dá no Nível Interpessoal. *Pero bueno* e *pero vamos* podem atuar, no entanto, como *marcadores discursivos* nos termos de Dik (1997) quando ocupam a posição final da oração e constituem elementos expletivos. O uso de *pero claro*, em posição final, não foi encontrado no corpus. O universo de investigação é embasado no corpus PRESEEA (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), base de dados disponível online.

UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DE "UN POCO" EM DADOS DO ESPANHOL PENINSULAR FALADO

HELEN MARTINS RODRIGUES (UNESP/IBILCE)

Este trabalho examina, especificamente, o funcionamento do aproximativo *un poco* e suas variantes (*unos pocos*, *un poquito*), com base em dados do espanhol peninsular falado extraídos do PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*). O estudo situa-se dentro de uma abordagem funcionalista, tendo como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; KEIZER, 2015). Tal modelo de análise prevê uma organização modular baseada em quatro níveis de processamento linguístico, sendo cada um constituído por Camadas: Nível Interpessoal (NI) e Nível Representacional (NR), destinados, respectivamente, às formalizações pragmáticas e semânticas, e Nível Morfossintático (NM) e Nível Fonológico (NF), destinados, respectivamente, às codificações morfossintáticas e fonológicas. Segundo o aparato teórico adotado, os aproximativos são descritos como elementos que servem à expressão de ideia aproximada, podendo atuar como estratégias gramaticais ou lexicais na camada dos Subatos Atributivos, no NI da GDF. Tais elementos situam-se no NI visto que servem para indicar ao ouvinte como uma determinada propriedade deve ser interpretada, podendo, nesse caso, conforme Briz (2003), funcionar como atenuadores da expressão linguística. Tendo em vista que o aparato teórico adotado prevê também usos quantitativos para os elementos aqui investigados, em nosso trabalho analisamos também esses usos. Assim, investigamos, de maneira específica, os contextos nos quais *un poco* e suas variantes atuam como aproximativos, no NI da GDF, e, paralelamente, aqueles contextos em que funcionam como quantificadores, atuando, nesse caso, no NR. Para proceder à investigação desses elementos, consideramos uma série de parâmetros que focalizam, dentre outras coisas, (i) a classificação desses elementos segundo o modelo teórico utilizado; (ii) análise da posição que ocupam dentro do sintagma em relação ao elemento escopado; (iii) análise da natureza sintático-semântica do elemento escopado; e (iv) aplicabilidade (ou não) do aproximativo como estratégia de atenuação linguística. Com base na análise preliminar dos dados, foi possível verificar a dupla funcionalidade (aproximativa e quantitativa) para os elementos investigados. Além disso, observamos que, em alguns contextos, os usos aproximativos constituem uma estratégia de atenuação linguística a partir da qual o falante busca minimizar o impacto da informação pretendida. A partir da análise e descrição completa da amostra considerada, buscaremos analisar e descrever os aspectos gramaticalmente relevantes a cada um dos usos e valores mencionados. Com isso, objetivamos compreender quais aspectos de caráter gramatical os caracterizam.

MECANISMOS COESIVOS EM PORTUGUÊS E ESPANHOL: IGUAIS, SEMELHANTES, DIFERENTES?

HILA ALBANO (Instituto de Investigación en Lenguas Modernas, Escuela de Lenguas Modernas, Universidad del Salvador - USAL, Argentina)
FEDERICO POLASTRI
SANTIAGO URE DIBAR

Este trabalho analisa o uso dos mecanismos coesivos referenciais no português brasileiro contemporâneo e no espanhol rio-platense, adotando uma abordagem comparativa ancorada na interdisciplinaridade (Fanjul & González, 2014; entre outros), e relacionando a citada abordagem com as propostas de Calsamiglia e Tusón (1999) e, em outras palavras, de Fávero (2007), que concebem a coesão e seus mecanismos como "uma das mais importantes manifestações da coerência, identificável a partir dos elementos linguísticos visíveis e materiais" (por exemplo, *o presidente / el presidente*). O objetivo principal deste trabalho é realizar um estudo-exploratório sobre o comportamento sintático-semântico dos mecanismos coesivos para descrever e analisar possíveis efeitos contrastivos no. Utilizamos como corpus de análise vinte matérias jornalísticas redigidas em português e vinte matérias redigidas em espanhol dos principais meios digitais do Brasil e da Argentina. A partir desse recorte, os artigos jornalísticos foram selecionados com base na reunião do G20, realizada na Argentina, em novembro de 2018. O critério de escolha para essas matérias parte do fato que os/as jornalistas da Argentina e do Brasil produziram seus textos dando especial destaque às figuras dos presidentes. A metodologia de pesquisa neste trabalho é a qualitativa. Os resultados exploratórios da pesquisa mostram que existem certos mecanismos coesivos referenciais que funcionam de forma diferente em cada língua. Em primeiro lugar, foi possível identificar que a proforma pronominal *e/e* mantém a referência em relação a outras unidades de sentido que são as figuras dos presidentes (o que contrasta com o espanhol rio-platense que, fundamentalmente, apela para outros procedimentos como a elipse (nominal), isto coerentemente de acordo com as possibilidades que exhibe o atual sistema verbal do espanhol:

- 1) [...] Bolsonaro foi direto ao CCBB, onde sua equipe trabalha no governo de transição. Ele [...]

Por sua vez, observamos a maneira de se configurar a proforma *e/e* no contexto das orações subordinadas, relacionada à conjunção conformativa *segundo*, sem se verificar a presença de verbos *dicendi* nesses contextos:

- 2) [...] Segundo ele, o caminho das reformas defendido por ele [...]

Finalmente, observamos uma diversidade de situações em que a proforma pronominal *e/e* opera após a elipse do item referencial, mas também se estabelecendo imediatamente posterior à referência expressa:

- 3) A participação de Temer na reunião de cúpula do G20 em 2017 em Hamburgo, na Alemanha, já havia sido tímida. Em meio às repercussões negativas do escândalo da delação da JBS, ele chegou a cancelar sua participação no evento, mas o resolveu ir na última hora. Ele não teve reuniões [...]

A equipe que elaborou este estudo, mesmo com um corpus limitado, deixa possíveis caminhos de pesquisa que se espera possam avançar no desenvolvimento de novas reflexões e questionamentos.

SESSÃO 17**25/06/2022 – 8h30 às 10h00**Link de acesso: <https://meet.google.com/yxo-vxee-zmz>**GRAMATICALIZAÇÃO E SUBJETIVIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM "SE BEM (QUE)" NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS**

GABRIEL BENEDETTI (UNESP)

Neste trabalho, investiga-se, em perspectiva diacrônica, o processo de gramaticalização do qual resultou a perífrase conjuncional concessiva *se bem (que)* na história do português. Por meio do quadro teórico da Gramaticalização, sobretudo Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007) e Bybee (2010, 2015), encontram-se os subsídios para descrição de processos de mudança linguística, que partem de formas lexicais para formas gramaticais ou de formas gramaticais para outras ainda mais gramaticais, em trajetórias graduais, com alteração de categoria e de significado. Em particular, a mudança dos significados será analisada à luz da tendência à *subjetivização*, entendendo-se por subjetivização, à maneira de Traugott e Dasher (2002), um processo semasiológico pelo qual falante/escrevente desenvolve significados capazes de codificar ou expressar suas perspectivas ou atitudes a respeito do conteúdo das proposições, das posições argumentativas e do próprio evento comunicativo. Nessa perspectiva, a questão maior que se busca responder é: em quais contextos o advérbio *bem*, juntamente com a condicional *se*, se cristaliza no juntor complexo que participa de relações concessivas? A pesquisa, metodologicamente, será norteada pelas polissemias, correlacionando contextos e estágios de mudança (cf. Mauri e Ramat, 2012), nos vieses qualitativo e quantitativo, tomando por base uma amostra de textos de gêneros diversos, produzidos em um recorte temporal de cinco séculos (século XVI até XX/XXI). Os resultados fornecem possíveis estágios de mudança, nos quais sobressaem traços da fonte *bem*, destacando as funções escalares e focalizadoras, juntamente com a condicionalidade de *se*, que se torna uma relação factual, permitindo, assim, inferências de tipos causa negada e restritiva. Além disso, os dados de *se bem (que)* apontam para uma especialização de relações concessivas restritivas.

O PADRÃO CONSTRUCIONAL [VPERCLOC]_{MD} EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM BASEADA NO USO

ANTONIO RALF DA CUNHA CARNEIRO (UNEB)

CRISTINA DOS SANTOS CARVALHO (UNEB)

Neste trabalho, analisamos, no português brasileiro (PB) e angolano (PA), o padrão construcional com verbos de percepção – visual e auditiva – e pronomes locativos com a função de marcador discursivo – [VpercLoc]_{MD}. A pesquisa é realizada à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Sob a perspectiva construcional, assumimos que a língua é uma rede de construções –pareamentos entre forma e função (CROFT, 2001; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2021) – interconectadas. Segundo Traugott (2008), essa rede, em termos de hierarquia construcional, é instanciada por quatro níveis de esquematicidade: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos. Na língua portuguesa, o padrão construcional [VpercLoc]_{MD} (SAMBRANA, 2018, 2021) integra a macroconstrução [VLoc]_{MD} (TEIXEIRA, 2012; OLIVEIRA; BATORÉO, 2014 etc.) e se subdivide em duas mesoconstruções: [VpercVisualLoc]_{MD} e [VpercAuditivoLoc]_{MD} (CARNEIRO, 2021). Para a descrição do nosso objeto de estudo, utilizamos dados empíricos das variedades brasileira e angolana do português contemporâneo (século XXI), integrantes do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e examinados por Carneiro (2021). Quanto aos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, os dados levantados são analisados quali-quantitativamente (LACERDA, 2016). Em viés qualitativo, apresentamos uma caracterização das construções do tipo [VpercLoc]_{MD}, sua rede construcional e suas funções semântico-pragmáticas. Para a análise quantitativa, consideramos os seguintes grupos de fatores: função semântico-pragmática, verbos e microconstruções mobilizados na construção e posição sintática. Os nossos resultados mostram que as construções do tipo [VpercLoc]_{MD}: (i) são empregadas, no PB e PA, com as funções de advertência, prefaciador, exemplificativo, opinião, interjetivo, adversativo, causal, concessivo, contestação de algo improvável e constatação de algo absurdo; (ii) tendem a exibir, nas variedades brasileira e angolana, um comportamento semelhante no que diz respeito: (a) ao verbo (*olhar*) e à função semântico-pragmática (*concessiva*) mais mobilizados no padrão [VpercVisualLoc]_{MD}; (b) às microconstruções – (*e olhe lá* e *escuta aqui* – mais frequentes nos dois subtipos de construção com verbos perceptivos e pronomes locativos; (c) à posição sintática (inicial) mais recorrente em que são empregadas as construções do tipo [VpercVisualLoc]_{MD} e [VpercAuditivoLoc]_{MD}; (iii) apresentam algumas distinções relativas ao subtipo [VpercAuditivoLoc]_{MD} no PB e PA quanto aos verbos (*escutar* e *ouvir*, respectivamente) e às funções semântico-pragmáticas (*advertência* e *prefaciadora*, respectivamente) mais produtivos.

TRAÇOS DE MARCADORES DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO VAI SABER

SABRINA REGINATTO (UFMS/CPTL)

O presente trabalho tem como objeto de estudo a construção [vai saber], que é assim denominada a partir dos princípios teóricos da perspectiva construcionista. Considerando os pressupostos gerais da corrente funcionalista de estudos da linguagem, a vertente denominada Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016) e a Gramática de Construções, assume-se, nesse trabalho, que a forma básica de análise da língua é a construção, considerada um pareamento simbólico de uma estrutura com seu significado. A hipótese é de que a construção [vai saber] estaria passando por um processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), apresentando perda de conteúdo proposicional e atuando como marcador discursivo (RISSO; SILVA; URBANO, 2006) em determinados contextos, como em “E se bobear deve ter até algumas gotinhas de cerveja no meio... **vai saber!**”. Dessa forma, objetiva-se realizar a caracterização da nova construção a partir de análises de suas propriedades formais e funcionais. Tais análises se darão a partir dos seguintes parâmetros: a) posição da construção na frase hospedeira, b) relação sintática da construção com a estrutura oracional; c) transparência semântica; e d) pistas prosódicas. O estudo adota uma perspectiva sincrônica a partir da análise de dados coletados do segmento *Web/Dialetos* do *Corpus* do Português- CP (FEREIRA; DAVIES, 2006). Análises preliminares sugerem uma possível cristalização da construção enquanto marcador discursivo. Dessa maneira, a presente pesquisa visa integrar e contribuir com o conjunto de estudos que vem se desenvolvendo acerca de marcadores discursivos de base verbal.

UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA DAS CONSTRUÇÕES SEQUENCIADORAS EM TEXTOS ACADÊMICOS

KÁTIA ROSEANE CORTEZ DOS SANTOS (UNESP/IBILCE)

Investigam-se neste trabalho as construções do tipo [*vale ressaltar (que)*] e [*(é) importante destacar (que)*], presentes comumente na modalidade escrita do português brasileiro, mais especificamente em textos acadêmicos. Tal investigação é feita a partir de uma perspectiva construcional da gramática, a qual faz parte de uma vertente mais recente do funcionalismo linguístico. Nesse sentido, entende-se *construção* como a unidade resultante de pareamento de forma e função (GOLDBERG, 2003). Como suporte para a descrição do funcionamento discursivo da construção, utiliza-se a GTI – Gramática Textual-Interativa – (JUBRAN, 2015), considerando-se a noção de *Marcador Discursivo* (doravante MD). Risso, Oliveira e Silva e Urbano (2015) apontam que os MDs constituem um grupo amplo e bastante diversificado, dividido em dois grandes conjuntos: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*. Defende-se, portanto, que as construções do tipo [*vale ressaltar (que)*] e [*(é) importante destacar (que)*] são MDs basicamente sequenciadores. Além dessa abordagem, a RST – *Rhetorical Structure Theory* ou Teoria da Estrutura Retórica, em português – (MANN; THOMPSON, 1983, 1987, 1988) é empregada, com o intuito de se identificar de forma mais refinada a função que tais MDs desempenham nos textos coletados. A RST considera que o texto é formado por partes que estabelecem relações entre si e fazem com que ele “faça sentido para alguém”. Pardo (2005) fornece em seu trabalho uma lista de exemplos e marcadores superficiais para diversas relações retóricas. Dentre elas, consta a relação de *Elaboração*, em que uma porção textual satélite (secundária) apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou algum elemento da porção textual nuclear (principal). Para essa relação, dentre os marcadores apresentados, estão: “Deve-se observar que”, “É bom salientar que” e “Vale ressaltar que”. Diante disso, além de se buscar identificar neste estudo, com base nos princípios da GTI, como as construções em foco atuam na construção tópica do texto (se na abertura, no sequenciamento ou no fechamento de tópico), objetiva-se também verificar, nos dados que compõem o *corpus* selecionado, se, de fato, elas podem sinalizar a relação retórica de elaboração, bem como outras relações. A metodologia da pesquisa é essencialmente qualitativa com suporte quantitativo que evidencia possíveis tendências. O *corpus* da pesquisa é constituído por textos de diversas revistas acadêmicas de áreas diferentes do conhecimento, totalizando cerca de 1.300.000 palavras. Por fim, a coleta das ocorrências foi feita de forma manual, observando-se padrões que poderiam integrar as construções em foco.

SESSÃO 18

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/bcg-pxas-qup>

MAPEAMENTO FÔNICO DE T E D NO FALAR NATALENSE: UM ESTUDO EXPERIMENTAL À LUZ DA FONOLOGIA NA PERSPECTIVA DOS MODELOS DE EXEMPLARES

TIAGO CAIAN DE ASSIS SILVA (UFRN)

O falar da população norte-rio-grandense é marcado pela tendência à produção dos sons oclusivos alveolares *t* e *d*, em oposição ao produtivo fenômeno de palatalização de tais segmentos, o qual resulta nos sons africados alveopalatais *tʃ* e *dʒ*. Contudo, estudos recentes apontam para variabilidade fônica não categórica quanto aos sons oclusivos alveolares no Rio Grande do Norte (RN) (ANANIAS; CUNHA, 2021; ASSIS-SILVA; CUNHA, 2020; BARBOZA, 2013). A constatação de variação sonora de cunho gradiente motivou o presente estudo, cujo objetivo consiste em mapear manifestações fônicas relacionadas a uma potencial emergência de segmentos africados alveopalatais em Natal, capital do RN. Nessa direção, estudamos o fenômeno de emergência de sons africados à luz da Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares, uma abordagem da linguística baseada no uso (BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001). Por hipótese, assumimos que o fenômeno de mudança articulatória das oclusivas alveolares corresponde à reorganização de rotinas motoras atreladas a itens léxicos específicos (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012). Como metodologia, fizemos um estudo experimental e analisamos, acusticamente, 157 dados de fala natalense coletados por meio da aplicação de questionário fonético-fonológico. Tal análise deu-se por meio do *software* PRAAT, visando à detecção de realizações fônicas relacionadas aos segmentos *t* e *d* em sequências fonotáticas distintas. As sequências fonotáticas focalizadas foram: *t/d+i pretônico, tônico e postônico; t/d+iV postônico* (casos de ditongo); *S_{coda}+t+i postônico*. Como resultado, temos que, nos casos em que *t* e *d* apresentam-se em sequência fonotática simplificada (nesse caso, *t/di*), as representações fônicas consistem em oclusivas alveolares plenas *t*, *d* e oclusiva alveolar aspirada surda *tʰ*; já em sequências fonotáticas mais complexas (nesse caso, *t/diV postônico* e *S_{coda}ti postônico*), as representações fônicas ampliam-se, apresentando oclusivas alveolares plenas *t*, *d*, oclusivas palatalizadas *tʃ*, *dʒ*, oclusiva alveolar aspirada surda *tʰ*, africadas alveopalatais *tʃ*, *dʒ* e até africadas alveolares *ts*, *ds*. Os dados evidenciam que a alta frequência de palavras com a sequência *t/di*, em português, contribuem para a preservação de forma, efeito já previsto por Bybee (2001); nesse caso, há a preservação de oclusivas alveolares plenas em produções de fala. Ou seja, a força exemplar desta sequência em palavras torna-lhe mais resistente à variação, conservando, assim, o som oclusivo pleno - que é predominante no RN - em detrimento de uma natural sobreposição de gestos articulatórios, que gerariam sons africados.

ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO

EDUARDA ROCHA BORGHELOTT (UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco.)

O presente trabalho possui como objeto de estudo a realização de uma análise da variante rotacismo no município de Francisco Beltrão, localizada na região sudoeste do Paraná. Busca-se analisar se esta variante ainda está em uso na comunidade investigada, bem como os fatores sociais e linguísticos que possam influenciar na produção do processo. A pesquisa desenvolve-se a luz dos preceitos metodológicos da Teoria da Variação Linguística na perspectiva Laboviana (1972). O fenômeno rotacismo de acordo com Câmara Jr. (1970), caracteriza-se pela realização da troca da lateral /l/ pela líquida /r/, podendo ocorrer em coda de sílaba, como *sol ~ sor*, e no contexto de onset complexo, como *blusa ~ brusa*. O *corpus* da pesquisa é constituído por um total de 12 informantes, entre 18 e 80 anos de idade, sendo 6 informantes do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Esses foram estratificados pelas seguintes variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. Para a coleta de dados, foram propostos três momentos para o desenvolvimento das

entrevistas, a saber: nomeação e descrição de imagens; produção de frases e conversa informal sobre temas diversos (infância, educação, lazer, viagens, filmes, entre outros). Os resultados indicam baixa incidência de uso da variante rotacismo, observando-se maior produção entre informantes mais velhos e menos escolarizados.

ANÁLISE DE ASPECTOS GRAMATICAIS E ACÚSTICOS DE CONSTRUÇÕES COM O VERBO *DEIXAR* NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

LUIS FILIPE LIMA E SILVA
SUELI MARIA COELHO (UFMG)

Este trabalho analisa ocorrências do verbo *deixar* num *corpus* de fala espontânea do português brasileiro em duas frentes: uma sintática e outra acústica. Considerando a multifuncionalidade desse verbo, que se mostra produtivo tanto em usos oriundos de construções lexicais (*onde eu deixe minhas coisas?*) quanto gramaticais (*nunca deixa isso bater no chão*) e discursivas (*deixa eu te dizer uma coisa*), este trabalho buscou verificar (i) qual é a distribuição desse verbo na diamesia da fala espontânea, considerando que outros estudos indicaram que há maior produtividade desse item como verbo gramatical utilizando dados majoritariamente de escrita (cf. PINTO, 2008; TRAVAGLIA, 2017); e (ii) se a redução da construção [deixa eu] acontece não apenas do ponto de vista paradigmático (cf. BYBEE et al. 2016), mas também do ponto de vista sintagmático, isto é, em relação às suas palavras contíguas, comparando-a com a forma de terceira pessoa do presente do indicativo, o que permitiria atestar efetivamente o seu grau de redução. A perspectiva de análise se alinha ao arcabouço da Linguística Centrada no Uso e nos pressupostos teóricos da mudança linguística propostos por Traugott e Trousdale (2013), notadamente o de construcionalização. O *corpus* utilizado para coleta dos dados foi o C-ORAL-BRAIL I (RASO; MELLO, 2012). Para atender o primeiro objetivo, foi realizada uma análise manual de todas as ocorrências do verbo *deixar*, classificando-as em relação aos seus usos e sentidos de acordo com a tipologia de construções lexical, gramatical e discursiva. Para o segundo objetivo, foram selecionados aleatoriamente 40 dados (20 de [deixa eu] e 20 da construção [deixa eu]). Além disso, utilizou-se o *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2021) e o script SGdetector (BARBOSA, 2006) para a análise acústica e os dados foram tratados em linguagem Python para a análise estatística. Os resultados indicaram que há mais usos do verbo *deixar* com função discursiva, seguidos da função gramatical e da função lexical. Além disso, percebeu-se que a função gramatical não está enraizada no verbo, mas na construção de que ele participa, o que implica assumir que ele passa por um processo de construcionalização. Adicionalmente, constatou-se que a construção [deixa eu] é mais reduzida também do ponto de vista sintagmático, o que corrobora que ela se encontra num estágio mais avançado de mudança, caracterizado por sua função de marcador discursivo.

REALIZAÇÃO FONOLÓGICA DOS MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO EM CONVERSAS INFORMAIS

THAINÁ GALVÃO DE ALMEIDA (UFC)

Grande parte dos significados construídos nos textos orais estão relacionados a aspectos prosódicos. Assim, a negociação ocorrente nas interações demanda a articulação de aspectos entoacionais que operam na continuidade de uma conversa. Objetiva-se, neste trabalho, descrever as realizações fonológicas de sequências continuativas observadas em conversas privadas familiares de natureza informal. Embasa-se na Linguística Sistemico-Funcional, sobretudo nos trabalhos de Halliday e Matthiessen (2014), Halliday e Greaves (2008), Eggins e Slade (2006), Slade (1996), Eggins (1990) e Halliday (1989). Essa abordagem nos permite mapear e descrever os aspectos contextuais e linguísticos ocorrentes nos textos orais conversacionais, fornecendo critérios lexicogramaticais e fonológicos em coocorrência. Utiliza, como *corpus* de pesquisa, o C-ORAL-Brasil I (RASO; MELLO, 2012), que consiste, dentre outros tipos de textos orais, em conversas orais produzidas em contexto familiar privado. O áudio tem duração de cerca de 7 minutos e sua transcrição total consiste de 1482 palavras. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, apresenta como categoria de análise os recursos do sistema de NEGOCIAÇÃO, especificamente, os movimentos de manutenção por continuação. Essa classe de movimentos, enquanto categoria semântico-discursiva, é realizada por recursos lexicogramaticais e fonológicos, o qual daremos enfoque. Cada movimento é realizado por recursos fonológicos, em especial, por componentes dos sistemas de ENTONAÇÃO e RITMO, dando maior destaque aos sistemas de TOM, em que é selecionado um tom para cada ocorrência. Verifica-se que ocorrências de aspectos fonológicos, como pausas e truncamentos, podem influenciar na identificação dos movimentos, podendo também apresentar modificações em sua estrutura lexicogramatical. Os resultados apontam que as seleções de tom podem indicar: (i) a continuidade de um movimento, ou (ii) sua descontinuidade, por meio de sobreposições de fala, interrupções e truncamentos. No caso da descontinuidade, as sobreposições indicam que a seleção de tom demarca a tentativa de tomar ou manter um turno. As interrupções, fenômeno frequente nos textos informais, interferem na seleção de tom devido à perda de informações, comprometendo também a identificação da proeminência tônica e da estrutura rítmica. Os truncamentos, principalmente em movimentos de prolongamento, propiciam uma mudança nos estratos lexicogramatical e semântico-discursivo, que interfere na continuidade do movimento. Nessas ocorrências, a reformulação foi um fator frequente em retomadas de fala pelo locutor após uma interrupção e em mudanças ou reestruturações do tópico discursivo.

SESSÃO 19

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/hot-rhhv-ari>

FUNCIONALISMO E DIACRONIA NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO: O CASO DE "A PESAR DE"

SANDRA DENISE GASPARINI-BASTOS (UNESP/IBILCE)
BEATRIZ GOAVEIA GARCIA PARRA-ARAUJO

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), consiste em um modelo de análise hierarquicamente organizado em quatro níveis: Nível Interpessoal (lugar das relações pragmáticas), Nível Representacional (lugar das relações semânticas), Nível Morfosintático e Nível Fonológico. Dentro dessa proposta de organização descendente, em que decisões tomadas nos níveis superiores (Interpessoal e Representacional) determinam

e restringem decisões tomadas nos níveis inferiores (Morfossintático e Fonológico), a GDF compreende que, em um processo de gramaticalização, os elementos mais gramaticalizados tendem a ocupar níveis e camadas mais elevados do que os elementos menos gramaticalizados. Assim, um juntor concessivo como "a pesar de", que em estágios iniciais de uso introduz relações concessivas semânticas, que se dão por meio de uma quebra de expectativa entre Conteúdos Proposicionais, camada mais alta do Nível Representacional, passaria a introduzir também relações concessivas que se dão entre unidades do Nível Interpessoal, como Atos Discursivos e Movimentos, marcando uma função retórica, no primeiro caso, ou introduzindo digressões e novos tópicos discursivos, no segundo caso. O presente trabalho tem por objetivo analisar diacronicamente o juntor concessivo "a pesar de" no espanhol peninsular, a fim de apresentar uma trajetória de gramaticalização que demonstre uma maior abstratização dos usos concessivos deste juntor, considerando dois critérios principais: a camada de atuação em que se encontra a relação concessiva estabelecida pelo juntor e a animacidade do indivíduo introduzido por "a pesar de", a partir dos traços [humano] e [animado], conforme definido em Hengeveld e Mackenzie (2008). Os dados foram extraídos do *Corpus diacrónico del español* (CORDE) e compreendem amostras do gênero narrativo e histórico-documental, organizadas de acordo com a periodização proposta por Eberenz (1991), que divide o espanhol em três fases: fase antiga (1200-1450), fase média (1450-1650) e fase moderna (1650 até a atualidade). A análise revela que, ao longo dos séculos, o juntor "a pesar de" de fato passa a marcar usos concessivos cada vez mais abstratos, pertencentes às camadas mais elevadas da GDF, e com escopo cada vez mais amplo no que diz respeito aos traços [humano] e [animado].

MULTIFUNCIONALIDADE DE 'HASTA' NO ESPANHOL PENINSULAR

LUCAS DE CARVALHO GOMES (UFMS/CPTL/GESF)

A presente investigação, inserida no âmbito de um projeto maior, intitulado "Por uma abordagem hierárquica da gramaticalização", apoia-se na intenção de oferecer um tratamento de casos de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BRINTON; TRAUGOTT, 2005) à luz dos postulados teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Nesse sentido, descreve-se a multifuncionalidade de 'hasta' no espanhol peninsular, identificando e delimitando seus diferentes usos e funções. Destarte, três são os objetivos da investigação: (i) identificar as propriedades semânticas e pragmáticas contidas nos usos analisados de 'hasta'; (ii) estabelecer a relação entre essas propriedades e os traços morfossintáticos que se associam à codificação dos usos do item 'hasta'; e (iii) determinar os estatutos categoriais do item. Dentro desse propósito, são selecionadas como material de análise 250 ocorrências de uso de 'hasta', coletadas no banco de dados do *corpus* Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), focalizando materiais de origem das cidades espanholas de Alcalá de Henares, Madrid e Valencia. Com base no modelo da GDF, as ocorrências de 'hasta' são analisadas tendo em vista quatro questões: (i) diversificadas relações de escopo contraídas pelo item, em termos de camadas e níveis da GDF; (ii) os diferentes estatutos de 'hasta' enquanto primitivo da formulação (núcleo, modificador, operador e função); (iii) a camada morfossintática na qual está codificado cada uso de 'hasta'; e (iv) sua ordenação no interior de sua camada morfossintática de codificação. Como resultado, pode-se notar que 'hasta', no espanhol peninsular, é multifuncional ao cumprir três diferentes usos: (i) *hasta* espacial, em que o elemento assinala uma região espacial limite (final e terminal) de desenvolvimento, no espaço, de um Estado-de-Coisas; (ii) *hasta* temporal, em que o elemento sinaliza o momento limite (final e terminal) de desenvolvimento, no tempo, de um Estado-de-Coisas; (iii) *hasta* inclusivo, em que o item assinala a inserção de uma nova informação (mais saliente ou menos esperada) à mensagem construída pelo usuário da língua.

MULTIFUNCIONALIDADE 'MISMO' NO ESPANHOL PENINSULAR

PABLO CANOVAS (UFMS/CPTL/GESF)

O trabalho que aqui se apresenta desenvolve-se junto ao projeto maior "Por uma abordagem hierárquica da gramaticalização" (FONTES, 2020), cujo objetivo central é traçar um diálogo entre os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e os princípios da gramaticalização, em sua abordagem mais clássica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Com base na arquitetura gramatical da GDF, a proposta aqui é traçar uma descrição da multifuncionalidade de 'mismo' no espanhol peninsular. Especificamente, objetiva-se: (i) mapear as propriedades funcionais (semântico-pragmáticas) subjacentes aos diferentes usos de 'mismo', (ii) correlacionar tais propriedades a traços morfossintáticos associados à codificação de cada uso de 'mismo', e (iii) precisar os diferentes estatutos categoriais e/ou léxico-gramaticais de 'mismo', a depender de seu uso. Para tanto, os procedimentos metodológicos adotados envolvem, num primeiro momento, a coleta de 250 ocorrências de uso de 'mismo', retiradas do *corpus* elaborado a partir do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), tendo como foco as entrevistas das cidades espanholas de Alcalá de Henares, Madrid e Valencia. Essas ocorrências, então, são analisadas conforme três parâmetros que, assentados no modelo da GDF, buscam determinar: (i) as relações de escopo que cada uso de 'mismo' pode contrair, em termos de camadas e níveis de organização gramatical; (ii) os estatutos de 'mismo' enquanto primitivo da formulação (núcleo, modificador, operador e função); (iii) a camada morfossintática de codificação de 'mismo'; e, por fim, (iv) sua ordenação. Os resultados levantados por este trabalho revelam que a multifuncionalidade de 'mismo' se caracteriza a partir de cinco usos: (i) pronome anafórico, (ii), pronome dêitico, (iii) operador de identidade anafórica, (iv) operador de identidade dêitica e (v) operador de ênfase discriminatória.

OS JUNTORES CONCESSIVOS NO ESPANHOL E NO PORTUGUÊS: UM ESTUDO CONTRASTIVO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

LETÍCIA DE SOUZA FERNANDES (UNESP/IBILCE)

De uma perspectiva tradicional, as orações concessivas são definidas como aquelas que apresentam uma "contrariedade à expectativa" e opõem-se, de alguma forma, à oração principal. Na língua espanhola, em virtude de sua alta produtividade, *aunque* é o juntor prototípico usado para marcar a relação concessiva (CREVELS, 1998). Dentro da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o juntor espanhol atua em diferentes camadas, conforme demonstrado por Parra (2016). Na língua portuguesa, por outro lado, Garcia (2010) defende que os jutores concessivos tendem a se especializar para atuar em diferentes camadas. O presente estudo se volta à descrição e análise

dos fatores determinantes que demonstram as semelhanças e diferenças de atuação entre as construções concessivas introduzidas por *aunque* no espanhol e pelos jutores *embora*, *apesar de (que)* e *mesmo que/se* no português. O arcabouço teórico deste trabalho é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que prevê quatro níveis de análise hierarquicamente organizados (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico). Na perspectiva discursivo-funcional, a concessão é estabelecida nas camadas mais altas dos níveis Interpessoal e Representacional. Para explicar as diferenças e semelhanças de atuação dos jutores concessivos entre as duas línguas, consideramos, como fatores determinantes, a camada de atuação introduzida pelo jutor concessivo, a factualidade, o modo verbal e a posição da oração concessiva com relação à principal. Analisam-se dados sincrônicos de língua falada, extraídos do PRESEEA (<https://preseea.linguas.net/>) e do Iboruna (<https://alip.ibilce.unesp.br/>), e dados sincrônicos de língua escrita, extraídos dos editoriais jornalísticos El País (<https://elpais.com/>) e Folha de S. Paulo (<https://www.folha.uol.com.br/>). Os resultados preliminares parecem confirmar que não há, no português, um jutor concessivo que apresente a produtividade e a versatilidade de *aunque*. O jutor espanhol pode assumir valores mais distintos e atuar em contextos mais variados quando comparado aos jutores concessivos do português.

SESSÃO 20

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <http://meet.google.com/eiw-utaj-qng>

AS MICROCONSTRUÇÕES *TER EM MÃOS*, *TER EM MENTE (QUE)*, *TER EM VISTA (QUE)* EM REDE

CAMILLA CANELLA MORAES LUZORIO (UFRJ)

DEISE CRISTINA DE MORAES PINTO (UFRJ)

Entendemos a língua como uma rede de construções organizada em relações hierárquicas e de herança. Cada construção é um pareamento de forma e significado, que pode ser identificada desde os níveis morfossintáticos até o nível macro textual. Essas construções são organizadas dentro da gramática em padrões cognitivos motivados por contextos pragmáticos, discursivos e semânticos de interação. A gramática se realiza no uso, em diferentes modalidades de linguagem que se entrecruzam nos diversos suportes disponíveis, para garantir a comunicabilidade entre os falantes. Assim, inovações e reorganizações de forma e significado fazem com que as construções gramaticais estejam em constante mudança linguística. Contribui para a mudança linguística o entendimento de que *frames* emolduram a comunicação, determinando a organização de novos sentidos que a linguagem adquire, através da mesclagem conceptual de domínios semânticos. Seguindo essa abordagem teórica, nos filiamos à Gramática de Construções e à Linguística Cognitiva, com autores como Goldberg (2006), Bybee (2010), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Traugott e Trousdale (2013), Rios de Oliveira (2017), Rosário e Lopes (2019), Fillmore (1982), Fauconnier (1997), Ferrari, Guedes e Avelar (2019), dentre outros. Neste trabalho, propomos descrever qualitativamente a construção *#partiu*, correlacionando algumas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular sobre o ensino de Língua Portuguesa, com os princípios teóricos das perspectivas construcional e cognitiva. Buscamos apresentar proposições que contribuam para a renovação da análise linguística no âmbito do ensino, tanto no que diz respeito à aproximação de diferentes modalidades de linguagem no estudo da língua, quanto ao lugar e função do sujeito nas construções verbais. Ao pressupormos que linguagens multimodais dos contextos virtuais de interação influenciam na maneira como os falantes têm organizado a gramática, analisaremos a construção *#partiu* em um *corpus* não sistematizado. Coletamos as ocorrências nas redes sociais: *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* e no site de pesquisa *Google*. Em uma análise de perspectiva sincrônica, verificamos os usos dessa construção nos gêneros *post* e/ou comentários, meme, cartazes e estampas de camisetas. A aproximação entre modalidades diversas de linguagem, formando novas construções gramaticais, atesta a imanência de princípios cognitivos que emolduram a comunicação, pois na construção *#partiu* a função *#*, de identificar e agrupar conteúdos, é recrutada como domínio conceptual para o qual migra o potencial de ação do sujeito expresso pelo verbo. A alta produtividade desta construção atesta a eficiência da aproximação dos diferentes domínios e renova a caracterização e funcionamento das construções verbais no ensino.

FICAR DE BOA: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

JAKELINE SIMÕES GOMES (UFRN)

O presente trabalho, em andamento, tem como objeto de estudo um padrão construcional predicativo que instancia usos como *ficar de boa*, *ficar de cara*, geralmente composto por um verbo e um elemento predicativo. Esse padrão tem sido utilizado frequentemente, no português, em contextos de uso diversos, como em: "*Ficou top demais meu macarrão, socorro*"; "*Diazinho bom pra ficar de love*". O objetivo central da pesquisa consiste em analisar esse padrão em dados de uso do português contemporâneo, a fim de analisar suas características sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas. Nesse sentido, esta pesquisa situa-se teoricamente nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso formulados por Bybee (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), e da Gramática de Construções empreendida por Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2021). Os procedimentos metodológicos, centram-se numa pesquisa de natureza básica, orientada numa abordagem quali-quantitativa que congrega o método misto (LACERDA, 2016). Os dados empíricos advêm do *Corpus* do Português (CDP), tendo como fonte de dados a subparte do *Web/Dialetos*. A análise preliminar desta pesquisa demonstrou diante de um quantitativo de amostras, que estamos diante de um uso aparentemente produtivo, em que o verbo *ficar* pode ser alinhado a elementos de natureza diversa, com significados distintos.

TRAÇOS DE AGENTIVIDADE EM CONSTRUÇÕES RELACIONAIS DE FINGIMENTO

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES PINTO (UFMS/CPTL)

A proposta deste trabalho é discutir os traços de agentividade em construções relacionais de fingimento [Suj+V_{REL}(+uma)+Predt] ↔ [estado fingido] (RODRIGUES-PINTO, 2021). Assume-se o quadro teórico-metodológico dos Modelos Baseados no Uso (KEMMER; BARLOW, 2000) em interface com a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) associada às contribuições de Bybee (2010), no campo da cognição e uso, e da abordagem construcional proposta

por Traugott e Trousdale (2013, 2016). Objetiva-se, de modo geral, analisar construções cujo *slot* verbal seja preenchido pelos predicados *pagar* e *dar*, como em *Ele deu uma de bonzão; Ele pagou uma de muleque; Ela quer dar de bonita; Ela ia pagar de professora; entre outras*, verificando os traços de agentividade presentes na construção nos termos de Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Halliday (1966, 1967), Gruber (1976), Jackendoff (1972) e Caçado (2018). Acredita-se que tais construções integrem a rede das construções de processo relacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), contudo, em posição mais marginal e, portanto, distante do protótipo, pois compartilham a natureza atributiva da construção e se difere por apresentar o papel semântico de agente. Para o levantamento de dados, recorre-se à amostra de ocorrências disponíveis no Corpus do Português (DAVES & FERREIRA, 2006) com dados sincrônicos dos séculos XX e XXI.

A REDE DE CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS: UMA ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE COM BASE NA PERSPECTIVA SOCIOCONSTRUCIONISTA

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA (UNESP/IBILCE)

O objetivo deste trabalho é analisar o grau de produtividade do esquema parentético epistêmico [(É)/(EU) PRED (EU)] e de seus subesquemas [(é)PRED_{adjetival}], [(é)PRED_{nominal}] e [(eu)PRED_{verbal}(eu)], a partir de suas aloconstruções. Com base em Goldberg (1995), Cappelle (2006), Perek (2015) e Machado e Wiedemer (2018; 2019), entende-se que, ao assumir a alternância em termos de aloconstruções, integra-se ao paradigma da abordagem construcional, a concepção de que, quando duas ou mais formas de uma mesma construção se alteram, embora ainda semelhantes, podem desencadear algumas alterações semânticas e/ou pragmáticas. Nota-se que essa perspectiva, caracterizada como socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2018; 2019), possibilita uma descrição mais detalhada das redes e dos processos de gradiência entre as sincronias. Assim, para analisar a nível de esquema e subesquemas diferentes aloconstruções, adotaram-se os seguintes critérios: i. posição das construções no enunciado, ii. presença ou ausência de cópula, para as construções de base adjetival, iii. posição do sujeito de primeira pessoa, entre as construções de base verbal e iv. escopo semântico dessas construções dentro do enunciado em que ocorrem. Para a investigação, optou-se pela modalidade cartas, organizando-se um conjunto de amostras de cartas oficiais, cartas da administração pública, cartas de leitores e redatores, cartas particulares e cartas pessoais. Compostas por um pouco mais de trezentas mil palavras, essas amostras distribuem-se nas sincronias dos séculos XVIII, XIX e XX, com uma média de 105 mil palavras cada. Como amostra de escrita do século XXI, utilizaram-se cartas ao leitor de quatro revistas on-line: Veja, Superinteressante, Galileu e Subjetiva, e cartas do leitor disponíveis na Folha.com e, para a modalidade falada do século da sincronia atual, foi utilizado o Banco de Dados do Iboruna (GONÇALVES, 2007). Dentre os resultados, ao analisar o esquema geral, contactou-se, por meio da posição dessas construções dentro do enunciado, alterações de escopo semântico, devido a possibilidades de uso distintas dentro de um mesmo nível da rede. Em relação aos demais critérios, observou-se a variação da posição do sujeito *-eu* nas construções de base verbal e a presença ou ausência de cópula também geram aloconstruções, indicando altos níveis de produtividade.

SESSÃO 21

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <http://meet.google.com/zsw-toci-grv>

ORDEM INDEXICAL E SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO NA TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA

THAIS LARA COSTA MANHÃES (UFES)

Constituída atualmente por três diferentes fases, a abordagem variacionista opera com conceitos ligeira ou notadamente diferentes, a depender da fase que se toma como referência. Nessa empreitada, o campo entra em diálogo não apenas com outras abordagens linguísticas, mas com os estudos linguístico-antropológicos, acionando, especialmente para o estudo do significado social da variação, a proposta de *ordem indexical* de Silverstein (2003), ou campo/sistema indexical, em referência a uma constelação de significados possíveis que são ideologicamente correlacionados (ECKERT, 2008), mas que só ganham especificidade no uso situado. Este trabalho, frente a essas questões e centrado fundamentalmente numa certa literatura de terceira onda (a saber: ECKERT, 2000; 2005; 2008; COUPLAND, 2001; 2007; BRAGANÇA, 2017; MENDES, 2017; SOUZA; LOPES, 2020; LANGA-LACERDA; GÓRSKI, a sair, dentre outros), objetiva refletir sobre as implicações do conceito de *ordem indexical* para os estudos de terceira onda variacionista. Metodologicamente, esta investigação é qualitativa, de cunho interpretativista, gerando dados por meio de pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam para a necessidade de se ressignificar, por conta da relevância do conceito em tela, uma série de concepções estruturantes da abordagem variacionista, no âmbito dos estudos de terceira onda, sobretudo a de língua e a de variação estilística, pelo seguinte motivo: a *variação estilística*, ao se constituir como ordem (campo) indexical, remete a uma concepção de língua que tem em si, incorporada e de modo fundante, aspectos ideológicos, num processo que correlaciona forma e significado social invariavelmente e cuja mediação ocorre a partir da interpretação (avaliação) que fazem os indivíduos da vida social. A língua, portanto, sendo tomada como uma prática social, participa da construção da ideologia, ao mesmo tempo em que por ela é fundada. A consequência de se operar com essa concepção é a de que a língua, além de ser vista como uma estrutura que tem regularidades, precisa também ser, paradoxalmente, vista como uma estrutura movente, evêntica, de modo que os *significados sociais* de fenômenos linguísticos passam a ser considerados uma conquista de cada prática de uso da linguagem.

DA GRAMATICALIDADE À CONSTRUCIONALIDADE

IVO DA COSTA DO ROSÁRIO (UFF/CNPq/Faperj)

MONCLAR GUIMARÃES LOPES (UFF)

No Brasil, ao longo dos últimos anos, a Gramática de Construções vem exercendo forte impacto sobre os trabalhos funcionalistas de vertente norte-americana. Essa aproximação de postulados funcionalistas e construcionistas tem caracterizado o que chamamos atualmente Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Um dos modelos teóricos mais fortemente consolidados nesse campo de investigação é o da *construcionalização*

(cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), compreendido como a formação de um novo pareamento de forma e de significado. Esse conceito aplica-se fundamentalmente ao campo dos estudos diacrônicos, visto que se debruça sobre a mudança linguística das construções em caráter histórico. Recentemente Autor (2019; no prelo) vem desenvolvendo uma proposta teórica que procura atender à análise do estado sincrônico das construções gramaticais a partir de sua origem, trajetória histórica e níveis de gradiência. Parte-se da hipótese de que é possível recuperar pontos fundamentais da história de uma determinada construção a partir do seu estado atual na língua em uso. Esse estudo tem sido denominado *construcionalidade*, que é um termo cunhado em analogia com o conceito de gramaticalidade. Como ilustração desse fenômeno, apresentamos a análise de duas construções distintas no português, sendo ambas formadas pela mesma sequência de elementos (cf. DIESSEL, 2019): [[fora][que]] e [fora que]. Na primeira, temos uma construção menos integrada e mais composicional, na medida em que *fora* cumpre seu papel prototípico de advérbio de lugar e *que* de pronome relativo, como podemos observar na ocorrência: *eu acho que isso é consistente com a preocupação de criar quartos com preço acessível para estudantes de **fora que** vêm para Lisboa*. Na última, temos uma construção conectora de sentido aditivo, de natureza mais integrada – um *chunk* (cf. BYBEE, 2016) – e menos composicional, pois seus elementos formam um amálgama cujo significado geral não é uma derivação do significado de suas partes, conforme podemos inferir nesta ocorrência: *Algumas cenas são tão boas que nos faz jogar o jogo novamente só para ter esse prazer. **Fora que** o conceito do jogo é maravilhoso*. Os parâmetros de gramaticalização de Lehmann (1985), adaptados à abordagem construcional da gramática, permitem a conclusão de que a última construção é resultado da primeira, ainda que a análise seja realizada de um ponto de vista estritamente sincrônico. Com isso, ilustra-se o paradigma da construcionalidade.

A RELEVÂNCIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO PARA O EXAME DA RELAÇÃO FORMA/FUNÇÃO NO USO EFETIVO DA LÍNGUA

MARCELA LANGA LACERDA (UFES)

Este trabalho objetiva argumentar que o agenciamento de uma forma/função no uso efetivo da língua ocorre no âmbito dos gêneros do discurso, devendo, portanto, esses serem o ponto de partida e o ponto de chegada do estudo da língua em uso. De cunho interpretativista, esta pesquisa é bibliográfica, e recupera de Bragança (2017) um diálogo entre os campos funcionalista, considerando a vertente da Costa Oeste (GIVÓN, 2001; TRAUGOTT, 2001; HOPPER; TRAUGOTT; 2003, dentre outros) e dialógico (BAKHTIN, 2014 [1924]; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929]; MEDVIÉDV, 2012 [1928], dentre outros), para tratamento de fenômenos em variação/mudança, tomando o caso da expressão do futuro do presente no português do Brasil como exemplar. Os resultados da investigação apontam para a relevância de se considerar: (i) que a expressão do futuro do presente é uma representação construída no/pelo discurso; (ii) que relações cronotópicas e avaliativas são constitutivas de todos os usos linguísticos; (iii) que recursos linguísticos tais como os variáveis, por um lado, e os multifuncionais, por outro lado, sendo agenciados para cumprir uma função teleológica, não são sempre os mesmos, sendo, por isso, relevantes para o estudo da variação estilística; (iv) que o estilo é, na verdade, dos gêneros do discurso. Daí a argumentação de que é no âmbito dos gêneros que a explicação da relação forma/função deve ser buscada. Esta investigação ainda lança luz sobre um dos desafios dos estudos funcionalistas, que é lidar com a questão do texto e do contexto (OLIVEIRA, 2015; SOUSA, 2015), considerando que nos gêneros do discurso estão indicados todos os elementos do contexto de produção e recepção de textos.

EMERGÊNCIA E RECONHECIMENTO DAS LÍNGUAS DE SINAIS INDÍGENAS: CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS BRASILEIRAS

ANA CAROLINA MACHADO FERRARI (UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia)
PATRÍCIA GOULART TONDINELI

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a emergência das línguas de sinais indígenas e a contribuição das pesquisas nacionais para o reconhecimento dessas línguas e, conseqüentemente, à revitalização linguística dos povos indígenas brasileiros. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando os seguintes descritores: “Língua de sinais indígenas”; “Língua de sinais emergentes”; e “Indígenas surdos”. Foram localizadas dezesseis pesquisas realizadas entre os anos de 2008 e 2020 que abordaram a temática “índigena surdo” e destas, onze investigaram especificamente as línguas de sinais indígenas dos seguintes povos: Kaingang, Terena, Sateré-Mawé, Paiteer Suruí, Guarani Kaiowá, Pataxó, Akwê Xerente e Kaapor. Embora a Libras seja reconhecida enquanto língua de sinais dos surdos brasileiros, as pesquisas existentes alicerçaram discussões sobre a existência de línguas de sinais específicas em diversos Territórios Indígenas, bem como sua inter-relação com a cosmologia de cada povo e a sua importância nas práticas comunicativas dentro do território, trazendo contribuições significativas acerca das realidades linguísticas dos surdos nos territórios e levando-nos a refletir sobre a urgência do mapeamento dessas línguas para a garantia dos direitos linguísticos dos indígenas surdos.

SESSÃO 22

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/oyd-hvow-rwd>

A ORDENAÇÃO DO OBJETO LEXICAL NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO: UM ESTUDO DISCURSIVO-FUNCIONAL

LAURA VIANA DOS SANTOS (UNESP/IBILCE)

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior cujo objetivo é investigar, sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a ordenação de constituintes no espanhol peninsular falado. Neste estudo, voltamo-nos especificamente aos Objetos lexicais, a fim de investigar quais posições os diferentes tipos de Objetos (direto, indireto, de coisa ou de pessoa) podem ocupar. Na perspectiva Discursivo-Funcional a ordenação de constituintes é funcionalmente motivada, ou seja, é resultado do processo de formulação, no Nível Morfosintático, das informações advindas dos níveis mais altos, o Interpessoal e o Representacional. Sendo assim, a hipótese desta investigação é a de que quando o Objeto ocorre em posições não canônicas, engendra algum tipo de função pragmática, o que nos permite

afirmar que a colocação dos constituintes na oração não é aleatória, mas reflexo da intenção comunicativa do falante na interação. Buscamos, então, postular qual a sua posição preferida e quais são suas outras possíveis posições na Oração, analisando as respectivas motivações e suas condições de existência. Para isso, levamos em consideração quatro posições da camada da Oração propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008): P^I (posição inicial), P² (que segue a inicial), P^M (posição medial), e P^F (posição final) e as duas da camada da Expressão Linguística (P^{PRE} e P^{POS}). Os dados mostram que o molde de conteúdo e o tipo de ilocução influenciam muito na ordenação de constituintes. Nas construções categoriais, a função pragmática exercida pelo constituinte em questão é a de Tópico ou Foco quando ele ocupa a posição medial (P^M e relativas) ou final (P^F e relativas), respectivamente. Essa é a configuração do Objeto em ilocuições declarativas e imperativas, no entanto, nas ilocuições interrogativas onde a função engendradora também é Foco, a presença de pronomes interrogativos também influencia na posição do Objeto, levando-o para a P^I. Como universo de pesquisa utilizamos o PRESEEA - Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (<http://preseea.linguas.net>). Utilizamos, especificamente, para o presente estudo, os inquiridos do corpus correspondentes à cidade de Alcalá de Henares, Espanha.

USO VARIÁVEL DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS NAS LÍNGUAS ESCRITA E FALADA PAULISTA DO SÉCULO XX E XXI

ISABELA BAIOCATO (UNESP/IBILCE)

Esta pesquisa tem como propósito fundamental verificar a ocorrência da variação entre os modos Subjuntivo e Indicativo no Português Brasileiro, mais especificamente o português falado e escrito no estado de São Paulo entre os séculos XX e XXI. A nossa busca por essa variação linguística se dará em orações completivas (ou subordinadas) que serão retiradas de diferentes gêneros textuais. Como exemplo para nosso estudo da língua falada, temos as entrevistas do projeto NURC/SP e do Iboruna; e, como exemplo da língua escrita, temos como *corpus* redações de vestibular, textos de jornais e cartas pessoais. A teoria que fundamenta este projeto é a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 2008 [1972], 1994, 2001). Sob a perspectiva dessa teoria, considera-se a língua como uma realidade heterogênea, composta de diferentes variedades que refletem os aspectos multiformes presentes na comunidade de fala. O primeiro dos nossos objetivos específicos é (i) demonstrar que, em contextos específicos de intercambialidade do Indicativo e do Subjuntivo, o emprego dessas formas em orações subordinadas se neutraliza, principalmente, pela carga semântica do verbo da oração principal, sendo apenas variantes morfológicas condicionadas pelo verbo da oração matriz. Além disso, buscamos (ii) investigar se o fenômeno em estudo reflete um estado de variação estável ou mudança em progresso, como também queremos (iii) verificar em que medida os usos observados nos diversos gêneros textuais seguem ou se opõem ao que vem determinado na tradição gramatical sobre esse fenômeno. Por fim, pretendemos (iv) contribuir para a descrição da variável em questão no português do Brasil, especificamente, nas línguas escrita e falada paulista dos séculos XX e XXI. A metodologia a ser empregada segue o objetivo de identificar a “trajetória da variação subjuntivo/indicativo ao longo da tradição gramatical portuguesa”. O estudo inclui duas etapas: (i) o levantamento prévio de informações em gramáticas, manuais e outros materiais de cunho normativo similares, representativos do período de tempo compreendido pela análise, e o levantamento de resultados obtidos em estudos variacionistas sobre o fenômeno; (ii) a análise empírica do fenômeno a partir dados oriundos dos diferentes tipos de gêneros textuais datados dos séculos XX e XXI. Com relação aos resultados, já observamos que, na língua falada do início do século XXI, os falantes pouco têm usado o modo Subjuntivo em contextos que a gramática prevê seu uso, dando lugar à variante inovadora, o modo Indicativo.

A VARIAÇÃO EM CONSTRUÇÕES PREDICATIVAS DE MUDANÇA (DE ESTADO E DE PROPRIEDADE) COM OS VERBOS FICAR, TORNAR-SE E VIRAR

BRUNA GOIS PAVÃO FERREIRA (SEEDUC-RJ)

Esta comunicação tem por objetivo expor alguns aspectos da pesquisa empreendida sobre as construções predicativas de mudança (de estado ou de propriedade) e sobre a variação/alternância (HILPERT, 2014; MACHADO VIEIRA, 2016, 2017) entre os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* nesse tipo de construção em textos do Português Brasileiro, com base nos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010, 2013; GOLDBERG, 1995, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; dentre outros), a fim de descrever diferenças e similaridades existentes, a depender do verbo selecionado para preencher o *slot* destinado a verbo relacional na construção. As questões levantadas nesta pesquisa são: (i) tendo em vista que a gramática do Português Brasileiro é uma rede construcional, como são configuradas, construcionalmente, predicções de mudança de estado e de propriedade?; (ii) que implicações (morfo-sintáticas, semânticas, discursivas e pragmáticas) acarretam os usos verbais que se podem compatibilizar no *slot* verbal das construções de estado e/ou as microconstruções por eles constituídas?; (iii) em que medida tal *slot* promove variação verbal e com que consequência(s) em termos do conjunto de microconstruções/micropareamentos forma-função para a expressão de mudança de estado na gramática construcional do Português Brasileiro? Para tanto, conta-se com um acervo de ocorrências de tais verbos em construções predicativas coletadas em jornais, revistas acadêmicas e sites de avaliação de viagens, que foram analisadas de acordo com alguns parâmetros, como o tipo de sintagma predicativo (nome ou adjetivo), o grau de animacidade do sujeito, o valor semântico-aspectual da construção, o tipo de mudança (estado ou propriedade) e o grau de formalidade, a fim de discutir a variação/alternância desses verbos nesse tipo de construção, uma vez que a escolha de uma ou de outra forma pode acarretar diferentes efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos. De acordo com os resultados obtidos, as construções com *ficar* costumam se ligar a predicativos sob a forma de sintagmas adjetivais, indicando alguma mudança temporária ou abrupta de estado, enquanto as construções com *tornar-se* e *virar* se ligam, na maioria das vezes, a sintagmas nominais, indicando alguma mudança mais permanente de condição/situação (mudança de propriedade).

ORAÇÕES RELATIVAS LIVRES INESPECÍFICAS SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

CAMILA RODRIGUES DE AMORIM (UNESP/IBILCE)

Este trabalho investiga as orações encabeçadas pelos relativos indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* e *dondequiera* do espanhol sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Segundo Brucart (1999), esses relativos, com exceção de *cualquiera*, que é a entidade que apresenta maior

independência sintática, requerem uma oração subordinada encabeçada pelo nexos *que*, como em *Quienquiera que lo lea lo hallará desproporcionado* (BRUCART, 1999, p. 516). Para o linguista, *quienquiera* não configura o antecedente da oração *que lo lea*, pois, ao contrário de uma subordinada restritiva com antecedente exposto, a subordinada que segue o relativo indefinido não pode ser precedida de preposição, conforme se vê em *quienquiera *con que vayas*. Observando isso, Brucart (1999) explica que a estrutura dessas orações está mais próxima a de uma *relativa livre*, ou seja, uma *relativa sem antecedente*, com a particularidade de ser encabeçada por uma unidade complexa, formada pelo relativo indefinido e o nexos *que*. No entanto, para a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, que sustenta nossa pesquisa, o fato de essas estruturas não possuírem um núcleo lexical exposto morfossintaticamente não significa que elas não tenham um núcleo, afinal, uma série de núcleos não lexicais podem ser identificados tanto no Nível Interpessoal quanto no Nível Representacional. Desse modo, entendemos que o modelo da GDF, com suas características distintas, a saber, sua organização *top-down*, sua abordagem função-forma e seus quatro níveis independentes de análise, é mais adequado para refletir as características pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessas orações. Para a seleção e análise dos dados, foi escolhido o corpus CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*). Em geral, os resultados mostram que, na ausência de um núcleo nominal explícito, o termo referencial da predicação encaixada não é preenchido com material lexical e uma entidade concreta e referencial é caracterizada como um estado de coisas.

SESSÃO 23

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/iza-jbbs-piw>

A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS EM "CANTOS DOS MALDITOS": UM ESTUDO SEMIOLINGÜÍSTICO

FRANCISCO HERBERT DA SILVA (UFPI)

Esta pesquisa tem como tema o *ethos* e o imaginário sociodiscursivo na construção do discurso na autobiografia "Cantos dos Malditos". O objetivo geral é investigar a construção dos sujeitos presentes na autobiografia de Austregélio Carrano Bueno a partir da concepção de *ethos* e de imaginário sociodiscursivo. Como objetivos específicos são importantes destacar: compreender a construção dos sujeitos em situação de vulnerabilidades na autobiografia "Cantos dos Malditos"; descrever como o *ethos* se configura no processo discursivo de sujeitos em situação de sofrimento internados em manicômios de Curitiba e do Rio de Janeiro nos anos de 1970; analisar os imaginários sociodiscursivos na narrativa de Austregélio Carrano Bueno em "Cantos dos Malditos" com ênfase em sujeitos em situação de sofrimentos internados em hospitais de Curitiba e do Rio de Janeiro em meados anos 70. Para isto, faz-se necessário recorrer aos estudos de Charaudeau (2017) por abordar sobre imaginário sociodiscursivo, bem como Amossy (2017; 2019) e Charaudeau (2015) por discutirem sobre a perspectiva de *ethos*. Para a realização da pesquisa, a metodologia foi constituída de uma análise descritiva, interpretativa de sequências discursivas extraídas da obra "Cantos dos Malditos", um livro autobiográfico que relata o período em que Austregélio Carrano Bueno esteve internado em manicômios. Ademais, para realização desta pesquisa apoiamos-nos nas seguintes categorias discursivas, a saber: *ethos* e imaginário sociodiscursivo. Quanto aos resultados destacamos a configuração identitária dos sujeitos, pois na época eram rejeitados pela sociedade pessoas que fumavam maconha, mães solteiras, homossexuais que também eram internados juntos com pacientes crônicos sendo levados ingerir medicamentos, bem como a tratamento desumano, por exemplo, tratamento à base de choque. Assim, com análise da obra foi possível compreender as representações sociais dos sujeitos internados nos hospitais, se configurando, dessa forma, observar os aspectos identitários que estão relacionados aos imaginários sociodiscursivos circulares em determinados grupos sociais. Em relação ao *ethos*, foi possível identificar na narrativa representações imagéticas que nos direcionam para os seguintes *ethé*: pessoas consideradas como de má índole pela sociedade, pessoas vistas como viciadas e, conseqüente, rejeitadas, adolescentes rebeldes, por exemplo. No que tange à situação dos manicômios destacamos as precariedades dos ambientes, tratamentos desumanos, muitos dos pacientes serviam de cobaias para fins lucrativos, situações de preconceitos, bem como problemas de avaliação pelos profissionais de saúde.

ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS E DISCURSIVOS EM SERMÕES ORAIS DE PASTORES EVANGÉLICOS DE ALAGOAS

MAX SILVA DA ROCHA

JOÃO BENVINDO DE MOURA (UFPI)

Este trabalho objetiva realizar uma análise retórica em atos de linguagem pertencentes ao discurso religioso proferido por oradores protestantes de Alagoas. Esses oradores, desdobrados em sujeitos comunicante e enunciador, agem discursivamente sobre o auditório, constituído pelos sujeitos interpretante e destinatário do discurso retórico. Por isso, além da retórica, também mobilizamos o instrumental teórico-metodológico da semiolinguística charaudiana, uma vez que essa teoria dialoga amistosamente com a retórica e mostra de que maneira se estabelece o ato de linguagem e o contrato de comunicação que permeiam os mais diversos discursos. Assim sendo, a partir de uma investigação qualitativa, numa perspectiva descritiva e interpretativa, procedemos a uma análise argumentativa dos referidos atos linguageiros. Tomamos como base teórica alguns autores, a exemplo de Aristóteles (2011), Amossy (2020), Cícero (2019), Charaudeau (2019), Fiorin (2017), Meyer (2007), Maingueneau (2008), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Quintiliano (2015), Reboul (2004), entre outros. Como resultados, verificamos que o discurso religioso proferido por oradores protestantes de Alagoas apresenta dispositivos argumentativos, a exemplo da tríade *ethos*, *logos* e *pathos*, a fim de convencer e persuadir o auditório destinatário. Além disso, existem outras estratégias discursivas (legitimidade, credibilidade etc.) que, conjuntamente, atuam com o agir retórico dos referidos oradores. Por meio do discurso religioso, as visadas argumentativas mostram a importância da retórica como arte de persuadir pelo discurso.

REALIZAÇÕES LEXICOGRAMÁTICAS DE MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO EM CONVERSAS INFORMAIS

IASMIN MARTINS ANDRADE (UFC)

Em conversas informais, os interactantes negociam significados por meio de reações, contrapontos, desenvolvimento de tópicos, exemplificações, dentre várias outras opções. Na Linguística Sistemico-Funcional, pode-se conceber essas ações ao longo da conversa como movimentos, que permitem, aos interactantes de uma conversa, abrir ou continuar

tópicos que farão a interação se desenvolver e prosseguir. Nos movimentos que estabelecem continuidade, são frequentemente vistos recursos lexicogramaticais, que estabelecem conexão entre os tópicos de fala e fazem com que uma conversa não perca sua coesão. Portanto, este trabalho objetiva descrever e analisar, adotando a teoria Sistêmico-Funcional, sobretudo os conceitos referentes à metafunção interpessoal e o sistema de MODO (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), as realizações lexicogramaticais não marcadas e marcadas de movimentos continuativos utilizados em uma conversa informal produzida em contexto familiar privado. Configura uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva e utiliza, como *corpus*, o C-ORAL-Brasil I (RASO; MELLO, 2012). Para sistematização dos dados, utiliza, como instrumento de pesquisa, o *UAM Corpus Tools*. Estabelece, como categorias de análise, o sistema de MODO, a partir de seus componentes, sendo eles: Sujeito, Finito, Predicador, Complemento, Adjunto, Partículas Modais, Sequenciadores, Continuativos, Expletivos e Vocativos. No corpus analisado, foram encontrados 203 movimentos de continuação por desenvolvimento, que representam 99% da quantidade de movimentos de continuação. As realizações não marcadas desses movimentos ocorrem, principalmente, por elipse, ou seja, quando componentes das orações anteriores são retomados. Essas retomadas podem ocorrer por conta das interrupções ou por processamento do próprio falante. Já as realizações marcadas ocorrem, em geral, através de orações seguidas, do mesmo falante, que possuem estrutura lexicogramatical completa.

O POSICIONAMENTO AVALIATIVO DO FALANTE NAS CONSTRUÇÕES COM O DIMINUTIVO

DEBORAH RHEESA SANTOS (UFJF)

Este trabalho tem como objetivo fundamental investigar a realização da avaliação nos padrões microconstrucionais representados por $\{[X^{N/ADJ/ADV}]$ -inho/a}, tal como *pretinho*, *bonitinho*, *conjuntinho* etc.. A pesquisa está em conformidade com a abordagem construcional da mudança nos termos de Traugott e Trousdale (2013), uma vez que assume a relevância de descrever direcionalmente os pareamentos forma-função (GOLDBERG, 2016) que caracterizam o objeto analisado. O trabalho assume que a língua está em constante transformação, dado que o falante busca ser cada vez mais expressivo. Traugott (2010) e Traugott e Dasher (2005) denominam de ancoragem intersubjetiva a codificação linguística da preocupação do locutor com o self de seu interlocutor. Isto posto, os dados analisados apontam que a instanciamento e a convencionalização das construções com o sufixo -inho/a envolveriam um processo crescente de intersubjetivização, uma vez que a incorporação do posicionamento avaliativo do locutor ocorreria em direção cada vez mais direcionados para o interlocutor. Nesse sentido, o surgimento de novas construções se estabeleceriam mediante um continuum crescente de (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010). A hipótese inicial é de que as construções com o sufixo -inho desempenham a função de posicionar o falante de forma avaliativa na interação comunicativa. Para o cumprimento do objetivo proposto, partimos de uma metodologia pautada no método misto nos termos de Cunha Lacerda (2016), a qual se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências dos padrões construcionais analisados em *corpora* escritos, representados por blogs, revistas informais e revistas formais. Nesse sentido, os *corpora* analisados totalizam 2.700.000 palavras. Vale ainda ressaltar que os dados foram extraídos por meio da ferramenta *Antconc*, com base nos pressupostos metodológicos da Linguística de *Corpus* (LAVIOSA, 2002; BERBER SARDINHA, 2004; OLOHAN, 2004). Com o andamento da pesquisa, os dados analisados sinalizam que, de fato, pode ser atestado empiricamente que os padrões microconstrucionais com o sufixo -inho podem desempenhar a função avaliativa, em variados contextos. Além disso, a análise sinaliza a existência de um subesquema avaliativo da rede construcional que seria representada pelo esquema mais geral $\{[X^{N/ADJ/ADV}]$ -inho/a}, o qual seria altamente produtivo na língua e sancionaria, ao longo do tempo, de maneira direcional, diferentes construções no nível microconstrucional.

SESSÃO 24

25/06/2022 – 8h30 às 10h00

Link de acesso: <https://meet.google.com/mwx-ijtqs-zwx>

MUDANÇA NA REDE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DOS PRONOMES "A GENTE" E "VOCÊ"

MARCELO HENRIQUE VIEIRA DE FARIA (UNESP/IBILCE)

Neste trabalho, analisamos a indeterminação do sujeito no português brasileiro (PB), objetivando descrever duas estratégias de indeterminação não canônicas instanciadas pela referência genérica, não dêitica, das construções pronominais [*a gente*] e [*VOCÊ*]. Buscamos reunir evidências empíricas para a hipótese de que a referenciação genérica no uso dessas construções pronominais é resultante de processos de *mudança construcional pós-construcionalização*, dadas suas trajetórias na história do português, diferentemente de outras construções pronominais que também operam a mesma estratégia, mas que sempre se mantiveram estáveis no sistema pronominal. [*A gente*], por ser originalmente expressão nominal referencial genérica não-dêitica, no tempo, passa a expressão pronominal genérica, servindo de estratégia de indeterminação do sujeito, e, só mais tardiamente, é usada como expressão pronominal dêitica de referência à primeira pessoa do plural. [*VOCÊ*], sendo em sua origem forma de tratamento dêitica de referência específica, no tempo, amplia seu caráter dêitico, passando a ser usada como expressão pronominal de referência à segunda pessoa do singular, e, só mais tardiamente, é usada como proforma para indeterminação do sujeito. Adotamos como referencial teórico os *Modelos Baseados no Uso* (BARLOW; KEMMER, 2000) e a abordagem construcional de mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A metodologia da pesquisa contempla duas etapas: (i) investigar os contextos de mudança por que essas construções passaram, recorrendo a trajetórias de mudanças já amplamente documentadas por trabalhos diacrônicos (LOPES, 2003; RUMEU, 2008), e interpretá-las na abordagem construcional da mudança, e (ii) com base em amostras do PB falado no interior paulista (GONÇALVES, 2007), fazer um levantamento quantitativo dessas construções a fim de analisar qualitativamente o grau de sedimentação de cada uma delas à luz de parâmetros de forma e de função/significado. Consideradas as trajetórias diferentes de mudança das construções pronominais [*a gente*] e [*VOCÊ*], a hipótese confirmada é de que esta é mais produtiva do que aquela, o que se confirma pelos resultados discutidos neste trabalho. [*VOCÊ*] apresenta maior frequência de ocorrência e de tipo em todos os contextos analisados, apresentando maior número de colocados em seu esquema.

ENTRE O NOSSO E O DA GENTE: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL DO PRONOME POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOAL DO PLURAL

GAYLHA WÉGILA DE OLIVEIRA (UFPB)

Com a inserção do *você* e *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, houve, nos termos de Faraco (2006), um rearranjo no sistema pronominal, gerando diversas modificações que afetaram não apenas o pronome em sua posição de sujeito, mas também em função de complemento, como as modificações das categorias dos pronomes possessivos e oblíquos. No caso dos possessivos de 1ª pessoa do plural, temos no português brasileiro, doravante (PB), duas representações: *nosso* (*a*) e *da gente*. Isto posto, este artigo tem por objetivos 1) analisar o comportamento sintático e morfológico no uso dos pronomes possessivos *nosso* (*a*) e *da gente*; e 2) refletir sobre a relação entre esses usos e o ensino de língua portuguesa. Os dados foram retirados do *corpus* D&G, recorte feito nos dados da cidade de Natal. Como referenciais teóricos, respaldamo-nos em estudos de Faraco (1996) e de Lopes (2007) que descrevem as mudanças no comportamento dos pronomes, bem como nas reflexões teóricas de Abraçado (1991), Omena (1998) e Rocha (2009) no que se refere à mudança no comportamento dos possessivos. A análise confirma uma tendência à variação no uso dos pronomes, não apenas na função de sujeito. O uso do “*da gente*” em lugar do “*nosso/nossa*”, já bem presente na língua falada, vem ganhando espaço no PB, especialmente em contextos mais informais, com maior tendência entre os mais jovens. Desse modo, usos não prescritos pela GT estão presente no dia a dia dos falantes e precisam ser observados e compreendidos em contextos de análise linguística e de ensino de língua materna.

MANIFESTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL "YO" NO ESPANHOL PENINSULAR FALADO SOB PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

LETÍCIA PEREIRA FERRI (UNESP/IBILCE)

O espanhol é concebido, inicialmente, como uma língua de sujeito nulo (*pro-drop*) (MARTÍNEZ CARO, 1999; PADILLA GARCÍA, 2001), pois as marcas de pessoa são expressas no verbo. Entretanto, diferentes estudos (ORTIZ LÓPEZ, 2016; PÉREZ CÓRDOBA, 2019), reconhecem que é cada vez mais frequente a expressão do constituinte sujeito, que pode vir anteposto ou posposto ao predicado. O presente trabalho visa a investigar, sob a perspectiva teórica da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a manifestação do sujeito pronominal *yo* no espanhol peninsular falado. Considerando que, em espanhol, o sujeito pronominal é necessariamente marcado por sufixos verbais, mas pode, no entanto, ser também expresso por meios pronominais, ou seja, pode ser expresso duas vezes: em uma forma independente (pronome) e na desinência verbal, a principal hipótese desta pesquisa é a de que a expressão do sujeito *yo* é resultado de estratégias pragmáticas utilizadas pelo Falante, que se refletem na codificação morfossintática, envolvendo a posição que ele assume na Oração. O universo de investigação consiste no *corpus* PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*). A respeito dos procedimentos metodológicos utilizados, as ocorrências de orações com a manifestação do sujeito pronominal *yo* (em situações comunicativas nas quais sua marcação não seria necessária), seja ele anteposto ou posposto ao predicado, serão analisadas levando em consideração os níveis propostos pelo modelo da Gramática Discursivo-Funcional. No Nível Interpessoal, serão observados os fatores tipo de ilocução da sentença (declarativa, imperativa, interrogativa etc.) e moldes de conteúdo (categorial, apresentativo e tético). No Nível Representacional, serão analisados os fatores função semântica do sujeito (Ativo, Inativo ou Locativo), molde de predicação (propriedade, relacional, classificacional, identificacional, existencial), valência quantitativa (zero, um, dois ou três lugares) e correferencialidade. No Nível Morfossintático, serão verificados os fatores número e pessoa, tempo e modo do verbo e posição do sujeito na Oração (P¹ e relativas, P² e relativas, P^M e relativas, P^F e relativas). Espera-se, portanto, com essa pesquisa, explicar as motivações funcionais que levam à expressão do sujeito pronominal *yo* em espanhol. Os resultados parciais indicam que a presença do sujeito pronominal *yo* assinala uma relação de contraste (explícito ou implícito) com relação a outros pronomes presentes no contexto. Ademais, também é possível verificar casos que apresentam a sobreposição de funções pragmáticas, como por exemplo Tópico e Contraste.

A EXPRESSÃO LEXICAL DA MODALIDADE POR MEIO DA CONSTRUÇÃO (É) VIÁVEL (QUE) + ORAÇÃO

PABLO JARDEL (UNESP/IBILCE)

Partindo da ideia segundo a qual as categorias gramaticais, e especialmente as categorias qualificacionais de tempo, modo, aspecto e evidencialidade, são organizadas em camadas hierárquicas (HENGEVELD; 2011; HATTNER; HENGEVELD, 2016), este trabalho investiga, em perspectiva sincrônica, a construção impessoal adjetival formada por (é) *viável* (*que*) no português, com o objetivo de analisar seus usos modais na língua. A perspectiva teórica assumida é a da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie e Keizer (2015), uma teoria estrutural-funcional que contempla quatro níveis de representação/análise: Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfossintático e Nível Fonológico. Para este trabalho, o nível relevante é o Representacional (semântico), uma vez que é nele que as categorias qualificacionais atuam, resolvendo-se em subcategorias a depender da camada em que se alocam (HENGEVELD, 2017, p. 4). Para cumprir a tarefa desta pesquisa, serão coletadas ocorrências das construção contemplada no *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), especificamente do banco de dados *Web/Dialetos*, que contém dados do português da contemporaneidade. Espera-se que a adjetivo predicativo seja meio de expressão prototípico de possibilidade de raiz, isto é, caracterize estados-de-coisas em termos de sua viabilidade (modalidade facultativa orientada para o evento, nos termos da GDF) e expanda seus usos para leituras de possibilidade epistêmica (modalidade epistêmica orientada para o episódio). Com este trabalho, espera-se contribuir com outros estudos já empreendidos acerca dos predicados adjetivais, como, por exemplo, Fortilli e Gonçalves (2013) e Fortilli (2013).